

Obra galardoada com o Prémio Caminho de Ficção Científica 1991

O Futuro à Janela

Luís Filipe Silva

NOTA: A posse, divulgação ou leitura da presente obra implica a aceitação automática dos Termos de Disponibilização em formato digital, constantes no final do livro

Índice

Prefácio à Versão Digital.....	3
INTRODUÇÃO: A IMPORTÂNCIA DO CONTO.....	8
DOIS ESTRANHOS, UM ENCONTRO	12
EMBAIXADORES DA BOA VONTADE,	22
OU CONTACTO!	22
OS POETAS DA RUA.....	28
LA NAUSÉE II.....	40
O FERNANDO PESSOA ELECTRÓNICO.....	52
PEQUENOS PRAZERES INCONFESSÁVEIS	58
O JOGO DO GATO E DO RATO	76
SÉRIE CONVERGENTE.....	88
TAMBÉM HÁ NATAL EM GANÍMEDES	96
A ÚLTIMA TARDE.....	104
CRIANÇA ENTRE AS RUÍNAS	112
ALA ANIMA.....	140
Termos de Disponibilização em formato digital da Presente Obra	146

Prefácio à Versão Digital

Muitos anos me separam agora desta obra. Quando escrevi as primeiras linhas (de qual dos contos, não tenho mais memória) decorria o ano de 1990, um ano pessoalmente mágico e terrível em iguais proporções, cheio de grandes sucessos e enormes desalentos, marcado por aquela forma peculiar que a juventude confere aos acontecimentos da nossa vida, tornando-se intensos e imensos, transformando o banal em épico, embora só bem mais tarde os recordemos assim. Nesse ano estava aberto o concurso da Caminho para recepção de originais de ficção científica, cujo vencedor e menções honrosas estariam destinados a publicação nos livros de bolso azuis de uma colecção que alternava com o género policial, na época em que ambas as manifestações de literatura popular tinham no nosso país e junto das editoras uma conotação semelhante e seguiam de mãos dadas nas colecções alternativas e baratas. Recordo-me ainda de receber o regulamento (que já antecipava, uma vez que se tratava de um prémio bienal) das mãos de um colaborador do *stand* da editora na Feira do Livro, numa quente tarde de Maio, após a faculdade.

Nos dois anos precedentes habituara-me a colaborar esporadicamente com os suplementos literários do Diário Popular (a secção policiária dos sábados) e do Diário de Notícias (o extinto DN Jovem). Este último em particular havia-se tornado num campo de treinos particularmente exigente, mas que finalmente conquistara com a publicação de um texto muito pessoal – sobre um autor de Ficção Científica, o Theodore Sturgeon – publicado no mês de Fevereiro desse mesmo ano. A conquista surgiria a tempo de ser incluído na selecção exclusiva da dúzia e meia de autores que constaram da única *Antologia DN Jovem* em formato livro (e com capa

dura), lançada em Setembro desse mesmo ano, onde surgiria precisamente com um conto de Ficção Científica.

Corria-me por isso a confiança nas veias e muita vontade de arriscar. E, graças à publicação regular do suplemento e à minha vontade de contribuir, conseguira um ritmo de escrita, uma rotina de me sentar à máquina de escrever (este livro foi todo escrito antes dos computadores, à parte o presente prefácio), que é imprescindível a qualquer escritor. Tinha textos por recolher, tinha um objectivo em mente. Tinha na memória a qualidade da *Espinha Dorsal da Memória*, do brasileiro Bráulio Tavares, último galardoado com o prémio (em 1989). Tinha, finalmente, muitas leituras em português e inglês, de histórias de ficção científica, livros de física e astronomia, e algumas opiniões, então bem vincadas, sobre o que considerava formas correctas e erradas de escrever ou abordar determinados temas. O terreno estava propício à fecundação.

O livro demorou-me o resto do ano a preparar, e pelo meio tive ainda tempo de recolher uma magra antologia de textos dispersos, denominá-la *A Arquitectura do Possível*, e enviá-la para um concurso do Instituto Português da Juventude (não me lembro bem do que sucedeu posteriormente, à parte ser contactado para o que seria uma proposta de Associação de Jovens Escritores Portugueses, que de logo me desagradou pelo elevado nível de demagogia política envolvida e escândalos públicos que inevitavelmente a acompanharam). Foi um ano de bastante escrita, e não só. Mesmo assim ficaram histórias por escrever ou por acabar, que tinha intenção de incluir. Outras tiveram de ser recuperadas da gaveta, desenvolvidas e acabadas (salvo erro, «A Última Tarde», e talvez «Também Há Natal em Ganimedes») porque o prazo se aproximava e era necessário preencher um mínimo de páginas, diversidade e estrutura. Se tivesse tido mais tempo ou energia, teria resultado num livro ligeiramente diferente – embora, estou em crer, não muito. Os temas que me preocupavam então eram bastante uniformes, mais do que julgara a início, do que resultou numa colectânea tematicamente mais coesa do que imaginara.

E foi assim que nos últimos dias do ano de 1990, o Natal já ido, preparava as quatro colecções de duzentas e tal fotocópias exigidas pelo regulamento, as enviava para encadernar, e as iria entregar em mãos, no dia 31, à sede da editora (sem antes me ter preocupado em confirmar se a recepção da empresa estaria aberta, e até que horas, tal era a minha inocência dos assuntos empresariais). E assim foi. Uma lenta espera até ao dia 17 de Junho do ano seguinte, em cuja quente tarde tardei a chegar a casa e a receber a notícia que alguém da Caminho me telefonara para casa. Telefonei de volta, de imediato, e falei pela primeira vez com o Belmiro Guimarães, que me anunciou a conquista do primeiro prémio. Agendámos logo uma reunião, uma preparação dos próximos passos. Ao conhecê-lo, perguntou-me se desejava manter a Introdução. Parecia-lhe uma

justificação dispensável do livro. Ponderei então, como ainda pondero hoje, e continuo a sentir que o livro sem esta contextualização, sem este entendimento, acontece abruptamente. Está na natureza das antologias e colectâneas serem explicadas, embora não no romance nem na novela individual. O grupo tem de fazer sentido.

Muitas portas se abriram, então, embora, olhando para trás, nem todas viessem a revelar-se a caminhos válidos. Recordo-me de jornalistas me ligarem para casa, em particular o Zé Pedro, com quem continuaria a contactar ao longo dos anos vindouros, que me apontou uma falha importante no livro (corrigida na edição do Círculo de Leitores, na qual esta se baseia), e que colocaria uma das perguntas mais interessantes de todas as entrevistas que concedi: se havia uma intenção consciente na ordenação dos contos (sim, há). Recordo-me da sessão de entrega do prémio na York House, onde conheci o João Barreiros e o José Manuel Morais, que me convidou então a participar na Omnia. Recordo-me do João me telefonar no dia 20 de Dezembro para me dizer que a sua crítica ao livro fora publicada no Público (e eu, fiel atento do suplemento literário-cultural das sextas-feiras, no qual o João costumava participar com artigos extensos e críticas acérbicas, já o conhecia de reputação bem à famosa caneta de aparo de titânio): não tenho mais a totalidade do texto, mas lembro-me que destacava a «Série Convergente», também um dos meus contos preferidos, e a «Criança Entre as Ruínas», cujo ambiente comparava a Stephan Wul (cujos livros eu só viria a encontrar depois das minhas primeiras idas a França). Recordo-me das menções simpáticas no semanário *Independente* da Sarah Adamopoulos (que nunca conheci). Recordo-me dos encontros «Palarvas¹ Para Quê?», que tiveram lugar na livraria São Bento 34 – uma das primeiras que misturava prateleiras com livros, espaço para café e um poço verdadeiro (sim, um poço) –, que eram organizados pelo Nuno Artur Silva, o Rui Zink e o Alberto Oliveira Pinto, e cujo propósito era de reunir os jovens autores de então para, durante três sextas-feiras consecutivas, se debater literatura e ler-se excertos das respectivas obras por actores profissionais (no meu caso, foi o António Feio, que escolheu o segmento «Jean-Luc Armand» do «Poetas da Rua»). Recordo-me da leitura na rádio, pelo prestigiado Rui de Carvalho, da secção inicial do «Jogo do Gato e do Rato». Recordo-me da reportagem na revista *Ler*, e de como desta surgiu ao Círculo de Leitores a ideia de constituir uma colecção temática de obras de jovens autores portugueses, na qual *O Futuro à Janela* ganharia uma reedição em capa dura, em 1998, sete anos depois da edição original.

Estávamos contudo, noutro século, noutro universo. Escrevia-se sem recurso da Internet, apenas das bibliotecas pessoais e públicas. A divulgação era mínima, e a capacidade de intervenção individual muito

¹ É mesmo *palarvas*, não se trata de gralha.

mais limitada do que o é neste final de primeira década do século XXI. As editoras não tinham ainda descoberto o filão de ouro da fantasia para jovens, e este género, embora tolerado, não era acarinhado como devia. O valor do prémio (300 mil escudos, que representava a totalidade da edição) continua a ser, ainda a esta data, o maior volume financeiro de *royalties* que recebi por uma obra minha². A edição da Caminho saiu cheia de gralhas e com alguns cortes acidentais no texto que lhe alteravam o sentido, o que obviamente me entristeceu – só na edição do Círculo de Leitores conseguiria finalmente recuperar o sentido original do livro. E por fim, o tratamento dos livreiros face ao género, escondendo literal e envergonhadamente a Ficção Científica nas prateleiras mais recônditas, enquanto que os restantes jovens autores portugueses eram expostos com pompa e glória nas mesas de destaque ao público, o silêncio relativo de fãs (à parte os conhecidos e contactos esporádicos) e críticos, a inexistência de clubes e movimentos associativos, a falta inclusive de outros autores, começou a ensinar-me como escrever neste mercado, nesta língua e nesta época se tratava mais de um custo efectivo do que um benefício.

Isto até ao advento da Internet. Tratando-se de uma ferramenta de verdadeira democracia, talvez a primeira, quase mais importante que o direito ao voto, tem permitido a expressão individual e a divulgação mais ou menos facilitada de autores e obras (e não só) até agora de difícil acesso ou presentes somente nas listas especializadas de alguns entusiastas. Apenas o futuro dirá se esta forma de estar no mundo virtual irá permanecer ou se não passa de um sintoma de uma tecnologia/sistema cultural ainda não completamente interiorizado e legislado que rapidamente terá os grilhões do controlo autocrático firmemente cravados – não interessa, há que aproveitar. Muitos autores internacionais o têm feito, com alguma polémica envolvida, para se auto-promover mediante iniciativas de divulgação, entre as quais figura a disponibilização gratuita das suas obras.

Eis o enquadramento desta ideia de colocar online *O Futuro À Janela*, quase vinte anos após a sua concepção. Tanto quanto saiba, é a primeira obra a ficar assim disponível ao grande público deste território virtual que teve uma existência física e um currículo apreciável na área da ficção científica portuguesa. Se me perguntarem sobre perdas eventuais desta iniciativa, creio que me vou limitar a devolver-vos um sorriso simpático – seguramente que ninguém se lembrará mais de um prémio há muito atribuído, em particular de um livro que dificilmente se encontrará nas livrarias ou poderá ser encomendado, e decerto que não corro o risco de não enriquecer com a perda de vendas. Por outro lado, quem sabe se desta forma ganhe um pequeno novo alento e encontre leitores que não teria oportunidade de conhecer?

² E visto que fui igualmente pago (em menor valor) pela reedição do Círculo de Leitores, posso afirmar que o meu primeiro livro é igualmente o meu mais financeiramente rentável...

Fica disponível para vossa leitura, impressão, distribuição, e talvez crítica. Apenas peço que sigam as orientações de direitos reservados indicada no fim do livro.

Façam o favor de abrir a janela. Lá fora, é já amanhã.

Luís Filipe Silva
25 de Junho de 2007

Email: **contacto@TecnoFantasia.com**
Website: **www.TecnoFantasia.com**

INTRODUÇÃO:
A IMPORTÂNCIA DO CONTO

I remain convinced that the really vital work, the evolutionary work that reshapes the [science fiction] genre in its own image, is usually done at short-story length, and not in the novels, in spite of the money and attention spent on them. Without the work being done at shorter lengths, usually by ill-paid and under-appreciated new young writers, the genre would eventually sicken and die.

Gardner Dozois

***D**e todas as formas de narrativas existentes, o conto é provavelmente a mais antiga, lugar que disputa somente com os cantares trovadorescos e os poemas épicos. O seu reduzido tamanho e capacidade de síntese tomaram-no no preferido da tradição oral, no tempo em que a função do prosador, a de encantar, era imediatamente posta à prova perante o seu público, e não recorria a estatísticas comerciais para que o seu valor fosse reconhecido. Tratava geralmente de questões pontuais, de ordem moral ou social, e era contado em redor das fogueiras, para olhos ansiosos, olhos das crianças de todas as idades; o centro da atenção convergia lentamente do fogo para o novo sol em intensificação, e, quando menos se esperava, havia palavras a esvoaçar entre os corpos imóveis, de respiração sustida, palavras unidas por laços, que se enrolavam em torno dos ouvintes, e a eles também uniam. Depois, apareceu a folha de tecido seco, os líquidos pigmentadores, os paus com bico de aparo, os pictogramas idecontextuais, e as regras de composição; os instrumentos estavam preparados, era só atribuir um nome ao novo jogo: escrita.*

Se a possibilidade de armazenarmos, na íntegra, os originais das narrativas nos permitiu que houvesse uma maior diversificação das mesmas, sem que fossem adulteradas através das repetições sucessivas (intocabilidade que actualmente só se encontra limitada pelo obstáculo da tradução), permitiu igualmente que elas crescessem, que se desenvolvessem e tornassem complexas, e que nascesse uma nova profissão de artesãos especializados, os escritores. Note-se, porém, a mudança que ocorreu: antigamente, as narrativas eram personalizadas — aquele que contava, adequava a história às exigências do momento e das gentes que o ouviam, e transmitia-lhes a versão que mais lhe diria respeito — mas também eram sociais, não se dirigiam especificamente a cada ouvinte, mas ao conjunto do grupo em que este se inseria.

Depois, com o advento da escrita, conhecer a história tornou-se num acto individualista: havia que lê-la, que observê-la com o espírito curioso. E porque não havia adulterações à forma original, as vozes narradoras eram igualmente individualistas; não tocavam os corações de todos os leitores... mas quando o faziam, o prazer era maior e mais pessoal — como se o leitor acabasse de encontrar uma alma gémea que falava a mesma linguagem da alma e compreendia o que lhe ia no íntimo.

As vozes individualistas começaram a falar, e não se calaram. As suas histórias cresciam, em volume e em densidade e, quanto mais se dizia, mais parecia faltar para transmitir. A invenção da imprensa provocou somente uma cena agitação no meio, principalmente no início, pois os povos não se encontravam preparados para receber a dádiva das palavras empalhadas, e olhavam com irritação para a elite denominada culta, que, de tanto apreciar o exclusivismo, já exhibia os seus conhecimentos como pavões: apenas para dar nas vistas. O que realmente revolucionou a escrita foi o aparecimento do papel de baixo preço. O livro perdeu o seu porte sagrado, e tornou-se num objecto do dia-a-dia, portátil, um amigo que nos proporcionava algumas horas de prazer.

E, perdido no meio de todo o processo, o conto perdeu o lugar de rei.

Porque tem o romance a primazia sobre as formas de prosa? Para percebermos a resposta, temos de atentar à característica que o individualiza, e que é o tamanho. Um romance de ficção científica, por exemplo, é considerado tradicionalmente como qualquer história com mais de 40 000 palavras. Estatisticamente, a dimensão média da maioria dos romances publicados situar-se-á em redor das 80 000 ou 90 000 palavras. Isso constitui espaço para criação! Histórias assim extensas podem comportar uma variedade de personagens, de cenários, de enredos e subenredos, e até de próprios estilos, que as formas mais curtas de prosa não conseguem; podem, principalmente, manter um ritmo de desenvolvimento que faça o leitor entranhar-se na carne e no espírito do narrador, que o faça conhecer a personagem, simpatizar com ela, e preocupar-se verdadeiramente com o que lhe acontece.

No conto, tentar apresentar, de um modo resumido, uma narrativa que exija um tratamento mais avantajado, resulta para o leitor em tanta frustração, como introduzir descrições longas e elaboradas num romance de acção. Não seria de surpreender se, no fim, o leitor acabasse por atirar o livro para o chão, tamanho seria o desagrado.

O que se adequa à função exemplar do conto são histórias com uma focagem muito concentrada, onde se movimentam poucas personagens num reduzido número de cenários. São construídas, como nos velhos dias, em torno de uma mensagem ou de uma ideia central, cuja presença se sente muito intensamente (os romances também contêm uma mensagem semelhante, que, no entanto, se encontra «diluída» ao longo da sua extensão). Não necessita de ser clara, nem simples. Desde os tempos do surrealismo e do verso livre que deixou de ser obrigatório explicar tudo ao leitor.

Da parte de quem escreve, o conto é um excelente exercício de discurso. Devido à sua brevidade, certos estilos podem ser experimentados, sem se tornarem cansativos; ideias que resultariam absurdas ou artificiais, ou cuja simplicidade não requer desenvolvimento, tornam-se interessantes e, possivelmente, provocantes — facto que não aconteceria, se fossem elas temas de longos romances; e, principalmente, é o instrumento primário do jovem aprendiz, ainda incerto da sua pena (nos dias que correm, leia-se: da sua digitação no teclado), de que usa e abusa para polir as arestas da prosa.

Para os escritores de ficção, em geral, o trabalho é extremamente facilitado. Não têm de detalhar a época em que a acção ocorre, confiando na capacidade de reconhecimento dos leitores; não têm de explicar o que é e como funciona um telefone,

ou um carro, ou sequer de mencionar para que serve a televisão (quem pensaria nisso há um século?). Existe até a ideia preconcebida que os elementos do meio ambiente não devem sequer ser incluídos na narrativa, e que os personagens não tenham qualquer relação significativa com os mesmos, apenas entre si — uma noção absurda, pois, na vida real, os nossos dias são passados a interagir com objectos e com os agentes ambientais que nos rodeiam. Os escritores de ficção, em geral, precisam apenas de preocupar-se com o estilo e o desenvolvimento interior, sentimental, dos personagens de primeiro plano, e de fazerem valer a mensagem a transmitir.

Outros, como os escritores de ficção científica, não têm tanta sorte. Por definição, as histórias de FC precisam de ocorrer em manifestações socioculturais que nenhum povo da Terra tenha experimentado até então; frequentemente, essas manifestações situam-se num futuro possível. Como, então, no breve espaço de manobra permitido pelo conto, descrever os vários aspectos de uma sociedade inventada?

A resposta é: uma notável capacidade de síntese. Ou, de outro modo, parte-se de uma sociedade com alterações muito básicas; a síntese, nesse caso, situa-se no enfoque estreito em cima da acção e da localização da narrativa.

O ideal será, evidentemente, conseguir uma perfeita mistura de estilo-enredo-ambiente, que, formando um todo unido, tenha presentes os factores principais da FC: regiões inexploradas, sentido da descoberta, e o rigor científico subjacente à ocorrência dos acontecimentos. Apesar de os romances constituírem portas abertas para esses admiráveis mundos novos (que poderão nada mais ser que a mera mente alienígena dum extraterrestre de visita ao nosso planeta), os contos são as janelas através das quais espreitamos, para termos uma ideia do que iremos encontrar, antes de penetrarmos pelas portas. E são essas janelas, que convidam as cores dos céus que encimam o horizonte dos planetas inexplorados, as primeiras a serem abertas, pela manhã, cortinas puxadas para o lado, e vidros corridos, de modo a deixar entrar o ar do dia que nasce, e expulsar o da noite. A citação de Dozois, no início, sumariza exemplarmente esta ideia. Quando a literatura avança, o passo é sempre pequeno, a experimentar o terreno, porque é grande o risco. Maiores passos serão dados, em seguida, quando a confiança for ganha.

Em FC, esses passos estão sempre a ser dados: está-lhe no sangue, ir em frente. Ela é a literatura rebelde e indomável. E nós, que a amamos, não conseguimos coibir-nos de seguir-lhe no encalço.

DOIS ESTRANHOS, UM ENCONTRO

D. Henrique estava a bronzear-se debaixo de uma lâmpada de ultravioletas quando a chamada apareceu.

Aborrecido pela interrupção, endireitou o recosto da cadeira, ordenando ao terminal que removesse a lâmpada da sala antes de completar a ligação. Tirou os óculos escuros que usara para proteger a vista. Sem eles, sentia-se exposto; as recordações formavam um contraste muito forte com o cenário dos robôs arrumadores e da maquinaria de comunicação — o resto da sala estava abençoadamente mergulhado na mais profunda noite. Podia continuar a imaginar que estava num maldito pesadelo, que nada tinha realmente acontecido. Mirou-se no reflexo das lentes; os seus olhos estavam vermelhos como o sol-poente nos dias mais quentes do Estio, que costumava ficar a ver desaparecer sob o Atlântico, e havia neles um nevoeiro especial, feito de espuma do mar levada pela brisa e de saudade. Sentiu o sal das lágrimas no canto dos lábios.

Antigamente, ia encontrar-me com o mar para ficar a ver as naves desaparecerem no horizonte. Agora, neste sítio estranho onde não existe mar, é ele que vem encontrar-se comigo. Por mais que tentem, não conseguirão separar-nos.

Voltou a colocar os óculos. Não queria que o Dantas soubesse; era melhor que pensasse que ainda continuava fascinado pelos apetrechos, como um bebé recém-nascido.

— Como está, Infante? — Até o ecrã era totalmente ocupado pela sua figura. Dantas era uma daquelas pessoas que sentem necessidade de representar o centro absoluto do Universo, o fulcro da existência das coisas, e que envidam todo e qualquer esforço para neles se tornarem, efectivamente; não se apercebiam, ou não se importavam, o quanto se tornavam incómodos. Uma folha caduca precisaria do seu consentimento para tombar da árvore. Não podiam ter escolhido pior pessoa para chefiar a operação. — Folgo em vê-lo com tão boa aparência. Os ares do futuro fazem-lhe bem, estou a ver.

— Como pode afirmar isso, Dantas? — retorquiu-lhe o D. Henrique.

— Desde que para aqui vim, ainda não saí desta Arcologia. Quando é que me vão deixar passear na rua com os meus próprios pés, respirar o ar da atmosfera?

O homem no ecrã fez um trejeito mal disfarçado com os lábios, o que denunciava que ia mentir.

— Bem... o senhor já sabe. Seria um grande choque cultural fazê-lo expor-se a tal situação sem estar devidamente preparado.

— Tem-me dito isso desde a primeira vez que lhe fiz a pergunta. E tinha razão: se não tivesse sido instruído lentamente, não sei o que faria. Pensaria talvez que chegara à moradia do Demo. Mas já se passaram catorze meses. Acho que já estou preparado para aguentar esse choque. Se aguentei o choque dos robôs... sabe quantas pessoas artificiais tínhamos em mil quatrocentos e cinquenta?

— Ora, Dom Henrique, não seja sarcástico. Não se compara: isso são máquinas; na rua, o Infante teria de lidar com pessoas, com casas, com paisagens...

— Aconteceu alguma coisa com as pessoas que me fizesse ficar tão chocado assim? O que foi: têm duas cabeças, sete mãos, o quê? — O homem continuava contrito. Ele quer alguma coisa, percebeu. Continuou: — Afinal, você é deste tempo e parece-me bastante normal. — *Sim, mas relativamente a quais referências, é que eu não sei.*

Dantas soltou uns murmúrios que mais pareciam o grunhir de um porco, e tentou desviar a conversa:

— Eu tinha uma coisa para falar consigo. É que... bem... chegou outro.

— Outro quê?

— Outro... como você. Uma personalidade do passado. Uma equipa foi buscá-lo há cerca de um mês. Já lhe construímos um corpo renovado, já fizemos com que integrasse a nossa língua e a nossa cultura. Vamos agora iniciar o mesmo programa de adaptação que efectuámos consigo, só que, claro, sem... bem, sem repetir os erros.

As mãos de Henrique tremiam como ervas ao vento. Para disfarçar, retirou os óculos.

— Quem é?

— É um quase-contemporâneo seu. Quase da mesma época, só uns anos mais à frente. Não creio que o conhecesse bem, mas ele ouviu falar bastante de si. Dom João II. O rei.

O Infante tentou fazer com que a voz não traísse as suas emoções.

— O que quer de mim?

— Nada de mais. — O Dantas parecia demasiado casual, demasiado corriqueiro. Não compreendia o que aquilo significava. Não compreendia. — Mostre-lhe a casa. Fale com ele. Explique como são as coisas. Ajude-o. Ser-lhe-á mais vantajoso ter alguém próximo do seu contexto cultural. Fa-

lo-á sentir-se em casa.

Jamais, Dantas. Se é português de cepa, jamais. Mas tu não compreenderias isso, pois não?

— Quando é que começo?

Fez uma expressão de embaraço.

— Bem, para falar a verdade, já lho enviei. Deve chegar à sua moradia dentro de pouco tempo.

— O quê? Já?!

— Sim — parecia atrapalhado. — Alguns minutos. O tempo que demora o transportador. Não vejo porque não começar logo...

— E você não foi capaz de me avisar mais cedo? — gritou-lhe o Infante, interrompendo-o. Desligou o terminal mesmo na cara do outro. Estava furioso. Até ali, até naquele século de tecnologias fantásticas que tornavam possível a conversa normal entre duas pessoas muito distantes, havia incompetentes! Não se encontraria maneira de curar essa maldita doença?

E agora tinha pouquíssimo tempo para preparar a habitação para a chegada do rei. Olhou em redor. Havia demasiadas modernices, demasiada estranheza. Mandou retirar o holoprojector, e substituir as cadeiras amovíveis por bancos normais. Mandou cobrir o terminal, e ordenou ao ambiental que enchesse a casa com a fragrância da brisa marítima ao entardecer. Não que D. João se espantasse com o que de novidades pudesse ver; Henrique sabia, por experiência própria, que descobertas em excesso tornam dormente o espanto de um homem. Mas, se aquela iria ser uma viagem ao jardim do passado, ele queria que fosse feita de um modo correcto.

O terminal apitou a anunciar alguém do outro lado da porta.

O *Navegador* apercebeu-se subitamente que o seu coração corria como um louco. Nunca gostara de ser conduzido a situações onde não se sentisse perfeitamente seguro. Mas esta, estranhamente, desejava-a, ao mesmo tempo que a temia. Desejava-a com uma paixão anormal, como aquela que sentia ao falar, dentro de si, com o seu Deus. Com voz trémula, deu a ordem de abertura à porta.

O homem que entrou na sala era de estatura mediana, bem constituído mas pouco mais alto que o Infante. Enquanto silhueta, passaria por uma pessoa normal, talvez um pouco diferente dos contemporâneos, mais áspero, um diamante em bruto, pois, como Dantas dissera, o tempo apura as formas da raça. Mas, quando saiu das sombras, percebia-se que não se tratava de um homem normal. Os seus olhos eram únicos. Penetravam na alma como duas garras afiadas, vivas; duas lâminas de omnisciência e fogo capazes de capturar o espírito do mais forte dos adversários e dominá-lo a seu bel-prazer. Quando o olhar pousava nas coisas, dava-lhes sentido e uma razão para existir, obrigando-as a

ajoelharem-se à sua passagem. Nada tinha realmente substância enquanto ele não tomasse consciência dela; e depois, voltaria a perdê-la, quando finalmente ele se afastasse. Aquele era o olhar de um rei.

O espírito do Infante cantava como um melro na Primavera. Todo ele era adoração e orgulho. Na sua frente, postava-se a encarnação viva da nação que outrora tinha sido Portugal; o que ali estava não era só uma pessoa, um líder, mas a reunião das almas de todos os portugueses, o cheiro da terra lavrada, a ranger da corda na gávea, a língua que unia as mentes de um povo e as tornava numa única entidade, na abstracção da ideia, na palavra viva. Durante a permanência neste tempo que não era o seu, tinham querido convencê-lo que a história se apoiara em assassinos cruéis e na miséria geral do povo para avançar; tinham querido voltá-lo contra a sua Pátria. Como o bravo soldado que era, resistira de peito erguido e queixo convicto. Mas as ideias com que o atacavam eram cristãs, e ele também era um fiel devoto; soçobrara por vezes aos argumentos, porque falavam com a voz da Paixão pela humanidade, e baixara o escudo o suficiente para ser contaminado pela dúvida. Hoje, recobrava a certeza absoluta. A confirmação de uma pátria que era mais que uma divisão geográfica duma porção do solo, ditada por milhares de acordos políticos, era um povo, uma cultura, entrara pela sua moradia. Dantas que discutisse com o rei, se fosse capaz de aguentar aquele olhar.

D. Henrique ajoelhou-se segundo o exigido, a cabeça devidamente baixada e desprotegida, indicando a sua entrega total. Não falou enquanto o rei não o fez.

— Levanta-te, Infante. Não há razão para o teu procedimento. Sou um rei sem reino.

Os olhos de Henrique brilhavam quando ergueu a cabeça para o seu rei.

—Jamais, senhor. É o rei que faz o reino, não o oposto. Onde quer que pisardes, esse solo será português, e vós o soberano.

João lançou um sorriso cansado.

— Poupa-te a elogios, Henrique. Ouvi os que chegassem nos meus dez anos de reinado, vindos de bajuladores sem escrúpulos. — Contudo, efectuou o acto digno de um monarca: sentou-se sem ser convidado, no banco mais alto da sala, com movimentos seguros e controlados; D. Henrique restringiu-se a permanecer de pé. — Agora, não os tenho de ouvir mais. A Divina Providência encarregou-se de retirar todos os fardos que pesavam sobre os meus ombros. Não preciso de me preocupar com tiranos que cobicem o trono, nem com traidores que abram as portas aos inimigos. Pela noite, não acordo mais em suores frios, temendo encarar o brilho duro duma lâmina no meu peito; deixei também de procurar no vinho o gosto amargo do veneno. Não tenho de mandar matar conspiradores, nem amigos que comecem a deter demasiada influência. É uma vida calma e segura. O

Paraíso para qualquer homem. Mas... — aqui abriu muito os olhos. — Mas Deus sabe como eu desejo a antiga de volta.

— Vós reinastes por curtíssimo tempo.

— Horivelmente curto, meu bom Infante. Não fiz metade do que planeava, e menos de um quarto do que desejava. Morri antes de alcançar o meu grande objectivo...— num gesto brusco, e muito impróprio de si, lançou as mãos à cara. — Céus, o que estou a dizer!

O Infante fez um trejeito de empatia.

— Compreendo-vos bem, senhor. Sentimo-nos como fantasmas com corpos emprestados, vivendo num plano não terrestre. O tempo concede-nos a existência, mas estamos constantemente em dívida. E depois, começamos a pensar que os únicos que são reais são aqueles de onde viemos, as vidas que deixámos, as pessoas que já não somos...

As palavras tinham jorrado da sua boca sem pensar nelas. Havia uma força dentro dele, apercebeu-se, que se rebelava sempre que era tocada. O silêncio climático que se seguiu foi embaraçoso e desconfortável; para o quebrar, D. Henrique pediu bebidas. D.João, com certeza, escolheu porto.

— A última coisa de que me lembro... — começou este, um pouco indeciso. — A última coisa de que me lembro é a de estar no meu leito, onde uma grande fraqueza me envolvia o corpo, a ponto de os extremos da dor tocarem os extremos da insensibilidade. Os espectadores estavam lá fora, até os criados, grande parte à espera secretamente que me finasse. E depois... houve um clarão, e surgiram homens com máscaras e vestes estranhas, brancas (só lhes via os olhos). Agarraram-me, vendaram-me... e acordei numa câmara, de plástico, todo coberto de fios, e sendo observado por pessoas esquisitas. Não sentia mais dor alguma. Julguei que tinha morrido, mas não reconhecia o sítio onde estava como Céu ou Inferno, ou algo intermédio.

— Bem, sim — começou o *Navegador*, entusiasmado por finalmente poder contar a alguém. — Eles fazem uma coisa inteligente, que é copiar a personalidade inteira do sujeito, sem terem de transportá-lo para fora do seu tempo. Assim evitam provocar distúrbios no princípio de causa-efeito. O processo é simples: sabendo que a personalidade de alguém é determinada por dois vectores, a memória dos eventos que a moldaram, e a composição física do cérebro, necessitam apenas de recolher a informação a eles respeitante. A porção física é fácil: colhem uma amostra de tecido, e reconstroem o corpo em laboratório a partir do ADN, fazendo-o crescer somente até à idade desejada. Por essa razão, não aparento a idade com que «morri», mas menos quarenta anos. Mais difícil é a duplicação da memória. Mas a memória não passa de longas cadeias de ARN contido nas células do cérebro; é preciso então um leitor, que tenha acesso ao código, e depois envie a mensagem decodificada para um computador. O leitor é um conjunto de nanobôs introduzidos pelo nariz... — e então calou-se, porque

se apercebera do silêncio. — Vós não me seguis, meu rei?

— Não compreendo o específico. Mas percebo o bastante para me admirar. É pura magia. E tu também, Infante. Aprendeste rapidamente.

— O conhecimento sempre foi um dos prazeres, meu senhor. É espantosa a base de dados que eles possuem. Posso procurar um assunto à minha escolha, inter-relacioná-lo com outro, pedir textos do passado, ou textos do presente que analisem os do passado, criar previsões do futuro... fenomenal! E além disso, tenho o Professor.

— Ah, sim — comentou D. João, visivelmente incomodado pelo assunto. — A máquina que nos ajuda a aprender. Ensinou-nos a falar desta maneira, com todos estes vocábulos, todas as novas regras da gramática. Preparou-nos para o mundo que nos esperava, os robozecos, os computadores, a 3Dholovisão. E muito provavelmente diz-nos o que pensar, também. Teria sido bastante útil, lá no nosso tempo.

Foi a vez de Henrique ficar perturbado.

— Senhor, não julgais que...

— Não te deixes enganar pela destreza dos dedos num saltimbanco de rua, meu bom Infante. Eles podem ser mais avançados que nós éramos, mais espertos, mas isso não implica que sejam menos humanos. Política é sempre política. Se aqui nos trouxeram, é porque querem algo de nós.

— Mas... o que temos nós que...

— Conhecimento. — A paixão pelo discurso impeliu o rei da cadeira, fê-lo levantar-se e passear pela sala, a mão que segurava o copo a traçar o raciocínio no ar. — Conhecimento específico. Sobre uma certa época.

A ideia não agradava, ao Infante. Sentia-se mal no papel de peão num jogo que não controlava, de que nem conhecia as regras.

— Mas eles têm tantos dados, tanta informação...

— Talvez queiram mais. De qualquer modo, que outra coisa possuímos nós? Foi-nos dado tudo, as roupas, a comida... até os nossos próprios corpos! Só nos resta a alma. Uma coisa pobre e frágil. Será isso que eles querem?

A espinha de Henrique foi percorrida por um arrepio. Todo o seu corpo estremeceu.

— Então, seriam... — os olhos arregalaram-se muito — demónios!

— Bem, se estamos no Inferno, é bastante mais ameno do que me tinham contado! — O rei soltou uma gargalhada, mas estava longe de se sentir bem-humorado. As rugas presas no cenho carregado denunciavam o seu nervosismo interior. — Mas não creio que sejam demónios. São bem piores: são humanos. Não te preocupes, Infante. Que mal nos poderá acontecer? Estamos mortos há quase sete séculos!

O servo automático reapareceu com nova rodada, o que constituiu, para o *Navegador*, uma ajuda do Céu. Fez-se de novo silêncio, enquanto o vinho era saboreado e tragado, agora com menos pressa, uma vez que a

barriga já não se sentia posta de parte. Aproveitou a oportunidade para fertilizar uma ideia que começara a brotar no fundo da nuca.

Supondo que o raciocínio de D. João estava errado? Que não estavam ali pelo que conseguissem informar, mas pelo que outros conseguissem aprender através de si Próprios. Fazia-se o mesmo na corte com aqueles animais de África, aqueles pássaros... como era o nome deles? Levavam-nos aos salões para ilustrar as histórias das terras e dos povos exóticos, suspensos nos braços dos escravos, as cores vivas da plumagem a contrastarem com o negro da pele. Talvez eles fossem o mesmo! Peças de exibição, animais não de outras paragens, mas de outros tempos. Quando expôs a teoria ao D.João, este pareceu ponderá-la, e depois assentiu, Tal poderia ser, mas afirmou:

— Oxalá estejas errado, Infante. Prefiro estar morto que a servir de macaco de exibição!

— Bem, tem as suas vantagens...

— Claro que tem — assumiu um ar sarcástico, não muito monárquico. — Levam-nos a comidinha à boca, alisam-nos as penas, aparam-nos o bico. Toda a gente gosta de nós, riem-se com os nossos gestos, fazem «Oooh!» com as nossas habilidades. Porra, até podemos cagar onde nos apetecer, que ninguém se aborrece! A porcaria de um animal domesticado... — e, num repente de fúria, que assustou o outro, D.João atirou o copo com toda a força de que dispunha. Embateu no chão, fez ricochete na parede, e foi parar a um dos cantos. Não se partiu. O rei gritou: — Porque é que não me deixaram no meu tempo, onde eu me sentia bem? Tanta coisa que ainda tinha de fazer! Porque é que não me curaram e me deixaram governar mais tempo? Ah, o que teria feito daquele país!... Estão a ouvir? — gritou para as paredes. — Porquê?

— Acalmai-vos, senhor. Não está aqui ninguém connosco.

— Não? Tens a certeza? — Voltou-se irado para o Infante, que recuou ligeiramente. Os olhos brilhavam como duas pederneiras esfregadas uma contra a outra, soltando faíscas. — Julgas que eles não terão máquinas para ver através das paredes, para ouvir o que dizemos? Que não estão a seguir-nos, *agora*? Se até conseguem ler as nossas mentes...

E aí parou, desanimado. Era inútil. Perdera o poder. Já não era rei, temido e obedecido pelos seus. Era um estranho num mundo de outrem. As coisas aconteciam fora do seu controlo, longe da sua vista. E, contudo, conseguia apercebê-las. Muito difusa, muito incertamente, mas estavam lá, possuía ainda a velha manha de ouvir o que não era dito, de olhar para as sombras. Apesar disso, era impotente para as modificar, ou provocar. Voltara a ser uma pessoa como as outras, de novo um príncipe, mas sem reino para herdar, agora. Sem razão para viver; excepto pela força de existir... e pela curiosidade.

Pegou noutro copo, e indicou ao Infante que fizesse o mesmo.

— Uma saúde!

Viveria para saber o que pretendiam dele. Então, voltaria a ter poder. A ser forte. Só precisava de ter paciência, e aguardar pelo desfecho dos acontecimentos.

Levantou o copo à máxima extensão do seu braço, sólido como uma rocha.

— A Portugal! Que o estandarte da sua glória possa voltar a erguer-se sobre as cabeças dos nossos inimigos!

E num só trago, selou o compromisso com o destino.

EMBAIXADORES DA BOA VONTADE,
OU CONTACTO!

Estava um homenzinho verde, vestido com um fato de vácuo e capacete, de onde sobressaía uma grande antena, em frente da casa do Oliveira. A placa facial estava obscurecida, pelo que não se conseguia notar o seu rosto, e na mão direita segurava uma pistola laser carregada.

— Em nome do Grande Guia Desprovido de Cornos, Rei de Mil Mundos e Trinta e Cinco Asteróides, Aquém e Além-Galáxia, faço-te meu prisioneiro. Leva-me ao teu líder.

Oliveira olhou muito espantado para a criatura. Não parecia notar que a arma estava apontada na sua direcção. Durante alguns instantes, hesitou, como se indeciso em como haveria de reagir. Resolvendo aceitar a situação filosoficamente, dobrou-se, colocou um indicador esticado sobre os lábios, e, admoestando-se interiormente por andar a abusar de mais, fez:

— *Chhhh!* Fala mais baixo. Ainda acordas a patroa.

Depois voltou-se para a escada e começou a subi-la. Não parecia conhecer a regra empírica que a distância mais curta entre dois pontos é a linha recta, pois, ao dirigir-se para a porta, o seu corpo balouçava em arcos de noventa ou mais graus. O homenzinho seguiu-o.

— És meu prisioneiro. Deixaste de ter vontade própria. Submete-te.

Oliveira tentou trepar por um degrau a mais dos que a escada tinha, e caiu de borco no terraço. O estrondo fez a casa estremecer até às fundações. Muito indignado, voltou-se para a criatura, e mandou-a calar outra vez.

Mas esta começou:

— Qual é o vosso poder bélico? Quantos canhões de plasma possuem? O tamanho da frota aérea? Sabem o que é nulespaço de Zimersan Peh?

O dono da casa entretanto desistira de seguir para a porta e voltou-se para uma janela que descobrira ter ficado entreaberta. Sentou-se no rebordo e passou, a custo, uma perna para o interior.

— O vosso planeta vai ser alvo de uma invasão nos próximos dias. Para que tudo corra em paz e sem mortes (bem, lá haverá o seu

sacrificozinho aos Excelsos Deuses da Terra Subaquática do Semioeste, um ou dois holocaustos nucleares, mas isso nem se conta) é imperativo que fiquemos a conhecer a vossa capacidade de resposta. Leva-me... — dizia a criatura, enquanto Oliveira prosseguia na sua tarefa. Interrompeu-se, quando surgiram de repente duas mãos do meio dos cortinados, que agarraram Oliveira pela lapela e o puxaram para dentro. Ouviu-se um estrondo, e uma luz acendeu-se.

Depois, a voz começou a guinchar:

— Isto é que são horas de chegar? Isto é que são horas de um pai de família chegar a casa? Estiveste na farra, não foi? Com o Armindo e o Janoca, aposto. E o novo que não te pára de chatear. No bar da esquina! E eu aqui feita parva, preocupada a pensar que te tinha acontecido alguma coisa! E tu nos copos! Ena, como estás porco! Não tens consideração por mim, nem pelo teu filho!... Ouves? Tás a ouvir? Vês o que fizeste? O bebé acordou. Bêbado! Não passas disso. Toma! Toma, bêbado, toma!

Cada «toma» era acompanhado por um ruído cavo, como se um objecto estivesse violentamente a bater noutro. E cada ruído era seguido por um grito curto, que crescia dos tons da dor para o nível do desespero.

A porta abriu-se de rompante e Oliveira saiu disparado. A criatura sentiu-o apenas como uma rajada de ar. Quando se voltou, já ele ia no meio da rua.

Alguém chocou consigo por trás. O homenzinho verde viu subitamente o chão erguer-se para o abraçar. Reagindo conforme o treino, apoiou-se nas mãos e deu uma cambalhota, ficando de pé no fim do movimento.

A mulher não tivera tanta perspicácia. Caiu com um enorme espalhafato no meio da relva. Mas, como se impulsionada por uma mola, prontamente se levantou e procurou a causa do seu infortúnio.

— Ahá! — gritou, ao descobrir a pequena criatura.

Nunca uma palavra só aterrorizara tanto o alienígena. Debilmente, procurou a sua arma.

— Então és tu o amigo de quem ele tanto fala! O tal não pára de telefonar para irem para as tabernas.

A criatura olhou com receio para o objecto que a mulher empunhava na mão direita. Conhecia o material: era um cilindro de madeira polida, com pegas em ambas as extremidades. Não parecia, por si próprio, ter sido concebido como uma arma, mas a maneira como a dona o manuseava conferia-lhe um aspecto letal.

— O meu Oliveira é um fraco, sabes? Não sabe dizer não aos amigos. Estou sempre a dizer-lhe para se afastar das más companhias, mas ele não sabe desenvencilhar-se.

Conseguiu finalmente encontrar a pistola *laser*. Empunhou-a com prontidão. Ia dizer à mulher para se render, quando esta, com um gesto

rápido e hábil do objecto de madeira, lhe deu um sacão que fez a pistola voar sobre o terraço para o outro lado da casa.

A criatura recuou. A mulher arregaçava as peças do vestido que lhe cobriam os braços. Não sabia como, mas o alienígena percebeu que o gesto indicava o início de alguma coisa desagradável.

— Deixa o meu homem em paz! Senão eu ensino-te com quantos paus se faz uma canoa...

A criatura encontrou por fim a voz dentro de si para incitar a mulher a parar e render-se, mas já o cilindro rasgava o ar num arco perfeito que terminou no cimo da sua cabeça. Caiu ao chão.

A mulher iniciou a cantoria dos «tomas». O homenzinho decidiu que era altura de sair dali. Não fugia; os da sua espécie jamais cometiam tamanha desonra. Era, antes... uma pausa para reavaliar o equilíbrio de forças.

Iniciaram os dois oponentes uma perseguição em redor da casa. A criatura liderava, mas estava constantemente a sofrer da chuva de ataques da perseguidora.

Após cinco ou mais voltas, o alienígena conseguiu distanciar-se o suficiente para se esconder debaixo do alpendre sem a mulher ver. Esta passou por ele, gritando. Deu ainda mais algumas voltas à casa, antes de compreender que perseguia o vazio, como um cão atrás da própria cauda. Frustrada, subiu as escadas do terraço e entrou em casa com um valente arremesso da porta.

A criatura forçou o corpo a voltar ao modo normal. Uma permanência demasiada no ritmo acelerado podia danificar-lhe as glândulas. Pelo sim, pelo não, continuou onde estava, não fosse a noite reservar-lhe mais alguma surpresa.

Não sabia o que pensar de tudo aquilo. Semanas de cuidadas observações e contactos esporádicos tinham revelado uma espécie predominante, com uma organização social complexa e uma linguagem que, se bem que básica, servia os propósitos da comunicação. Nada o preparara para tal acontecimento. Tinha sido redondamente ignorado e tratado como qualquer animal inofensivo. Observara o que provavelmente seria algum ritual de crescimento, que se podia encontrar em algumas espécies selvagens do seu planeta: a fêmea afastava o macho após as crias nascerem.

Mas então, percebeu de súbito, aquela espécie não podia ser inteligente, se estava ainda condicionada a tais ritos. Claro! Se não eram inteligentes, a linguagem que ele utilizara não serviria para comunicarem entre si, apesar de poder transmitir ideias abstractas. O que estava de acordo com a sua experiência: nada do que ele dissera tinha sido entendido pelas criaturas; e o inverso também era verdadeiro.

Como podiam os seus xenólogos ter cometido tamanho erro?

Infelizmente, não poderia comunicar as descobertas à nave. Só dali a

dois sóis, quando o módulo retornasse para o ir apanhar. Durante o «contacto», a antena ficara danificada... sem contar com a dúzia de avarias sofridas pela maquinaria, as mossas no capacete, e o mau estado geral do fato e do corpo. Oxalá aquela tivesse sido a única peripécia da missão; porque não sobreviveria a outra.

O homem não retornara ainda quando a criatura saiu finalmente do esconderijo. Com um laivo de dignidade ferida, limpou o pó e a terra que se colara ao fato. Encontrou a pistola, após algum tempo à sua procura, e junto a ela encontrou um exemplar de uma espécie que tinha sido também incluída nos relatórios. Parecia estar no estado de letargia que ciclicamente atingia todos os habitantes do planeta.

Um ideia formou-se na sua mente: os xenólogos tinham estado errados; quem sabe se ele pudesse tentar uma comunicação com aquele ser, e talvez salvar a sua missão.

Empunhou a pistola na direcção dele, e disse:

— Em nome do Grande Guia Desprovido de Cornos, Rei de Mil Mundos e Trinta e Cinco Asteróides, Aquém e Além-Galáxia, faço-te meu prisioneiro. Leva-me ao teu líder.

O gato acordou com a voz. Examinou a criatura de alto a baixo e, tendo decidido que não era nada para comer nem nada para temer, voltou descontraidamente ao seu sono.

OS POETAS DA RUA

Os personagens, locais e situações a seguir retratados, são fictícios. Qualquer semelhança com a realidade do nosso mundo é uma pura coincidência.

1
DAN BROOKS

Dan contraíra sida quando tinha apenas dezassete anos. Não soubera que o parceiro com quem tivera relações estava doente; este sabia, mas por medo de rejeição, e por uma maldade inata, não lhe contou nada. A notícia marcou o fim da primeira etapa da vida de Dan, e a destruição de todos os projectos para o futuro. Provocou também o afastamento de todos os seus amigos, ao tomarem conhecimento da situação física e sexual dele, e a própria desaprovação implícita pelos pais, como se, de algum modo, ele tivesse falhado em corresponder às suas expectativas.

Dan iniciou então o que se tornaria conhecido como a Cruzada. Formou um grupo de vítimas, com o intuito de se ajudarem mutuamente a sobreviver. Como ele, eram todos párias do seu meio, cancros ambulantes. O propósito de Dan era constituir uma sociedade dentro da maior do País, cujos elementos possuísem o vírus, em qualquer dos estádios de desenvolvimento. Se não nos desejam no meio deles, costumava afirmar nos discursos, dêem-me um cantinho só nosso, onde possamos viver em paz confortar-nos uns aos outros, sem termos de sofrer a rejeição dos que nos são queridos.

O grupo cresceu. As suas fronteiras expandiram-se além da casa onde se reuniam, além do ginásio, além do estádio de futebol. Fixaram-se num bairro, no início, para poderem assistir às reuniões, mas logo a situação deixou de ser transitória, e o pouso se tornou permanente. Com as pessoas, vieram os empregos. Vieram os médicos e as clínicas, também. E as agências funerárias.

Depois, o bairro passou a vila; a vila expandiu-se até tomar o corpo de cidade, e ganhar um lugar no mapa. Por essa altura, uma metamorfose ocorrera na população. Não eram como os outros. As suas lendas eram

diferentes, perenes, humanitárias. E por todo o lado imperava um clima de benevolência, de compreensão, que tornava aquele num verdadeiro paraíso religioso. A filosofia de vida da cidade era a morte, de que nunca se esqueciam, e a qual tinham de acompanhar durante todas as horas dos dias que lhes restavam. Estava bem patente no nome: a cidade de Dâmocles; a eterna espada suspensa sobre as suas cabeças, a contagem decrescente, e a contínua chama da esperança pela salvação que tardava em aparecer.

E no meio das lendas, destacava-se a cruzada de Dan. Ele era a personificação da cidade, o espírito encarnado. Disse: a doença quer ver a raça humana amedrontada, de rastos, com medo de amar e de tocar no parceiro; quer separar os homens, e fazer com que desconfiem de si próprios. Eu negar-lhe-ei esse prazer. Darei amor a quem pedir, e não olharei à sua cor, ao seu credo, ou ao seu sexo. Reunirei em mim uma parte de todas as vossas doenças. Talvez, do interior do meu corpo martirizado, surja finalmente a solução. Uma luz, produzida pela concentração da doença. A flor, no campo de batalha. Essa era a sua luta.

O Movimento Sagrado da Purificação Espiritual da Terra infiltrou-se secretamente na cidade, e linchou-o em sua casa. Tinham sido financiados pelo governo, porque a povoação estava em vias de ficar perigosamente fora de controlo.

2

JIM O'NEILL

Jim transmitia a sua mensagem de paz e libertação, colocando bombas em carruagens do metropolitano. Era um perito. Nos seus seis meses de intensa protestação, assassinou acima de trezentas pessoas, e danificou materiais no valor de milhares de milhões de escudos.

Quando a polícia o descobriu finalmente, foi encontrá-lo na banheira da sua casa, com os intestinos queimados pelo veneno de rato que ingerira.

3

JOÃO SIMÕES

João subiu durante a noite à Estátua de D. José I na Praça do Comércio, utilizando equipamento de alpinismo. Pela manhã, atraiu as atenções com os seus gestos e as suas acrobacias. A polícia tentou retirá-lo,

mas ele ameaçava atirar-se, se se aproximassem. Não que parecesse ser essa a sua verdadeira intenção.

Quando decidiu que a multidão que conseguira reunir servia os seus propósitos, João desnudou os braços e rasgou as veias, do ombro até ao pulso, com uma lâmina afiada. Depois, baixou-os e deixou o sangue fluir. Manteve os golpes virados para o público, que entretanto triplicara (não obstante o ocasional desmaio). O líquido vermelho tingiu-lhe a roupa, os sapatos, e derramou-se em longos traços pela extensão do pilar da estátua, dois rios que foram a atracção de muita gente nos dias que se seguiram, até que a Câmara se decidiu a limpá-los.

Foi capturado quase morto pela polícia. Transportado de urgência para S.José, mãos capazes e dedicadas conseguiram, com a ajuda e generosidade de vários espíritos dadores, restituir a saúde ao seu corpo. Encontra-se actualmente num instituto mental, onde costuma contar a sua peripécia em jeito de anedota, para divertir os amigos.

4

SVÖRN SÖRGENSSON

Svörn matou a sangue-frio os quinze membros de uma excursão em que também participava, com uma carabina de cano duplo, numa noite em que tinham parado para fazer um piquenique numa praia deserta. Transportando os corpos de volta para o *autopullman* sentou-os nos seus respectivos lugares, regou o interior com gasolina, e ateou fogo, consigo dentro.

5

VITTORIO FRATELLI

Vittorio costumava passear um *terrier* pela trela junto às escolas primárias, pela hora do recreio. Sabia que as crianças adoravam animais; especialmente as meninas. Quando alguma se aproximava, deixava-a pegar no cãozinho e abraçá-lo e beijá-lo; começava por oferecer-lhe um gelado, depois uns bolos. Possuía uma cara simpática e olhos benevolentes, que encantavam as crianças e as faziam abrir-lhe os seus corações. Ganhar a confiança absoluta da menina demorava três meses — por vezes, menos, se

os pais dela não fossem muito seus amigos. Então, um belo dia, quando o pai encarregado de a ir buscar se atrasasse, ele oferecer-se-ia para a acompanhar até casa. De caminho, perguntava-lhe se não queria ver os enormes aquários com peixinhos de todas as espécies com que durante os meses lhe alimentara a curiosidade. Ela diria que sim. Ao chegarem à casa dele, levá-la-ia até ao quarto. As cordas já estariam a postos. Amarrar-lhe-ia os pulsos e as pernas, e penetrá-la-ia. Depois, virava-a e sodomizava-a. Ela iria gritar, mas o quarto era forrado com cortiça, e não havia o problema de alguém poder ouvir. Queimá-la-ia, durante o processo, com a ponta ardente de um cigarro, nos locais onde doeria mais, mantendo-o junto à carne até criar bolhas. Finalmente, levaria a criança para a banheira e cortava-lhe o pescoço. A vida escorreria lentamente dos olhos daquele pequeno ser, e ele estaria com ela, do principio ao fim, para assistir a todo o processo.

Era enterrada dentro dum cobertor a uma grande distância da cidade. Quando retornava, Vittorio comprava um garrafão de água benta, e tomava banho com ela. Nessa noite, dormiria num leito de madeira cheio de pontas de pregos afiadas.

Mudava de escola, após realizar o que pretendia. E quando somava três acontecimentos, obrigava-se a mudar de cidade, para encobrir o rasto.

6

JEAN-LUC ARMAND

Jean-Luc tinha um amigo que era escritor. Um dia, por pura brincadeira, começou a enviar-lhe cartas anónimas. Ao notar que o amigo tinha ficado assustado, passou a incluir ameaças nas mensagens e a torná-las mais insidiosas e íntimas — sempre por brincadeira. Veio-lhe à ideia avivar a situação: o amigo passou a encontrar pedaços de animais mortos, em estado de decomposição, na sua caixa do correio; promessas de morte no atendedor automático feitas por uma voz rouca e sinistra; era inundado por dezenas de fotografias suas riscadas com traços que sugeriam, por vezes, o seu enforcamento, e noutras, a sua cabeça decepada; ou postais de Natal com dizeres obscenos. A esposa deparou com um par de olhos a espreitá-la pe'a janela enquanto tomava banho; e, uma vez, a miúda foi perseguida por um tipo encapuçado, que a deitou ao chão e lhe cortou várias madeixas do cabelo. Mais tarde, essas madeixas apareceram agrafadas a uma mensagem que dizia: «Da próxima vez, não serei tão carinhoso.»

O amigo não sabia o que fazer. Tentou o que pôde: polícia,

detectives privados, instalar uma nova fechadura, colocou grades nas janelas, alarmes por toda a casa (até no relvado), montou uma cerca electrificada, distribuiu armas pela família; mais tarde, retirou o telefone da lista, mudou o número, mudou de casa, e pensou em mudar de nome mas a mulher convenceu-o de que não iria adiantar nada. Tinha razão. Nenhuma das medidas fez desaparecer o personagem misterioso. Sabia tudo sobre a vida do escritor, os seus segredos íntimos, os movimentos de cada membro da casa.

Gradualmente, a sua carreira desmoronou-se. Os nervos ganharam a luta contra o autocontrole, e deixou de conseguir escrever. Os olhos secretos do espião não desocupavam o seu espírito. Fantasiava constantemente sobre a sua morte, às mãos de alguém que nunca conhecera; e constantemente era uma morte violenta e vazia de sentido.

Iniciou um tratamento psiquiátrico, que não chegou a acabar, e que em nada o ajudou. A partir de uma certa altura, encerrava-se no quarto durante semanas, sem comunicar com ninguém. Distanciou-se da família, e da realidade. Quando era procurado, fugia, ou expulsava a visita a pontapés. Chegou ao extremo de bater na própria filha, porque ela irrompera pelo quarto sem se anunciar; a filha só o queria notificar que tinha passado de ano, e que o adorava, apesar de tudo o que acontecera.

A esposa decidiu que havia um limite para a sua paciência. O marido não se curaria, independentemente do que ela pudesse fazer. Levou a miúda e mudou-se para a casa da mãe.

Nessa noite, pressionado pelos seus fantasmas privados, o cano de uma espingarda encontrou caminho para a boca do escritor.

Quando Jean-Luc soube do ocorrido, perguntou simplesmente: «Posso ficar com a máquina de escrever?»

7

HANS GRUMMEL

Hans não era um viciado ordinário. No seu corpo, comportava todas as drogas jamais produzidas pela Natureza, ou sintetizadas pelo Homem. Aos cinco anos, snifava cola. Aos oito, tomava os antidepressivos da mãe, aspirinas, anfetaminas, e quase todas as pílulas a que conseguia pôr a mão — até que os pais descobriram e o levaram a fazer uma limpeza. De nada lhe serviu, pois retomou a actividade com o haxe que um amigo lhe apresentou na escola, enrolado inocentemente dentro dum cigarro de tabaco normal. Evoluiu para o ácido, e depois para o pó. A breve relação com o *crack* foi travada pela polícia, a tempo de o enfiarem numa clínica e o

salvarem.

Aguentou três anos. Depois a tentação falou mais alto. Havia novas drogas no mercado, sintetizadas em laboratório, e que interferiam directamente no código genético, de modo a que fosse o próprio corpo a produzir as endorfinas. Tomava pílulas de adrenalina, de estímulo sexual, de (até) saciação da fome. *Drops* contra a fraqueza e cansaço. O seu corpo reduzia-se a uma película de pele sustentada por um esqueleto descalcificado. Encontrava-se no nível mais baixo da sociedade; mas todos os dias acordava pela manhã para avançar mais um passo no caminho da dependência química.

Morreu quando um automobilista bêbado galgou o passeio, para se desviar de um cão, e o esmagou contra a parede.

8

FERDINANDO CALLAS

Os pais de Ferdinando abandonaram-no à porta do orfanato quando tinha três meses; por isso comentava, quando era mais velho, que não tinha tido de caminhar para o Inferno. Foi educado num método pedagógico extremamente simples e legível: à mais pequena falha, comprovada a culpa, ou não, era o coiro que sofria. Sofria por acção de mãos diligentes e sempre dispostas, ajudadas por extensões de madeira seca ou de ferro com a forma apropriada. Callas chegava a dizer que tinha já calos no rabo, tantas eram as reguadas.

Quando o grupo dos cinco inconformados decidiu fugir, ele encontrava-se no seu meio. A tentativa era arriscada, e o preço, se falhassem, alto; mas tiveram sorte, um daqueles acasos fortuitos que só lhes acontecia (assim acreditava Ferdinando) uma vez na vida. Passaram a primeira noite num jardim, montando vigia, não fossem os drogados e os pederastas começar com ideias. Nas semanas seguintes, habitaram um prédio em ruínas nos arredores de Madrid, juntamente com trinta outras famílias. Dois dos seus amigos foram mortos à facada, em lutas de rua, mas Ferdinando sobreviveu; adaptou-se e formou um bando. Contra as recomendações de alguns mais chegados, utilizou-o para fazer golpes. A primeira vítima, a inofensiva joalharia da esquina, correu bem, e conseguiram dar o pira antes de os xuis aparecerem. A livraria já não foi tão favorável, porque o alarme era dos novos, assinalava presenças por meio de infravermelhos e depois fazia correr grades que encerravam os ladrões no interior. Safaram-se, ainda assim, saltando pela janela da casa de banho. E levaram o dinheiro.

Ferdinando foi finalmente capturado durante um golpe preparado. Interrogaram-no à porta fechada. O ar cheirava a tabaco e a cerveja barata. Um dos xuis estava mais passado que o costume. Deram-lhe a maior coça da sua vida. Tentaram não lhe deixar marcas que durassem mais que a noite que iria passar atrás das grades: desse modo, pela manhã, poderia queixar-se de maus tratos à sua vontade, pois faltar-lhe-iam as provas físicas que evidenciassem a agressão.

Só que não notaram que o miúdo batera com a cabeça na secretária. Queixou-se durante toda a noite de dores de cabeça, tonturas e vómitos. O guarda disse-lhe, extremamente compreensivo, que estava a pagar o preço de toda a coca que tinha injectado, e que era bem feito; mas quando o foram procurar pela manhã, estava morto. Sofrera um derrame cerebral.

Tinha quinze anos.

9

ANTÓNIO SILVA

António viera do Alentejo para tentar a sorte em Lisboa.

Decorria a nova política de redistribuição de terras, e ele, como muitos seus conhecidos, tinha sido ultrapassado pelos jovens agrónomos de carteiras recheadas. Para trabalhar por conta de outrem estava muito fraco, e não conseguia atingir as taxas de produtividade requeridas; também não tinha família que o amparasse. Contudo, quando chegou à capital, a sorte não mudou. Era época de crise; estava-se na linha descendente dum ciclo de Kondratief, de que António nada sabia. Os patrões e chefes de pessoal tinham um perfeito conhecimento da situação, e recusaram emprego a um pobre coitado, que nem sequer tinha uma especialização. O assistente social também em nada lhe valeu: passou o tempo da entrevista a tentar evitar contacto físico, e a torcer o nariz ao cheiro. Mas com o assistente António teve, ao menos, a possibilidade de receber um prazer: o de mandá-lo à...

António começou a mendigar. A princípio, custou-lhe; teve de arranjar um local e defendê-lo; teve de lutar contra os outros pedintes, contra os putos que não respeitavam nada, contra a bófia e os marados das navalhas. Os rendimentos parcos eram, mas iam dando para ingerir uma ou duas sandes por dia, e ocasionalmente, um presente a si próprio na forma de um cafezinho pela manhã.

Com sessenta anos, tem a sua moradia no passeio das traseiras do D. Maria II, o teatro de Lisboa. Ali dorme, ali faz o peditório, tendo apenas de se levantar quando chega o dia da rusga que não engana ninguém. Agora, o

rendimento diário é maior, pois está mais velho, mais frágil, e descobriu uma maneira de colocar a perna desnuda de modo a que os ossos do joelho sofram uma torção e assumam uma forma incomodativa e digna de pena. Diz ele que precisa mais da atenção que os transeuntes lhe concedem na forma de um breve olhar de comiseração, que da moeda no chapéu. Só assim alguém o nota, e tem a oportunidade de ser lembrado. Diz também que a única coisa de que precisava era de um cobertor novo para se aquecer, e ainda pensa que Lisboa à noite é a coisa mais bela que já viu.

10

MISTER MACHINE

Mister Machine era o seu nome de rua. O verdadeiro nome, jamais o revelaria, se bem que muitos julgassem que nem ele próprio saberia qual era. Tinha ainda um terceiro nome, o tal que corria nas bocas do mundo quando estas falavam dele na terceira pessoa: O Poeta. O Poeta da Rua.

Mr. M. era um tecnoviciado. Entre ele e as aparelhagens electrónicas existia uma simbiose sintética incompreensível. Atraíam-se mutuamente, como dois pólos magnéticos. Era o repositório ambulante das últimas tendências da tecnologia destinada ao indivíduo. Quando alguém precisava de encontrar ou pedir conselhos sobre este e aquele modelo, podia sempre contar com Mr. M. para obter a informação pretendida. Era capaz de falar ininterruptamente durante dias sobre as suas paixões de silício.

Daí que ninguém se tivesse surpreendido de o ver carregar um ciberespaço portátil, entre os seus *walkmen* e os processadores de bolso. Tinha nascido para a máquina: penetrar numa matriz computadorizada através duma ligação directa com o cérebro era como encontrar por fim a amante com quem sempre sonhara. Nunca mais se separou dele — excepto quando um modelo de ciberespaço mais recente aparecia, e ele se actualizava.

Uma vez que o cérebro penetrara já na máquina, fazê-lo com o corpo foi um passo menor. Quando as próteses cibernéticas apareceram, ele teve de ser o primeiro a utilizá-las, apesar de a sua concepção estar ainda numa fase rudimentar. Começou pelos dedos: através de uma cirurgia delicada, substituiu-os por dígitos automáticos, de pele brilhante e metálica. Depois, assemelhando-se à progressão de uma doença, as mudanças evoluíram pelos membros acima, atingindo o dorso, os olhos, os ouvidos, a pélvis, a pele, até os próprios órgãos genitais. Foram efectuadas cirurgias de substituição para o exterior, bem como para o interior do corpo. Não era sangue que as veias passaram a transportar: era um plasma orgânico com alta concentração de abastecimento energético. Via o mundo, não somente no intervalo de frequências disponíveis ao olho humano normal, mas numa

gama infinita de riquezas: as suas retinas de vídeo podiam captar a frágil imagem de uma noite em infravermelhos, ou aguentar durante horas a torrente ultravioleta de um sol encarado rosto no rosto. Os milhares de sensores no tecido subcutâneo forneciam-lhe informações tão exactas quanto as obtidas por um microscópio potente. Ao passar na rua, causava sensação com as suas largas asas, feitas de uma fibra transparente e repleta de microcircuitos interlaçados num padrão complexo, e que serviam para lhe fornecer a energia (a partir da luz solar) adicional destinada a alimentar as funções mais potentes do seu novo corpo.

Durante muito tempo, o seu propósito manteve-se inalcançável, pois faltava um elemento importante na sua aparência de humanidade, e que não tinha sido ainda objecto das preocupações dos especialistas: o cabelo. Mas, recentemente, a Goldthread lançou uma nova película cutânea capaz de sustentar raízes capilares, e correm rumores que o Poeta da Rua já anda a deambular pelas lojas a apreciar a mercadoria.

11

GASPAR ROSENTHAL

Gaspar vive num apartamento moderno no bairro rico de Brasília. Possui um terminal em ligação directa com as bolsas de Nova Iorque, Tóquio e Londres. Está habituado a passar longas noites em branco e a fazer turnos de sono de quatro horas para compensar as diferenças horárias. Os seus serviços de análise de mercado e corretagem são dos mais procurados a nível mundial. Gaspar tem plena consciência da sua arte, e faz-se pagar à altura.

Todas as manhãs, antes de iniciar outro dos seus dias irregulares, Gaspar folheia os jornais. O seu olhar detém-se por momentos nas páginas de finanças e economia internacional. A longa experiência e o árduo treino fazem com que não necessite de uma segunda leitura, nem por vezes de uma primeira completa, para ficar informado. Apressa-se com avidez para as secções do centro. Onde estão contidas as notícias da rua.

Imagens de corpos despedaçados saltam-lhe aos olhos. Rostos desfeitos num tiroteio entre *gangs*. Membros seccionados por navalhadas. Donas de casa brutalmente violentadas, espancadas, e abandonadas no fundo de becos escuros. Bombas em automóveis. Incêndios em discotecas: setenta jovens queimados vivos. Um louco homicida em fuga do hospício invadiu a casa de praia de uma pacata família e matou à machadada todos os seus ocupantes, antes de ser abatido pela polícia. O texto refere, de um modo explícito e quase voluptuoso, o modo como a rajada de metralhadora

dos agentes «seccionou o corpo a meio; o tronco caiu sobre a areia com uma cauda de sangue, e só depois, como se tivessem sido apanhadas de surpresa, as pernas o seguiram».

Gaspar mantém-se impassível enquanto saboreia o texto e aprecia as fotografias. Para dar mais ênfase à mensagem, o jornal é imprimido a duas cores: o preto das palavras, e o vermelho-vivo dos títulos em caixa alta e das lágrimas a sugerir o sangue. Continuando imperturbado, Gaspar recorta as notícias que mais o atraem, com muito cuidado, quase com devoção, atentando para não deixar nenhum golpe de tesoura nem seguir uma trajectória torta. As fotografias são igualmente cortadas. Depois, abre o album especial a seu lado nas páginas que ainda estão em branco, retira a película protectora e aplica os recortes sobre o papel auto-adesivo. Cobre este com a película que o protegia, e mede com ar orgulhoso a porção já preenchida, comparando-a com a que falta preencher.

Quando acaba, vai arrumar o álbum na prateleira, ao lado dos mais antigos, e fecha o armário. Tem tranca dupla. Regressa então à mesa, e, acompanhado de um copo de café com leite, *bacon*, torradas e *donuts*, vira a página para ler a secção desportiva.

LA NAUSÉE II

Sexta-feira, 30 de Abril

Hoje, Paris esteve deserta. Sobrevoou a cidade um gigantesco pássaro de fogo com a voz irada, e os habitantes, vendo-o, e mais, sentindo-o penetrar até às camadas inferiores da carne, fugiram do seu bafo; estavam repletas, as ruas e as carreiras públicas de transporte, de gentes que escapuliam ao calor para irem ao encontro dos seus refúgios de descanso predilectos, cedo de madrugada. A transbala, cujo terminal se destacava na margem sul, deglutia continuamente centenas de transeuntes, para depois ser lançada no ar por meio de um acelerador, e tomar urna rota com precisão milimétrica. Ficava em pânico, sempre que via um conjunto de carruagens aproximar-se do Sena. Não tinham asas, não tinham motores, não tinham hélices, nem sequer tinham pilotos. Não havia madeira nenhuma de serem comandadas, uma vez no ar. E se houvesse qualquer falha?, surgia espontaneamente no espírito. Se o alvo é errado e não conseguem enfiar-se pelo túnel, que as espera como uma enorme bocarra, erguida para defrontar a Torre? Diziam que entrar numa transbala é dar um aperto de mão ao destino. Bem os compreendia.

Não foi o calor o único motivador para a deserção da capital. Houve uma paragem generalizada por causa do feriado. Um acontecimento como nunca na vida. Andei, pela primeira vez, à vontade, pelos Campos Elísios, pelas ruas, pelos cafés, sem ser acotovelado, sem cruzar com mais que uma dúzia de rostos antipáticos. O *underground* parisiense, *éternel*, manifestava-se num café de esquina, junto ao hotel: dois rapazes, com boinas de pintor, dedilhavam uma melodia sobre o tema imortal da paixão e do abandono. Parei para ouvir, tomar uma bica e a inevitável *madeleine*. Esta não me traria memórias; antes, seria o conduto da sua formação, assumindo a forma de uma chave que liberasse aqueles exactos segundos, aquela atmosfera, e o gosto da música, aquela sensação dura da cadeira de ferro, agradavelmente fresca, contra as minhas costas. Um pequeno bolo, um odor, tornaram-se guardiões de um dos raros momentos da minha vida a que posso chamar de belos. Encerrado num recanto privado da minha

memória, a quem mais ninguém terá acesso. O seu brilho, que se desvanece com o tempo.

Voltei para o hotel. Estava mudado. Algo me tocara. Uma consciência. Estar alerta; permanecer acordado. Como ter alguém ao nosso lado, a bater-nos no ombro e a apontar: «Olha para ali. Vê. Vê.» Passei pelo café de noite para tomar uma cerveja, ainda embalado na suavidade do ambiente vespertino; mas pelas dez horas reinava um nevoeiro de fumo de tabaco, de arrotos azedos, e uma monotonia insipiente de palavras trocadas em voz alta e barulho generalizado. Desagradável. Perigoso. Voltei para o quarto, sem beber nada, e pus-me a tocar Lou Reed. *City-lights flowing through my bedroom window*. Não propriamente o que ele cantava, mas um título conveniente para o que eu sentia. A combinação da guitarra acústica com a selva de cimento pontilhado de estrelas de silício rectangulares, seccionadas abaixo do pescoço pelo beiral da minha janela, fez-me retornar a Nova Iorque. Fez-me ter saudades; o que era incongruente, pois *saudades* é um termo português. Para os anglófonos, trata-se de uma doença. A doença-do-lar.

O calor continua e não consigo dormir. Estou de candeeiro aceso, a martirizar estas folhas brancas com palavras vãs, e a pensar que aproveitaria melhor o meu tempo se voltasse à resma das folhas de dados, às estatísticas e às análises. O virar do século aproxima-se e ainda só escrevi dez páginas. Duas mil e quinhentas palavras. O raio de uma *short story*, ou neste caso, um *short essay*. Um quarenta avos do que me propus fazer. Está lá, no contrato, assinado pela mesma mão que, aqui e agora, neste cantinho escondido, sob o universo limitado do foco luminoso, conduz a caneta: o conjunto de curvas e rectas que supostamente só eu saberei fazer, quando escrevo o meu nome. O que sou eu? Afinal, o que sou eu? Um conjunto de traços de tinta num papel. Uma sombra na parede, enquanto há sol. Como é que um pequeno gesto que fiz meses atrás, defronte de cinco pessoas, e do qual quase nada recordo, pode conduzir a minha vida agora, e nos próximos tempos? Como pode ordenar que eu distribua o tempo de que disponho, a minha vontade, ou as minhas energias? Como foi que chegámos a isto, humanidade?

Está a ficar tarde. É melhor ir dormir. Tenho muito que fazer, amanhã.

Quinta-feira, 15 de Julho

O milénio está a morrer. Sentem-se os últimos suspiros, soprados cuidadosamente pela garganta ressequida. Faltam menos de seis meses, e a contagem continua. Por todo o lado, o impacte começa a notar-se, como o choque frontal de dois carros em câmara lenta.

Brinquedos adornam as lojas, formas do futuro: naves espaciais,

plataformas, estações de transbordo orbital, homenzinhos em fatos de pressão sentados nas proverbiais cadeiras da NASA. Mas, por muito previsionários que queiramos ser, ficamos sempre constrangidos pelo que conhecemos e não conseguimos abandonar. Bastaria olharmos para uma pequena porção na superfície dos brinquedos para descobrirmos a prova mais evidente: um rectângulo representativo da bandeira de um país, a maioria das quais americanas, soviéticas e francesas. Etiquetas que revelam a conquista da derradeira fronteira por porções definidas da humanidade. Ridículo. Se, de facto, formos lá para cima, será como resultado da cooperação. Entreajuda mútua e esforçada. Será essa a verdadeira conquista, não a outra.

Milénio. Tanto que comporta, e tão pouco. Comportou o nascimento de muitas nações e a queda de outras. Várias etapas da civilização, ditas eras ou idades, quando a civilização era somente a pequena península agarrada à Ásia e que se estende até Portugal. Redescobriram-se rotas que gentes mais antigas haviam percorrido mas mantido em segredo; a civilização alargou-se. Dois países detiveram o mundo, metade para cada um, neste milénio; e agora, o mundo não é de ninguém.

Toco na casca áspera de um melão, à venda na rua, exposto em caixotes duma mercearia escondida na dobra de um bairro, na dobra de um tempo. O dono é velho e enrugado, e não vê que as coisas se transformam. As rugas caem-lhe sobre as pálpebras, encerram dos olhos a mudança do mundo. Fechou-se na sua própria intemporalidade, e como tal, perdeu-a. A casca toca nos meus dedos e diz: estou aqui. E tu?

A mudança de século está patente nos discursos, também. Na elegia dos movimentos. Parecem mais soberbos, mais dignificados. Mil novecentos e noventa e nove ficará para trás, com todos os erros que se cometeram e dos quais não nos conseguíamos livrar. O novo ano do algarismo par seguido do comboio de zeros será o ano de recomeço e da retentativa. Como magia, na passagem de um segundo (o último) para outro (o primeiro), as culpas serão perdoadas, e a cabeça escorrerá água benta pelas curvas do dorso.

Discursos de rua, e discursos de parada. De TV, feitos de palanques. Promessas e enganos; encantos?

Estranho. Sinto ainda o beijo seco, a textura da fruta. O sentido. Estás aí. Sabes que aí permaneces. E eu?

O que sinto eu?

Na rua, atravessando a estrada. Os carros buzina, um até derrapa. Passa de raspão pelas minhas pernas. Não me afasto, não me desvio. O condutor lança o punho de fora e faz um gesto rude. Sexo. As pessoas olham, comentam. Subo para o passeio do outro lado, e o muro de transeuntes abre uma brecha para me deixar passar. Sinto o toque das suas roupas, da carne dos braços desnudos nos meus. Devem julgar que estou

drogado; bêbado; que sou um *punk*: *Neoshit walking down the streets wearing the face mask of manhood*. Sexo. Conceitos fálicos.

Discursos. Provoquei discursos na rua. Quebrei o silêncio do muro, e os tijolos começam a comunicar; deixam de ser tijolos, tornam-se entes vivos, ganham identidades próprias. Eles são. Eles existem, sabem que são. O tempo passa. Segundos caem. Vazio. Estás aí. Onde estou eu?

Terça, 17 de Agosto

No bar, perto de casa. Película cinzenta de fumo envolvendo as mesas e os espaços entre. Galhofa dispersa, mas concentrada. Pequenos grupos de difusão. Penetro invisível no nevoeiro, e com ele me confundo. O *barman* já me conhece. Peço o habitual e ponho-me a apreciar o cenário.

No século XIV, não havia electricidade. Logo, não havia uma tecnologia electrónica desenvolvida. Os serões eram passados a ouvir o dedilhar natural de pele sobre cordas finamente esticadas, lançando os sons na concavidade das caixas-de-ressonância, para aí se reproduzirem e multiplicarem, no sentido bíblico. Os pobres deitar-se-iam cedo, estafados de mais um dia de colheita e de irem pilhar às lixeiras das igrejas, ou punham-se a olhar atordoados para as fogueiras de paus secos e a contarem as misérias do dia. Foder também não demoraria; mas essa era outra questão. Antigamente, as pessoas ainda tinham o direito de errar, porque tudo era novo e inexplorado. Agora, a própria música é depurada até à exaustão para retirar quaisquer vestígios de ruídos e vibrações incómodas. O erro é eliminado; só resta a perfeição, a monótona e repetitiva perfeição. O ritmo é tratado em dezenas de pistas paralelas, até formar um som único, longo, seco. Torna-se tão complexo que o ouvido acaba por desistir e concentrar-se no barulho ambiental, bem mais terra-a-terra. Aqui, esse barulho consegue ser mais elevado que a música de fundo. É ele a própria melodia, demarcando o compasso com que as coisas interagem.

Lentamente, o ritmo penetra a minha distracção. Difere de todos os que esperaria, porque é simples e directo. É sincero. Um solo de saxofone, apenas, sem misturas. Notas isoladas que se entrelaçam e formam um cordão contínuo de mortais cadências; ondas do mar que se espriam em meus tímpanos e neles encontram a morte. É uma morte desejada, a mesma dos minutos, que asseguram a continuidade e o prosseguimento. Como as ondas que, ao desabarem, permitem que a seguinte se forme, como a contra-resposta que faz avançar uma conversa (e tantas as que aqui ouço, tantas perguntas também), as notas formam, numa sucessão contínua, os elos da corrente, e por extensão, a própria corrente, a própria amarra com sabor a ferro e o vigor da luz a dançar na água. Capturar uma seria quebrar a corrente e impedir a sua existência, porque, quebrada, não se dividiria em duas, mas antes deixava de poder cumprir a sua função: a de agarrar.

Deixava de ser amarra. Suspenso pelas notas, sentia-me pairar sobre Paris, sobre as casas de Paris, sobre o oceano de telhados e rostos e de corações a bater. Ouvia-os a todos, os pequeninos por nascer ainda nos ventres das mães, os dos ladrões nas vielas e os dos funcionários nos hospitais, os dos motoristas, os dos que procuravam o esquecimento no fundo de um copo, os dos que dormiam, indiferentes ao mundo, os dos que faziam amor, os dos que morriam devagar, como a última batida de um relógio sem corda. Estava no bar, perto de casa, mas também estava longe, estava em todo o lado, via por todos os olhos.

Então, o som pára, deixando-me suspenso sobre Paris, e é como se o mundo também parasse.

*Some of these days
you'll miss me honey*

e dou um pulo na cadeira, tão forte que os que a meu lado conversavam olharam-me, espantados. Alguma coisa me batera. Algo intangível, sem forma. Não fisicamente: o ataque foi noutro plano, no plano da consciência. Era como se, subitamente, eu fosse outra pessoa. Uma pessoa vulgar, no início do século, que num bar se sentava a escutar a mesma música e a reagir a ela do mesmo modo. Quase consigo observar a ponte de ligação entre os dois, a milhares de milhas de distância, no tempo e no tecido universal. Uma forte sensação de *déjà vu* preenche-me. Assusto-me. Sinto-me bem, bem até de mais, e é por isso que quero sair do café e ir para casa. Para o quarto da minha existência. Para as palavras e o meu milénio, a grande lista de datas infinitas que me obrigo a colar numa sequência com significado. Chamo o *barman*. É o Jacques, conhecemo-nos. Pergunta-me porque me vou embora tão cedo. Respondo que estou cansado. E o trabalho? *Ça va*, digo eu, a pensar se estarei a mentir.

Terça, 17 de Agosto (à noite)

A sensação não passou. Voltei ao quarto, à secretária. Voltei à noite. Voltei ao ambiente familiar que me acolhe, mas a sensação não morreu. O *déjà vu*, esse passou, mas sinto que deixou a sua marca. Estou mudado. Alguma coisa está mudada. Não consigo isolá-la. Está em todo o meu redor, a sensação. Está além do meu alcance, se tal região existir. Como se, aqui, ouvindo os segundos caírem no mecanismo das minhas próprias veias, o tecido de um mundo novo tivesse sido descido, sem a mínima perturbação, sobre aquele que os meus olhos seguravam. Nada continha de diferente, excepto um pormenor, que não lhe pertencia: eu era.

A mudança. Reconheço agora do que se trata. A palavra saltou-me à mente como um animal assustado escapando de uma armadilha:

consciência. Estava dentro da minha mão. Estava consciente da minha mão. Da completa articulação do meu braço, da sua condição de apendicidade. A estranheza do peso sobre a mesa de madeira imitada. As rugas que a pele formava na esquina do cotovelo, pequenas marés de gordura e hidratos de carbono em constante agitação. Estava calor, e as mangas arregaçadas até quase atingirem o ombro.

Em 1939, começava a chacina mais brutal da história da raça humana.

Saboreio a ideia. *Estava calor*. Duas palavras, dois conceitos, dois arabescos que viajaram através do espaço, e através das eras, para desaguardarem na foz do rio de tinta que cai da caneta para o corpo da folha. A folha, em tempos, foi parte de uma árvore. Foi a própria árvore, a polpa do tronco, um grão de consciência. Agora, a sua brancura esbofeteia-me e lança um desafio para que eu a viole.

O Japão medieval abandonou, por quase dois séculos, o uso de armas de pólvora e retornou ao manejo das velhas espadas; durante noventa e seis anos as armas tinham sido usadas para travar guerras feudais, com efeitos devastadores. Compreendendo os guerreiros de elite que as pistolas podiam ser manejadas pelo mais comum dos camponeses, e assim era colocada em pé de igualdade a sua fina arte de matar, criaram um precedente ímpar na História das nossas culturas: uma corrida ao armamento que não resultou numa guerra.

Em tempos, a folha que foi a árvore passou a vida envolvida numa feroz competição para abocanhar o maior quinhão de luz solar que conseguisse. Desejava a luz, na inconsciência descuidada de que estava a desejar a própria morte. Cada dia gasto era um dia a menos na quantidade finita que lhe fora destinada. Como este dia que passou hoje por mim.

Um milénio: mil anos, doze mil meses, trezentos e sessenta e cinco mil duzentos e cinquenta dias, oito milhões setecentos e sessenta e seis mil horas, quinhentos e vinte e cinco milhões e novecentos e sessenta mil minutos, trinta e um mil e quinhentos e cinquenta e sete milhões e seiscentos mil segundos. Ou, contado de um modo mais humano, um milénio equivale a viver vinte e cinco vezes uma vida de quarenta anos — e não se espante o leitor pela brevidade da mesma, pois tem a sorte de viver numa época em que existem condições de higiene e saúde que permitem longevidades de quase um século, e não numa era que aos trinta anos já se era considerado velho...

Eu desejo a noite.

E a noite abraça-me. Incide sobre a mesa onde a mão descansa. A mão consciente. Não a vejo mas sei que deve estar lá. Ou talvez seja apenas ilusão, sonho. Quem sou eu? A mão retorce-se no leito de papel. Quer libertar-se. Os dedos renegam o domínio do corpo, entrelaçam os seus desígnios, formam uma teia de vectores descontrolados. Vermes a sair da

terra. A mão grita. Uma boca abre-se na palma e a língua avança para saborear a folha. Talvez faça uma careta ao sentir a amargura do texto. Todos os meus textos têm o gosto das coisas que já foram.

Outubro de 1582 teve só vinte e um dias. O papa Gregório XIII ordenou por decreto que ao dia 4 sucedesse o dia 15, para acenar com precisão o relógio dos homens pelo da Natureza. Em que limbo estarão os dez dias que ninguém viveu?

Eu sou. Abro os olhos e corro descontroladamente ao longo de uma viela escura, levando na mão o jornal recém-comprado. A menina assassinada pisca-me os olhos frios do cinzento da tinta. Mas quando abro os olhos, desperto para enfrentar o negrume do tecto sem estrelas, e estou deitado. Um nome estranho enche-me a boca. Em breve todo o meu corpo despertará. A rebeldia da mão infiltrou-se já no braço, que me ataca com todas as células e que dispõe, em incisivas fortes, firmes e aguçadas. *I have to stop him. (Him?)* Tenho de impedi-lo. Obrigá-lo a ficar dormente. É a melhor forma de não sentir. Talvez a mão também pare, e anule a mudança. A outra aguarda, insegura do desenlace, e da própria reacção. Seguro a caneta firmemente, e a caneta corre pelo papel. Não toca na sombra dos dedos repousados. Não toca no suor de gotas de lágrimas da carne. Não toca nos montículos de existência em forma de montanhas de papel de cisne. Afasta-se. Galáxias de fosforescência no espaço das pálpebras. Fecho os olhos. Mordo a mão pingos de sangue o sabor a ferro caem sobre a mancha lívida do papel amargo na palma da mão que vê escrever *O milénio terminou acabou a primeira página da nossa história moderna* *Daqui para diante a responsabilidade é nossa*

e todo este tempo, todo

todo este tempo, a mão não se moveu.

A Náusea cala-se.

Não há ninguém nas ruas de Paris. Nem a habitual propaganda íntima dos Campos Elísios. Está quente, e as mangas arregaçadas até quase ao ombro dão vazão a um jorro de suor.

Sou eu.

Quarta, 18 de Agosto

Nada. Existi?

Sexta, 31 de Dezembro

Véspera de Ano Novo. E de século. E de milénio. Não a mudança do século anunciada pelos especialistas, bem o sei, mas como convencer milhões de pessoas a não acreditar na magia do ano dois mil, perfeito e redondo? As ruas estão animadas. Paris faz juz ao seu apelido; do espaço é

uma fogueira a arder na noite, com os seus milhares de lâmpadas a dançarem sob o cântico do vento. Rios de luz permeiam as árvores, os topos das casas, os intervalos entre fachadas contíguas. Foi pedido aos cidadãos que acendessem um candeeiro ou um foco, ou até uma vela, e os colocassem à janela, às nove horas da noite. Na televisão apareceu à hora marcada a Cidade das Luzes brilhando na atmosfera negra duma Terra na sombra. Era apenas uma mancha branca, quase uniforme. Insignificante. Saber que uma ínfima parte era contribuição minha, na minha janela, a um metro da secretária onde escrevo. Saber que estou ali, e poder apontar-me de cima. Vigando-me a mim próprio. Como o meu deus privativo.

A fotografia fazia parte de um programa em que participavam as principais cidades do mundo, as quais tinham feito idêntico pedido aos seus povos. Durante uma hora, vimo-las desfilar enfeitadas para a Grande Passagem. Berlim Unida, Moscovo, Zurique, Roma, Madrid, Lisboa, Nova Iorque (esta quase sobre o terminador)... Nova Iorque. Um daqueles pontinhos negros que de buracos cobrem a luz, é a minha casa. Está vazia. Fechada e escura. Ela foi-se; há muito tempo que uma Ela desapareceu, há tanto que o seu perfume não mais me saúda quando abro a porta; e eu exilei-me temporariamente para escrever. O livro do milénio. O livro sobre o milénio. Unir as pontas soltas do grande mistério e descobrir-lhe um criminoso. Quem, quem? Ainda falta um capítulo, o capítulo deste ano, o ano do fim. Que agora termina.

As ruas estão em maior festa que as televisões. Chegam pela janela fechada as cantorias. Parece Carnaval no Rio de Janeiro, quando o noticiêi há dois anos (tanto tempo...). O que é de espantar, pois os Parisienses não saem à rua para cantar desde que a música sabia a liberdade.

Nas ruas, há música e bailado. No meu quarto estou eu. Só eu.

Eu, só.

Não: há outra presença. A presença de algo maior que eu, que cresce de dentro e me envolve. Envolve-me com braços e com um manto de torpor e frio. Sinto a pele intangível do vazio, roçando contra o meu corpo, adornando de beijos o espaço por detrás dos meus olhos. No quarto, só há uma luz, a que aponta para o espaço, na janela, e essa não tem já nenhum significado; o satélite passou e ninguém mais olha para baixo. Para ver a pequena lâmpada à beira de um parapeito, que se perde, por ser tão minúscula, entre as luzes da rua, que são mais coloridas e mais animadas. Ninguém pára, para olhar pela janela aberta, e ver o ser solitário que, de dentro, lhe devolverá a curiosidade; para saber que ele existe.

E então torna-se demasiado forte. A consciência do auto-isolamento raramente consegue ser encarada de frente. Eu fico fraco, canso-me. Entro em desespero. Tenho as palavras por companhia, os relatos dos viajantes, e os livros de factos de que a História é tecida. Tenho os meus diagramas e os esquemas de composição dos capítulos. Tenho, por fim, quatro centenas

de páginas impressas, ainda por rever, que encerram o fruto de quase meio milhar de horas solitárias. Quedam-se num canto do quarto, num caixote de papelão que serviu de embalagem ao papel da impressora. Mesmo nesta hora, deveriam dizer-me alguma coisa. Mas não: ficam mudas, silenciosas. Não significam nada, excepto tempo desperdiçado. As palavras não fazem companhia a ninguém.

Saí para a rua, porque se tornou demasiado forte. O barulho esbofeteia-me com a agressividade de uma mão irada, e os focos devoram a cor aos meus olhos. Afasto-me para os cantos, deixo passar os foliões. Troncos nus, masculinos e femininos, peles pintadas de bronze a imitar estátuas que ganharam vida passam por mim, envoltas em laços de papel, serpentinas coloridas, e adornos brilhantes. As caras estão tapadas, cobertas com máscaras de papelão, porque há que entrar no novo milénio a representar, a fingir que não somos os loucos que desejaríamos ser; porque há que esconder o rosto. Embato num e noutro participante mais isolado, encostados à parede a verem o zoológico passar. Encaram-me como se vissem um insecto. Receoso do ambiente, das facas escondidas nas algibeiras e da permissividade da ocasião, não perco tempo a afastar-me.

Atrás da primeira onda, vêm mais, nos carros, a buzinar incessantemente. Nem um único polícia à vista, noto com surpresa. Mas não é de espantar. Estarão mais seguros as esquadras, a festejar uns com os outros, pensando na família ou atendendo emergências casuais e controláveis. Também eles não querem morrer esta noite.

Vidros começam a ser partidos. Montras. A festa está a engrossar e eu devia voltar para o hotel. Este não é o meu Povo. Esta não é a minha terra. Sou um estranho em terra estranha, e se julguei que conseguia iludir a solidão, misturando-me com as gentes, enganei-me. Continua no meu encaço, e não está longe.

E na multidão encontram-se todos os símbolos que continuam a fazer de Paris a cidade moderna de que sempre se orgulhou ser, e por vezes, a cidade dos excessos. Dançarmos bailavam pelas ruas, despidos, agarrando-se a pares do outro sexo, e envolvendo-se em práticas, reais ou simuladas, de actos sexuais, no meio de todos; atrás, vinha a facção dos travestis dos Campos Elísios, e mais atrás seguiam os demasiado bêbados, que não aguentavam o ritmo da marcha, e se punham a cantar, a lutar entre si, e a partir as garrafas contra as casas. Refugiei-me numa porta de escada, que, mal-grado meu, descobri já estar ocupada. Dois corpos completamente nus entregavam-se a uma luta íntima, sob a luz que transbordava da rua. Com espanto, notei que eram duas mulheres, beijando-se com sofreguidão, uma esmagando os seios da companheira, enquanto a mão da última se encontrava entre as pernas da primeira, entregue a uma actividade ritmada. Agiam como se o mundo fosse acabar nos próximos minutos, como se nunca pudessem voltar a fazer amor. Fascinado, fiquei a observá-las, sem

conseguir desviar os olhos, enquanto lá fora a festa passava. Não me notaram. Não se importavam com nada, a não ser com as vozes pessoais dos seus próprios corpos, e com o objectivo de se saciarem. Duvidava que cada uma notasse sequer que a companheira existia, que não estava a fazer amor consigo própria. Era como aqueles espectáculos de *live sex*, em que várias pessoas fornicavam de diversas formas no meio de restaurantes, sobre palcos especiais, e aos quais se chamava o último grito da *pop culture*. Era um espectáculo egoístico, porque rejeitava os que não possuíam parceiro, fazendo-os ter consciência de que não estariam completos; mas, simultaneamente, era um espectáculo que atraía, e fascinava. Era hipnótico. Os olhos não se desviavam da actividade, porque encontravam alguém, ou algo, que conheciam bem, ou queriam conhecer. A culpa era do corpo, não da mente. Ao encontrar um diálogo na única forma de comunicar que conhecia, o corpo começava a conversar por iniciativa própria, nem que fosse consigo mesmo.

Não sei quanto tempo permaneci naquela porta de escada. Só me lembro que já não havia ninguém nas ruas, as quais se encontravam impossivelmente sujas de papéis e vidros, e a exalar um fedor inimaginável. As amantes dormiam já, inocentes, repousando uma por cima da outra, como dois bebés recém-nascidos agarrando-se no escuro. Saí sem fazer o menor barulho.

Devo ter adormecido na escuridão, porque os relógios electrónicos da rua que encontro assinalam que já passa da meia-noite. Já estamos no terceiro milénio. Mas as ruas continuam as mesmas. As mesmas luzes, as mesmas sombras. Permaneço idêntico, face ao monstruoso significado da Mudança. Indiferente. Sozinho.

Passos atrás de mim. Viro-me e uma mão gelada cobre-me a boca e empurra-me para um beco escuro. Caio de encontro a uma parede. O beijo frio duma lâmina atinge-me o pescoço.

«*L'argent! Vite!*» A voz é forte e possante. É um indivíduo negro, de olhos estranhos, enlouquecidos, desfocados. Parecem fitar a parede atrás de mim. Vendo através dela. Talvez esteja drogado. Ainda bem que me encontro sentado, pois não se nota quando as minhas pernas começam a tremer. Retiro a carteira, dou-lha. Ele passa uma vista de olhos pelo conteúdo, retira o dinheiro, e demora a ler o meu BI. Parece ficar surpreso. Olha para mim e ri-se.

«*Antoine Roquentin?*», pergunta. Na verdade, não é Antoine, é Anthony, mas eu respondo que sim. Ele ri-se ainda mais. «*From America*», diz ele. «*How do you say... pleased to meet you. Je suis... I am Monsieur Rollebon, le marquis.*» O sotaque é fortemente parisiense. Não reconheço a alusão, mas ele parece achar muita graça. Devolve-me a carteira, mas não o dinheiro, e diz-me que não tente segui-lo. Sem aviso, faz-me um golpe na bochecha. Dou um pulo. Ele afasta-se, rindo, e desaparece numa das

esquinas.

A Náusea invade-me por todo o lado. Mas esta náusea é diferente. Encosto-me à parede e vomito tudo o que tinha no estômago. O acre invade-me as narinas, e o cheiro da decomposição também. Estou com frio, com medo, e tremo incontavelmente. Mas nunca me senti tão *real* como nesta noite.

Terça, 4 de Janeiro

Malas feitas, bilhete comprado, escrevo esta nota breve enquanto espero o embarque. O aeroporto está cheio de pessoas que voltam para as suas terras, findas as férias, para irem trabalhar. Como eu, não suportam a ideia de viajar numa transbala. Talvez um dia eu tente. Não estamos, afinal, no ano 2000, o ano das grandes promessas?

Por meu lado, eu volto para descansar. O trabalho terminou, e, por uma grande e fortuita coincidência, o dinheiro do adiantamento também. Levo comigo as folhas e as disquetes. Não me deixam mexer no PC portátil a bordo do avião (dizem que interfere com os mecanismos), pelo que parece que estou limitado à velha caneta esferográfica.

Como acaba o livro? Optei por uma solução de compromisso. As coisas não vão mudar apenas porque o milénio mudou; e contudo, estão sempre a mudar, todos os dias. Suponho que a tendência continuará, para o bem e para o mal, para aquela inspiração súbita de genialidade, e também para a mais brutal da estupidez. Haverá guerras, guerras diferentes de antes, mas também haverá amor e flores e música; e talvez até conquistemos o espaço, e com ele o problema da fome no mundo. Temos apenas de fazer as opções que pareçam as mais correctas, e tirar o melhor partido das oportunidades que nos surjam. E talvez consigamos.

P. S. — No caminho para o aeroporto, vi meia dúzia de putos a pintarem um *graffiti* muito elaborado e muito bem feito do retrato daquele escritor antigo, o Sartre. Parece que o existencialismo voltou a ser moda nas ruas de França, e que os jovens estão a adoptar a sua filosofia. Se isso é verdade, será a primeira vez que uma contracultura juvenil se baseia num movimento literário com décadas de idade. A única razão por que menciono este facto é que, ao contemplar os olhos soturnos e os traços cansados do rosto do filósofo, ocorreu-me o estranho pensamento de que ali estava alguém com quem eu não possuía nada em comum.

O FERNANDO PESSOA ELECTRÓNICO

Senhor Pessoa, dá-me licença?
Hum... anh... sim?
Permita que me apresente. Gaspar Silva, um grande admirador seu.

Muito prazer.

Posso sentar-me?

Faça favor. O lugar não está ocupado.

Obrigado. Imagine qual não foi o meu prazer em descobrir que o senhor estava livre. Julgava que teria de esperar mais tempo para o conhecer.

Porque diz isso?

Porque todos o desejam ver, senhor Pessoa... um momento! Eu conheço este lugar. Mas claro, é A Brasileira. O famoso café que constituía o seu ponto de descanso habitual, segundo suponho.

Supõe correctamente. Parece estar bem informado sobre a minha vida, senhor Silva.

Por favor, chame-me Gaspar. E porque não haveria de estar? O senhor é uma figura pública!

Pública? Que exagero. Porque publiquei a *Mensagem* e aquela meia dúzia de textos nos jornais?

E o Orpheu, e O Guardador de Rebanhos, e...

Um momento. O que sabe o senhor do *Guardador*?

Sei que foi escrito de um fôlego só, numa noite, a noite mais gloriosa da sua vida. Ou o senhor assim defende.

A noite mais gloriosa da minha vida. Pois foi. Irei recordá-la para sempre. Será a terceira data da minha vida.

A terceira?

A primeira, é a data em que nasci. A outra, em que irei morrer. Entre uma e outra coisa, todos os dias são meus. Mas porque diz «pretensa»? Suponho que leu a minha carta ao Casais Monteiro.

Li, sim. Assim como a leram milhares de outros. Mas também descobrimos o manuscrito original, repleto de anotações e guias para a concepção de estrofes. «Ajudas ao estilo», como costume chamar-lhes. O

que diz o senhor disto?

Digo apenas que está nelas contida uma mensagem que meras palavras não revelam. Apenas pode ser compreendida por poetas. Ou antes, por pessoas que elaboram, que constroem, e depois lapidam, poemas.

Está então a dizer que as anotações são posteriores, e que a «noite gloriosa» realmente aconteceu?

O que tinha para ser dito, já o foi. Porquê tantas interrogações?

Lamento a minha insistência, mas, na verdade, o senhor uma pessoa célebre. Nada mais natural que...

A celebridade é um plebeísmo. Tenho pena dos homens célebres...

Eu sei, eu sei. Li o seu texto, conheço a sua posição. Por isso devo contestá-la. Disse o senhor que a celebridade é um plebeísmo, e também uma contradição. Que se regozijava com a sua vida pacata e serena, sentindo nela uma volúpia maior, uma superior riqueza de carácter, que o mais célebre dos homens. Que quem sabe que é célebre, não necessita de afirmá-lo. Contudo, o tiro saiu-lhe pela culatra. Quando se fala em expoente da poesia portuguesa, o seu nome surge de braço dado com Camões.

Não tinha poder para alterar o decurso dos acontecimentos após a minha morte. Mas, enquanto estive vivo, agi como acreditava.

Sim. É um aspecto que me fascina. E que me atrai para o senhor, eventualmente. Eu compreendo a sua reclusão. Por vezes, até a sinto. Uma opressão nos meus ossos, uma mão cerrada sobre o coração. Gostaria de ter melhores palavras para a definir, mas não sou poeta.

Nem eu sou um poeta. Apenas faço poemas.

Sabe que nunca compreendi realmente esse seu dito? Não sei se o senhor se está a referir ao facto de que um poeta não se define pelas estrofes que produz, nem mesmo pelas que inventa na sua cabeça, mas, antes, pela sua condição de ser poeta, de sentir os dias de uma maneira especial, inigualável. A escrita em nada melhoraria a condição dele, talvez até embotasse a tal percepção muito própria.

Sim. Afinal, para escrever poemas, é preciso pensá-los. Não basta senti-los.

E pensar é estar distraído.

Estou a ver que o Mestre Caeiro lhe corre no sangue.

E dança nos olhos, meu caro Pessoa. De todas, é a sua mais fascinante personalidade literária.

Literária, meu caro amigo? O Mestre vive. Vive nas plantas, nos regatos, na sombra das árvores. Sempre que uma brisa fresca alivia o fardo de uma tarde demasiado quente, é o Mestre a sussurrar-lhe no ouvido.

Bem... não temos muito disso, agora. Refiro-me a plantas e árvores. Até o clima é controlado. A sua época deve ter sido fabulosa.

Só lhe respondo uma coisa: dê graças por nunca ter assistido

pessoalmente a uma tomada de poder. Não é um espectáculo digno. Concretamente, a revolta civil.

Li sobre isso. Republicanos e anarquistas; diziam-se, porque, a meu ver, qualquer um que faça explodir bombas em público só pertence a um grupo, os terroristas. Dar-lhe outros nomes é degradar os valores defendidos por aqueles sistemas políticos.

O senhor é um jovem apaixonado.

Não o somos todos, no auge da juventude? E depois casamos, temos filhos, e divorciamos-nos para casar outra vez. Faz sentido? Mas o senhor nunca se casou.

Talvez quisesse evitar o traço evolucionário dos homens comuns.

Como eu já referi, o senhor é diferente. Muito diferente. Mas, para lhe confessar a verdade, não vim aqui para falar da sua vida privada. Não vim falar do Caeiro, do Reis, do de Campos, ou mesmo do Soares. Não vim falar do poeta desdobrava que era tão português que até tinha nascido no dia de um santo muito popular, e dele derivou o nome.

Se não veio falar de mim, veio falar de quem?

De si. Não do poeta, mas de si, do simulacro. Sabe, estou preparar uma tese sobre as personagens informatizadas, e precisava da sua colaboração. Esta conversa consigo está a ser extremamente cara, e já demorei demasiado tempo com fantasias. Gostava de ir directamente ao assunto.

Que assunto, senhor Silva?

O senhor tem consciência de que é um simulacro informático, mantido numa rede de computadores na Universidade de Letras? Que o senhor, bem como o café, e estas pessoas do cenário, que se fartam de falar entre elas, mas nunca se tornam realmente vivas, existem apenas como programas de computador?

E o senhor existe como?

Eu sou real. Tenho um aparelhómetro na cabeça que me faz estar aqui, mas posso ir-me embora quando quiser — ou quando acabar o dinheiro. Continuo, enquanto o senhor ficará aqui, neste café, a beber a mesma bica, a escrevinhar no mesmo guardanapo, com o chapéu estereotipado na cabeça e os óculos postos, vez e outra, vez e outra. Digame: lembra-se de alguma vez ter saído deste lugar?

Eu digo-lhe outra coisa: porque afirma o senhor que é real?

Não vamos começar com discussões filosóficas, senhor Pessoa. Para começar, eu não sou o simulacro de ninguém, nem tive dezenas de pesquisadores a tentarem reconstruir o meu aspecto, e o meu modo de pensar e falar, como o senhor teve.

Não são discussões filosóficas, senhor Silva. São factos concretos. Ponha-se no meu ponto de vista. Todos os dias venho do meu quarto para este café (acção que segundo as suas palavras, eu apenas imagino que terá

ocorrido, que consta da programação). Todos os dias me sento e m café. E todos os dias aparece um jovem como o senhor, ou um grupo de jovens, entusiasmados, de olhos faiscantes, a quererem saber factos sobre a minha vida, ou a vida dos meus poemas. Por vezes, um ou outro faz as perguntas que o senhor acabou de colocar. Não quem são, não sei de onde vêm, não sei para onde vão quando a conversa termina. Invariavelmente, não os torno a encontrar. Pelas maneiras, não parecem ser deste tempo e têm todos o mesmo estilo de conversar, os mesmos assuntos. São tão pontuais, que me habituei a encará-los como aqueles fantasmas de Natal do conto do senhor Dickens, não sei se o leu. É difícil acreditar que não sejam mais do que meros produtos da minha imaginação, por vezes bastarda. E o senhor Silva espera que eu aceite as suas palavras? Meu caro jovem, de todos, sou eu o único elemento real. Os simulacros sois vós.

PEQUENOS PRAZERES INCONFESSÁVEIS

Oa.

Tinha ela ainda oito anos e já o pai lhe dava valentes tarefas com o chicote, de deixarem as suas frágeis costas em carne viva e cheias de longas cicatrizes que a acompanhariam até ao fim da vida. Batia-lhe, não por castigo, mas por gozo. Quando, pela noite, lhe via no olhar a brasa viva da ansiedade, como se ele estivesse fascinado por uma imagem muito sua das chamas do inferno, que só ele conseguia observar, sabia que a fome o atingira. A fome de ouvir gritos, de ouvir o *whack* do couro a lamber a pele, de sentir a pequena forma a contorcer-se entre as suas pernas, deitada no chão. A fome de ver correr sangue. «És o meu brinquedo privativo», sussurrava-lhe ao ouvido, enquanto esmagava nas suas manípulas os pequenos seios, «a minha fonte de pequenos prazeres ínfimos. E um dia, quando tiveres idade, far-te-ei minha.»

Ela aprendeu a ir buscar o chicote, sem ele lho pedir. Aprendeu a amá-lo, tanto quanto o odiava. Era uma fina tira de couro enrolado, muito comprida, que terminava num cabo de madeira, polido mas cheio de lascas, tal era a sua idade. O pai adquirira-o num circo, em segunda mão, a um domador. Deve ter tido a ideia durante a exibição, deve ter ficado excitado pelo poder, pela firmeza de comando que aquela peça, sustida numa mão implacável, conferia ao seu dono. O fascínio atingia-a também a ela, embora se encontrasse do outro lado; observava em silêncio, enquanto o seu pai, defronte de si, erguia o chicote e o fazia rodar com uma lentidão e segurança admiráveis. Quando o manejava, tornava-se num verdadeiro artista. E depois, quando menos esperava (ele apanhava-a sempre de surpresa; por muitas que fossem as vezes, ela nunca conseguia antever o momento), a língua avançava para além dela e mordida-a nas costas. O pai tinha muita pontaria. Se dizia que iria acertar entre a segunda e a terceira costelas, então poderiam ter a certeza que a profecia seria cumprida. Ele era o melhor. Quando a dor deixou de a incomodar, e passou a ser, nas palavras do pai, «o teu único amor», a miúda conseguiu encontrar no seu íntimo um verdadeiro sentimento de orgulho.

1.

De noite, enquanto estava deitada no leito, as mãos erguiam-se para a acariciar. Principiava com um leve rumor, uma sugestão de movimento. Os lençóis murmuravam, e léguas abaixo de si a superfície ondulada da seda entrava em convulsões. Suaves as ondas avançavam. Não resistia. Deixava que a corrente a levasse.

As ondas concentravam-se em poças, dispersas pela silhueta que a rapariga traçava na cama. O resto dos cobertores estavam esticados, ou puxados de lado, para a deixarem descoberta. Vestia apenas duas pequenas peças de cetim. As noites estavam quentes, e ele não tardaria a vir. Aguardava paciente pelo sinal. Na mesinha, defronte dos olhos, a fluorescência dos dígitos do relógio deixava marcas de presença debaixo das pálpebras. O tempo abrandava.

Sem aviso, insinuando-se como uma serpente por entre pedras, os lençóis tocavam-lhe. O beijo frio da seda subia pelas pernas, muito suavemente, como se não quisesse denunciar a sua presença. Ela sorria, complacente. Nunca a conseguira apanhar de surpresa — já o conhecia bem de mais para saber quando chegaria. Afastava as almofadas, e comprimia o rosto contra o leito. Sentia-o agitar-se por baixo. Parecia muito distante. Num pedido surdo, gritava por ele, lançando-lhe uma aura que partia da pélvis, e que o ia envolver, e puxar. As pernas entreabertas, o quadril projectado contra o colchão, o suor do desejo, demarcavam com firmeza a sua completa e irrevogável entrega.

Então, o lençol desenhava-se em mãos. Mãos longas de dedos finos, cerceadas pelos pulsos. Uma dúzia de mãos, cobrindo-a de cima a baixo, e tocando-lhe. Em carícias. Com desejo. Deslizavam através da pele dela em gestos fluidos e aquáticos, percorrendo a extensão da medula, enquanto pressionavam na junção dos músculos, onde se formam os nódulos de tensão. Uma descarga eléctrica anunciava a onda de prazer e alívio que se iria espalhar pelas suas costas. Descontrolada, estremecia. Da base da garganta, como se do fundo das profundezas, ressoava um rugido cavo de aprovação.

As mãos ganhavam ímpeto, ganhavam pressa. Acelerando, massajavam com vigor e excitação. Cada mão era um animal vivo e esfomeado. Enquanto quatro delas a seguravam pelos membros, para não ser projectada para fora do campo de acção, as outras viajavam pelo seu corpo atrevido-se a regiões ainda não tocadas. A progressão seguia um plano complexo; os braços, os sovacos, a barriga, as coxas, os seios, o pescoço, as nádegas, as pernas, o púbis, as costas, lançavam grito após grito de prazer, submetidos ao arrebatamento contínuo daqueles seres

impetuosos. Os lençóis cobriam-na toda, por aquela altura, mas ela já não sentia a presença deles, já não via a noite nem o brilho vermelho do relógio. O tempo cessara, ou alongara-se ao infinito. E a tempestade interior que a preenchia ergueu-se num crescendo que ameaçava engoli-la, e projectá-la num abismo de luz, de insensibilidade.

Antes de o clímax ser atingido, as mãos detinham-se. Ao contrário da sua natureza insidiante, insurgiam-se num ápice, de novo no interior do colchão, deixando-a descontrolada e perplexa. Todas as mãos, menos as que lhe prendiam fortemente os pulsos e os tornozelos. Depois, lentamente, começava a sentir.

Crescia do púbis, que uma das mãos acariciava num ritmo monótono e constante, pressionando os lábios da vagina por toda a extensão. Pouco a pouco, o corpo seguia o movimento e correspondia-lhe, de um modo quase automático, incontrolável. O gemido nascia-lhe do fundo do ser, numa região inacessível e que nem sabia possuir. A vista desfocava-se. Tentava libertar-se, mas estava bem. As mãos fortaleciam o aperto, quando a sentiam puxar. A pureza do grito que se desenrolava no interior do corpo assustava-a. Era tão *intenso*. Era tão *vivo*. Rebelava-se contra a invasão, mas negando a besta que crescia dentro de si, desejava-a, clamava por ela com tanta paixão, que atirava a pélvis de encontro à mão, forçando-a a ser mais ávida, mais violenta. O seu eu escondido surgia finalmente à superfície, sedento de luz. Transformada, sentia apenas uma fome primitiva. Nada mais existia que o interior das pernas, e os dígitos alheios que já pareciam fazer parte dela própria.

De novo sem aviso, duas mãos agarraram-na pelas nádegas, puxando-a de encontro ao colchão. Do interior deste, arremetia um membro duro, fálico, vestido da seda dos lençóis. Não tinha tempo para encher os pulmões antes do mergulho. Penetrava-a no âmago dum nevoeiro de dor intensa e de explosão. Depois, a dor desaparecia, transformava-se num rio de faíscas. A boca abria-se, mas não conseguia gritar. Não notava que os olhos se cerravam como cimento, e que esticava os músculos ao máximo. A explosão era silenciosa e lenta, como a de uma bomba nuclear. As partículas atingiam-lhe o rosto, enchiam os olhos: relâmpagos.

Ele saía de dentro da rapariga lentamente, deixando o esvair-se e a respiração retornar. As mãos soltavam-na voltavam a mergulhar na cama. Terminara. O momento começava já a tornar-se numa recordação agradável. Com dificuldade, recuperava o controlo dos membros, pois estavam fracos e doridos. A camisola pegava-se ao suor do corpo, os cabelos emaranhados tapavam-lhe a visão; e sentia-se suja, por toda a parte. Parecia ter saído de uma longa maratona. Ou de uma luta pela sobrevivência.

Mas era preenchida por uma paz que não consegui descrever. Olhava para o tecido, à procura dos traços na ralelos que marcavam os lábios dele.

Por vezes, encontravam-se já à espera; senão, via-os serem vincados no lençol e erguerem-se em busca dela. A rapariga mergulhava então a boca na dele.

— Trá-la até mim — sussurrava a voz abafada debaixo da cama.

— Não quero; eu gosto dela. Não quero que tu a tenhas — respondia-lhe com um traço de firmeza.

Mas sabia que iria obedecer.

Ob.

O pai morreu antes de concretizar a promessa. Ela tinha quinze anos: foi enviada para casa de uns tios distantes, que nunca tinha visto. Não a espancavam, mas não se mostravam compreensivos. Estavam sempre à procura de descarregar nela a sua revolta contra a rotina do dia-a-dia, contra o baixo nível de vida, contra as dores de estômago, e as dores de corno que ciclicamente atingiam a família, à maneira das constipações. Humilhavam-na. Falavam-lhe como se fosse uma criança. Punham-na a limpar a casa e a servir à mesa. Esfregava, durante horas, os soalhos de toda a vivenda; quando acabava e se erguia, cada osso mais esquecido de si, lançava um protesto em uníssonos num único, mas agonizante, espasmo de dor. Não tinha forças para comer nada, sequer. Se não fosse a ajuda da cozinheira teria morrido à fome. Costumava ficar com ela, até altas horas da noite, a esregar-lhe as costas com pomada, enquanto lhe contava as histórias da sua vida solitária e os mexericos das colegas vizinhas, para a animar. A rapariga não teria conseguido aguentar sem a companhia da outra naquele mundo hostil e invejoso; frequentemente confessava-lhe o seu pensamento.

Numa noite em que os patrões se demorariam fora até muito tarde, e em que a lua brilhava de um modo especial alterando as cores da mobília e a atmosfera do quarto, estavam ambas um bocado risonhas por terem assaltado o bar do andar de baixo (com o cuidado de substituir os golos tomados por equivalentes medidas de água, com certeza). Quando, ao aplicar a massagem, com linimento, que as costas da rapariga exigiam, as mãos carinhosas da cozinheira adquiriram uma linguagem nova, diferente, mais macia, e viajaram além das fronteiras que a moral de uma amizade permitia, em termos de regiões, e em termos de acções, a rapariga compreendeu, finalmente, a motivação por detrás da entrega da outra mulher, e não a rejeitou, mas, antes, acolheu-a ao seu seio e fê-la sentir-se tão desejada quanto a outra a tinha feito sentir.

2.

Joana tinha-a perseguido por toda a redacção, esperando o momento indicado para falar com ela a sós. Mas, num diário de grande tiragem, a hora do início das rotativas era mais movimentada que a Baixa em hora de ponta. E a rapariga não correspondia ao seu desejo. Escapulia-se pela multidão dentro, sempre que a Joana a encurralava num cantinho privado.

Realizou o seu objectivo, quando finalmente a primeira entrou na casa de banho.

— Temos de falar — disse, mal se certificou que não se encontrava ali mais ninguém.

A rapariga, que estava no lavatório, olhou de esguelha para Joana, e não disse nada.

— Eu sei que já lá vai uma semana, mas tens de compreender, tive de ir cobrir a cimeira no Cairo. Era imprescindível.

— Eu compreendo — respondeu, após um período de silêncio, num tom sarcástico.

— Não digas isso. Não estás a ser sincera, mas injusta. Apesar de não seres jornalista, deves compreender de facto como pode ser importante uma reportagem. É a minha vida, é o ar que respiro.

A rapariga sucumbiu. Não era isso que estava em causa.

— Porque é que tiveste de insistir em que eu fosse viver contigo? Julguei que já tínhamos encerrado este assunto.

— Mas eu *quero* — disse Joana, avançando de mãos erguidas. A rapariga afastou-se. — Amamo-nos. Temos uma relação há seis meses. E cada vez há menos tempo para nos vermos em segurança, sem medo de sermos descobertas. Porque não havemos de estar juntas?

— Mas nós já estamos juntas. Deixa-me passar. — Joana bloqueava-lhe a porta da sanita. — Ou o esquema «hoje na minha casa, amanhã na tua» não te serve mais?

— Bolas, é tão... constrangedor! — gritou Joana atra vês da placa de aço. — Tão pouco natural. É... assim não consigo. Com licença — empurrando a porta, penetrou no pequeno cubículo. A rapariga, já sentada, deu um pulo de susto. Mas depois pensou que, vindo de quem vinha, não devia estranhar.

— Gosto de falar cara a cara — disse Joana, mas a amiga sabia que essa não era a principal razão. Já tinha notado o comportamento dela, mas nunca lho apontara em conversa. Era costume encontrar aquele género de pessoas. Pessoas com gostos peculiares. Joana, simplesmente, gostava de a ver urinar. Os olhos viajavam constantemente do rosto da rapariga, para baixo, e depois, como se percebesse o que estava a fazer e se sentisse culpada (ou somente porque a amiga podia desconfiar), voltavam ao rosto, num vaivém constante. A rapariga não se importava. Desde que não a prejudicasse...

— Não há nada para falar. Não vou viver contigo, e pronto. Gostava que aceitasses a minha decisão, mas se não conseguires, então *finito*.

— Calma — adiantou logo Joana. — Não precisas de ser tão fatalista!

— É a única maneira que tenho de ser. Qual é a tua resposta? E deixa-me sair.

Vieram ambas na direcção do lavatório, mas só a rapariga o utilizou. Contemplou a figura no espelho.

— Está bem, está bem — condescendeu por fim Joana. — Vamos continuar com o esquema, se é isso que preferes. — Fez uma pausa, pensativa, enquanto observava a amiga à procura de reacções. — Consegues sempre de mim tudo o que queres.

— Não necessariamente. Se pensas que sinto qualquer prazer em impor a minha vontade, estás muito equivocada. Estou apenas a ser prática.

— Eu sei. Eu sou a romântica de nós as duas.

Tinha havido tanta submissão e pesar na voz de Joana que fez a amiga finalmente notar a sua dor, e parar. Aproximando-se dela, ergueu-se na ponta dos pés e beijou-a.

Joana agarrou-lhe no rosto com ambas as mãos e afundou-se na sua boca. Projectou a língua para tocar a da companheira, cobrindo com os seus a totalidade dos outros lábios. O beijo começou a intensificar-se.

Sem aviso, a rapariga afastou-se, cortando-o a meio. Joana ficou suspensa no espaço, meio a balançar, com uma expressão aparvatada e perplexa.

— Aqui não — explicou a primeira. — Podem entrar e ver-nos.

Joana aquiesceu. Afinal, ela tinha razão. Mas não pôde deixar de sentir um rabicho de irritação e frustração a agitar-se no seu íntimo. Nunca conseguia o que queria! Perguntou:

— Então quando?

— Esta noite. Na minha casa.

Ia já a sair, quando Joana lhe lançou um «Amo-te» muito sentido, pelas costas. Voltou atrás e deu-lhe uma beijoca seca e rápida, um toque de lábios com lábios apenas, acompanhada de um «Também te amo» murmurado. Não a olhou nos olhos.

Apressou-se a afastar-se, antes que Joana notasse que ela estava a tremer descontroladamente.

Oc.

Foram amantes por muito tempo; a rapariga, que entretanto se tornara quase mulher, ficou a ganhar com a relação: do amor da companheira extraiu força, segurança e uma forma de respeito por si própria que lhe permitiria enfrentar o mundo de cabeça erguida. E havia outra coisa: uma atitude de revolta, de estar a comer do fruto proibido;

sentia-se como se estivesse a desobedecer aos seus tios-patrões, e a gozar com eles pelas costas, e isso dava-lhe uma exaltação e uma vivacidade como nunca sentira. Quando acontece pela primeira vez, a liberdade consegue ser inebriante. Beijava a cozinheira à socapa, na cozinha, enquanto a família estava à espera que lhe levassem a comida; dava-lhe a mão por baixo da mesa, enquanto comiam juntas, e não a largava, mesmo que o jardineiro entrasse de rompante; e enquanto a outra lavava a loiça, debruçada sobre o balcão, ela ia nas pontas dos pés, de mansinho, até se colocar nas suas costas — aí, enfiava as mãos pela blusa da outra, indo tomar em peso cada um dos seus seios rechonchudos. A amiga ficava irritada com as suas acções, e dizia-lhe que, desse modo, um dia seriam apanhadas em flagrante. Mas a rapariga conseguia ver que, no fundo dos seus olhos, havia uma luz malandra a acender-se sempre que faziam o que era proibido. Adão chamar-lhe-ia «a tentação da maçã».

O paraíso terminou quando o filho dos tios retornou para casa. Tinha estado a estudar no estrangeiro, e alguma vozinha atrofiada na sua mente deve ter-lhe dito que basta essa diferença para se erguer acima dos mortais que rodeavam, e considerar-se mais bem situado aos olhos de Deus que eles. O seu comportamento abotoado, sempre com o escudo erguido, e as maneiras impecavelmente polidas (tão polidas que a cozinheira o comparou a maçaneta; a que a rapariga retorquiu que, provavelmente era isso que ele tinha enfiado no cu) irritavam a sua prima, a um ponto que esta evitava encontrá-lo para não correr o risco de se descuidar e deixar transparecer essa fraqueza.

Mas a prima não o irritava. Muito pelo contrário. Uma análise cuidadosa, efectuada pelo rabinho do olho, tinha-lhe relatado que havia muitas surpresas por debaixo dos trapos que cobriam o corpinho que todos os dias via agitar-se pela casa, numa dança inesgotável e sensual, o tipo de dança que só os ociosos encontram nas pessoas que trabalham. E, apesar de uma educação *abroad* lhe ter aberto a mente para um universo conceitual mais vasto, não o tinha ajudado muito no que diz respeito à maturidade.

Daí que tenha passado a espreitá-la, esperando vê-la nua. Inventava mil e um motivos para a surpreender no banho; umas vezes era o pente esquecido, outras o sabonete, outras o «desculpe, pensei que não estivesse ninguém»; até que finalmente ela aprendeu a trancar a porta. Roçava-se por ela na cozinha, e nos quartos. Quando lhe falava, punha sempre a mão sobre o ombro, ou abraçava-a pela cintura; ocasionalmente, fingia-se despercebido e descia a mão até à anca. Dizia uma anedota, ela ria-se (fingia achar graça), e ele aproveitava para lhe dar uma palmadinha (sem intenções!) no rabo. E por muito que a rapariga se desviasse, e se mostrasse incomodada, e sacudisse os ombros quando a mão dele lá pousava, ele na desistia. Nem pensar! Ele não era pessoa para se desencorajar tão facilmente. A colina é minha, disse o general. Vai demorar, mas os

inimigos serão expulsos de lá. O que é fácil de declarar, quando se tem dois pais para quem o filho é o Sol, um astro que estudou no estrangeiro e acabou o curso nos *top ten*, e que emana tanta luz que ofusca tudo o resto, em particular uma vozinha irritante com acusações absurdas. «Tu é que és a porca», dir-lhe-iam, «vestida desse modo ordinário com as mamas quase a saltarem para fora, e as pernas sempre abertas. O teu lugar é nas esquinas, rameira.»

3.

Da varanda, a rua ficava a trinta metros de distância. Um mero traço de agitação e complexidade. Era difícil imaginar que o formigueiro continuamente decorrente sob os seus pés não se devesse a uma orquestração muito cuidada de um coreógrafo louco. As peças deslizavam e entrecruzavam-se com absoluta certeza, uma decisividade impenetrável. A rapariga gostava de se inclinar sobre a grade de ferro e expor o corpo à altitude. Quando Joana a apanhara no acto, na sua própria varanda, imediatamente correria a segurá-la; mas a rapariga tinha-lhe dito que aquele já era hábito seu. Uma loucura, comentara a outra, esses parapeitos são frágeis de mais. Qualquer dia, quando menos cuidas...

Mas era precisamente a vulnerabilidade da situação atraía. E o facto de deixar nas mãos de outro a responsabilidade pelo seu destino.

Bebida estava a chegar ao fim. Vermute *on the rocks*. Em breve, iria recolher a azeitona na sua língua, enrolando-a enquanto retirava a pele que cobria o caroço. E depois, numa rápida contorção da boca, cuspiam-o sobre a varanda, para o ar, para o poço do asfalto. Contemplava a breve luta contra a gravidade; o corpo sem asas, ao atingir o máximo da altura, abandonava-se à trajectória parabólica. Imaginava-o a cair para sempre, nunca atingindo o chão, cortado somente pela deslocação da atmosfera, como num voo forjado... a pequena rotina pseudo-infantil quase hipnótica, a que se dedicava todas as noites, após um banho de imersão para lavar os problemas do trabalho passado e o pensamento dos que haveriam ainda de surgir.

Mas agora as noites estavam a tornar-se desagradáveis. Levantara-se vento, anunciando o fim da estação. A varanda não era o melhor sítio para se ficar vestida com um roupão de seda, sem nada por baixo. Por muito que tivesse adiado, acabou por entrar.

A cara dele estava desenhada na almofada, um pequeno monte que esticava ao máximo o tecido para acentuar o contorno dos olhos e das maçãs do rosto. O queixo continuava angular, afilado, como a aresta de um machado. Parecia concentrado na lâmpada do tecto. O que veria ele realmente, fartava-se de se interrogar a rapariga. As coisas como nós as vemos, ou somente o seu espectro? O análogo delas no seu plano de

existência, fosse ele qual fosse? Ou não passaria de ilusionismo para a manipular.

Mas ele notou a sua reentrada. Virou o rosto, acompanhando-a à medida que ela dava a volta à cama para ir guardar o copo, à maneira dos girassóis. Assobiou quando ela se aproximou da cabeceira.

— Adoro ver-te com o roupão. Pareces uma gazela.

Ela percebia-o, porque era assim que se sentia. *Sexy*. Em harmonia com o corpo. O tecido caía-lhe agradavelmente pelas costas, e ajustava-se firmemente ao largo espaldar. Atada com o cordão, a figura esguia movia-se como um desenho animado caricaturista do protótipo da mulher fatal, com o peito gordo (e que tanto detestava, lhe impedir o bom caimento dos vestidos) arrogantemente imperando sobre a vertigem escultural das coxas. Joana e muitas outras antes dela, adorava vê-la assim vestida. Dizia-lhe que parecia um anjo.

Nem anjo, nem pássaro, pensava a rapariga, nem qualquer outra inocente criatura.

— Tens a certeza que ela virá hoje?

— Virá. — Infelizmente, ela virá. Desejou secretamente que acontecesse qualquer coisa. Um acidente, uma morte na família, uma doença... que se apaixonasse de repente por outra, se pudesse ser. Tudo que a impedisse de aparecer na sua casa. — Ela virá, pai.

— Tenho fome. Não posso esperar mais.

Apesar de não lhe conseguir distinguir os olhos, apenas as cavidades orbitais onde se inseriam, ela imaginou qual seria o aspecto deles: um brilho demoníaco.

Não venhas.

A campainha tocou.

— É ela — agitou-se a figura na almofada, e a cama estremeceu.

— Acalma-te. Senão, ela percebe.

— Está bem, filha. Tu é que sabes. Vai lá. Mas dá-me um beijo antes.

Ela dobrou-se sobre o contorno do rosto e juntou a boca com o tecido. O queixo do pai moveu-se para lhe dar espaço. Tocou-lhe com a ponta da língua, e sentiu, muito ao longe, a pressão de um músculo idêntico contra o pano que os separava.

Quando se ergueu, no fim, o rosto mergulhou de volta ao limbo, deixando a almofada numa confusão de rugas com uma larga mancha de saliva. A rapariga deu-lhe umas palmadas, para a alisar, e virou-a, antes de seguir para a entrada.

Od.

Então, um dia, um daqueles dias malditos em que algo se faz ou se diz tão despropositada e inocentemente no momento incorrecto para as

peessoas erradas que precipita uma avalanche de desastres inevitáveis e alteram de forma drástica o percurso de uma vida, o primo, enquanto espreitava casualmente pela frincha de uma porta, viu a cozinheira e a rapariga, nas escadas, entretidas numa actividade que, através de olhos benevolentes, não obscurecidos pelos milénios de culpa e fome de crucificações que a civilização carrega às costas, teria merecido um sorriso aprovador de cumplicidade. Mas esses olhos não eram os seus, e o sorriso que adornou o rosto dele sabia a maldade e a vingança. Tinha-as na mão, agora; especialmente a sua prima. Lançou-lhe a rede na primeira oportunidade que encontrou; e na rede lançou a isca. Não precisou de subtilezas, não utilizou as palavras caras que aprendera a incluir nas conversas com os professores para garantir o *status*. A rapariga, em meio à sua dor e ao choque de se encontrar perante a concretização de um medo que há muito povoava os seus pesadelos, até ficou surpreendida com a paixão com que ele sussurrava as palavras, com a precisão afiada dos seus argumentos e das suas exigências. Não sabia que, como para o sexo, há um instinto primitivo que coordena as acções daquele que sabe que tem poder sobre alguém.

Mas a rapariga que ele chantageava não era mais a miúda que se deixava espancar pelo pai. Respeitava-se si própria demasiado para voltar a subjugar-se. Disse não de queixo erguido num desafio, uma resposta que viria a amargurar o resto da sua vida. Porque ele cumpriu a promessa; se cumpriu! Até adornou a revelação com uma narrativa criada a partir de uma mistura das revistas que escondia sob o colchão do *campus*, e as suas próprias fantasias, qual das duas fontes a mais imaginativa. Ao serem tocados pela luz que alumina, os pais vergaram o fascínio à exigência do momento, e correram com a cozinheira, mal lhe dando tempo para fazer as malas, e avisando-a que iriam telefonar a todos os seus amigos, para que estes passassem palavra, de modo que ela podia tirar o cavalinho da chuva se pensava que iria encontrar trabalho tão facilmente. Quanto à sobrinha, porque se sentiam responsáveis por ela, se bem que de um jeito bastante deformado, trancaram-na no quarto, pensando deixá-la lá durante meses, não fosse ela fugir para se encontrar com a outra porca.

A amiga foi-se embora sem se poder despedir. Nunca se voltaram a encontrar, ou corresponder. A rapariga ficou a vê-la afastar-se rua fora, desengonçada pelas pesadonas malas que semiarrastava pelo chão, e pela primeira vez amaldiçoou de verdade a sua vida. Amaldiçoou-a mais quando o primo, cheio de álcool e de *speed*, levou um amigo lá a casa, e com ele concretizou o desejo que de outra forma não teria coragem para realizar. Amarrada e amordaçada, não pôde reagir; só chorar, e esperar que acabasse depressa.

O primo perdeu o interesse por ela, depois do incidente. Talvez tivesse medo que ela fizesse barulho, ou que ficasse grávida; ou,

simplesmente, a colina já estava conquistada. Mas ela não mudou. Mesmo amordaçada permaneceu quem era. Aguentou até aos vinte e um anos, quando lhe foi finalmente liberado o dinheiro da herança da mãe, e fugiu daquela casa. Fugiu de tudo o que a ligasse ao passado. Tornou-se numa nuvem de fumo, estendida até ao horizonte. Depois, o vento dissipou-a, e foi como se nunca tivesse existido.

4.

Era Joana. Ostentava um penteado novo, um modelo de Arché que tanto fazia o seu género: os lados puxados para trás, e para cima, formando um par de placas com o aspecto de duas mãos. A rapariga não se lembrava de nenhuma menção que tivesse ouvido da amiga sobre uma visita ao cabeleireiro, pelo que deduziu que se tratasse de uma surpresa, um presente reconciliatório. Sentiu-se culpada. Quem o deveria oferecer seria ela, juntamente com o pedido de perdão pelo comportamento passado... comportamento *passado*? A rapariga soltou um gorgolejo de incredibilidade: deveria antes redimir-se pelo que se iria passar.

Deu a ordem de abertura à porta. A imagem electrónica do rosto da amiga desapareceu, e o mecanismo soltou a placa, que se retraiu na parede. Ficou frente a frente com Joana. Não lhe disse para entrar. Não conseguia, os lábios tinham-se selado. Tinha medo de decidir.

Mas Joana decidiu por ela. Avançou para a tomar nos seus braços e ergueu a rapariga ao seu nível, até os olhos defrontarem outros olhos, e duas bocas se unirem. A rapariga correspondeu-lhe furiosamente, agarrando a nuca da outra com as unhas e esmagando-a contra si. Não lutou quando sentiu duas serpentes de cinco tentáculos cada a irromperem para o interior do roupão que envergava, apesar de estarem incomodativamente geladas.

O último beijo, pensava ela. O último.

Um barulho vindo da cama avisou-a que estava na hora.

— Preciso de ir à casa de banho — justificou-se, enquanto afastava os braços de Joana. — Vai-te despindo, deita-te. Eu não demoro. — E voou para o banheiro, apertando o cinto do roupão em torno da cintura.

A porta fechou-se com um clique sonoro. Houve silêncio. A ausência de som típica de um perigo iminente. Mas não para a rapariga, que tinha os ouvidos inundados do batuke do próprio coração.

O primeiro grito rasgou-lhe a alma. Lançou-se para o lavatório e abriu as torneiras ao máximo, para abafar a dor. Lágrimas jorraram pelo rosto abaixo.

Novos gritos se sucederam, cada mais violento que o antecessor, misturados com o rumor da água. Mal reconhecia neles o timbre grave da amiga, e que tanto admirava. Parecia ser produzidos por um animal

selvagem.

Pareciam os gritos que ela própria dera, durante a sessões de chicotadas, de... oh, há tanto tempo atrás!

Teria sido assim há tanto tempo? Teria ela realmente esquecido a dor, ultrapassado a submissão, e ganho respeito por si própria, como muito se orgulhava de afirmar?

Tinha. Excepto quando enfrentava o pai. Então, voltava a ser a menininha dos seus actos, a peça de carne que ele queimava na fogueira. Controlável e obediente: urna boneca.

Se ao menos conseguisse... Encarou-se no espelho. *Tens de conseguir! Hoje tens de conseguir. Antes que sirvas tu própria de alimento para a fome dele.*

Os gritos perdiam já a força e a esperança. Ninguém viera em seu socorro. Nem aquela cujo nome procuravam formar, a que se tinha escondido e lavado as mãos das loucuras alheias. A rapariga saiu da casa de banho, mas com medo de olhar para a cama. Porque sabia o que lá iria encontrar. Mais que uma cena agonizante: dois olhos que despejariam sobre ela todo o ódio de uma alma abandonada. Ou pior ainda: talvez a perdoassem. Ela esperava que não. Tudo menos o perdão final.

O peito ainda se erguia para colher os derradeiros golfos, mas era uma tarefa vã. O corpo boiava num lago de sangue, que manchava toda a cama, a parede, os tapetes orientais, e até alguns dos livros de papel genuíno, artigo extremamente raro e valioso, que repousavam inocentemente numa estante do outro lado do quarto. Pairava no ar um odor a podridão e porcaria.

As mãos estavam também a acalmar-se. Diferentes das que tocavam a rapariga, em outras noites, estas terminavam em longas garras afiadas, cinco lâminas retrácteis a forma de cimitarras. O corpo encontrava-se quase rasgado, do pescoço ao púbis, e as entranhas dispunham-se expostas em toda a sua vermelhidão húmida e gelatinosa, revelando o mapa perfeito da anatomia humana. Enquanto a rapariga olhava, o músculo que suspeitou tratar-se do coração parou calmamente de bater. Mas ainda o corpo se agitava, sacudido pelos violentos puxões das mãos, que emergiam de dentro da barriga cheias de vísceras. A rapariga sentiu-se agonizada. Tinha passado muito tempo desde a última vez.

O rosto de Joana quedava-se pacífico, salvo pelos olhos extremamente esbugalhados. Os músculos faciais, congelados no meio dum grito, sugeriam um sorriso ligeiro, ou talvez uma vaga expressão de prazer. Caíam pela almofada, em faixas, os cabelos, outrora esculpidos numa obra de arte. Continuava a ser Joana, apesar do sangue. A mulher que amara durante tanto tempo.

Um jacto de ódio irrompeu-lhe da alma. E misturadas, surgiram memórias passadas, que se julgavam convenientemente enterradas no

fundo de um qualquer ano sem data. As memórias da primeira vez, enquanto deitada, que fizera amor com a forma etérea (que só mais tarde saberia tratar-se do seu pai). A memória das vergonhas: a primeira, que sentira quando tomara consciência do incesto em que se deixara envolver; a segunda, ao perceber o quanto tinha gostado, e quanto o desejava de volta — após ter acreditado, durante tantos anos, que se conseguira libertar da sua garra, e dos sonhos que em tempos alimentara, em que o amava sem restrições. Ele cumpriu a promessa. Era bem ao seu género, não sossegar no leito.

Tempos depois, surgira a notícia de uns certos tios um certo filho deles, que tinham morrido brutalmente em circunstâncias misteriosas. Consumidos pelo fogo — mas curiosamente, sem sinais de deflagração, sem sinais de entrada forçada, sem marcas da presença de intrusos por toda a casa. Tinham sido dependurados de cabeça para baixo [segundo lhe contou um sargento da polícia, gordo e suado, que não parava de lhe mirar desavergonhadamente as mamas], antes de lhes atearem fogo, de modo que não morressem sufocados pelo fumo. Uma maneira de ficarem conscientes até ao fim — ou até desmaiarem, sucumbindo à intensidade da dor. A culpa final tinha revertido para um grupo de maníacos, semelhantes aos do Manson do século passado, que andavam a fazer das suas naqueles dias, e o processo fora encerrado. Mas ela sabia, no íntimo, quem fora o verdadeiro culpado.

O conhecimento ainda a aterrorizava. As coisas que ele era capaz de fazer... a morte só lhe permitira libertar-se da forma física que tanto o limitava. Agora, estava ao seu alcance o poder de provocar autênticas catástrofes. De fazer sofrer populações. A rapariga suspeitava que o pai se encontraria num inferno próprio, mantido e sustido pelo seu espírito maligno; e com ele as almas que capturara. Quais eram os nomes delas? Era difícil recordar-se, tão difícil como fora livrar-se dos cadáveres. E dos polícias, quando a procuravam para interrogação; mas destes não tinha medo, pois sabia-se protegida. Não, o seu medo era outro. E não o suportava mais.

Será hoje, pai, gritou ela de dentes cerrados. Será hoje!

Oe.

— Porquê, pai? — perguntou ela à presença que, nas últimas horas, ouvira a revirar-se debaixo da terra.

O pai respondeu-lhe do fundo da cova.

— Somos todos diferentes, minha querida. É apenas a srande ocorrência de factores comuns que nos leva a projectar nos outros aspectos de nós próprios. Mas não significa que os outros tenham de ser como nós, de pensar as mesmas ideias, de preferir os mesmos gostos. Aquilo a que chamamos normalidade não passa de uma ocorrência estatística.

Ela virou-se no seu leito de terra, pois já sentia o corpo dormente. Apesar de ter esperado até que as noites estivessem moderadamente quentes, nunca imaginara que o cemitério fosse tão abafado; estava a suar a jorros. A roupa pegava-se à pele, bem como o pó e a terra da campa. E o cheiro das flores em decomposição, tão forte e enjoativo?...

A voz despertou-a.

— Não significa necessariamente que aqueles que tendem para os extremos da distribuição não sejam «normais». Antes: não serão comuns. Mas constituem uma parte da raça humana, e dela são elementos também representativos. Quer devido a um desequilíbrio químico quer devido a uma longa vida de traumas e sacrifícios, são diferentes, têm gostos e tendências... peculiares.

A rapariga premiu o rosto contra a lápide, extraindo um pouco de frescura. O pai fitou-a com o seu ar austero e olhar demoníaco que nem uma fotografia desbotada conseguia conter.

— Não acreditamos na alegria pura, no prazer gratuito. Qualquer pequena boa disposição implica um pagamento. Temos de expiar a culpa.

— Que culpa? — perguntou a rapariga.

— A culpa. De sermos o que somos. De gostarmos. Temos de ensinar aos outros como é. Temos de impedir que a sua boa ventura nos traga a ruína.

— Mas porquê eu?

— Porque a cada um que bate, tem de haver alguém a quem lhe doa. Senão, não teria sentido. Tu és o complemento. Deténs em ti uma fragilidade, um fascínio especial que serve de íman aos desejos mais sujos, mais escondidos, daqueles que te conhecem. És uma espécie rara. E fui eu que te fiz assim, com os meus ensinamentos. Fui eu que te criei.

— Eu sei, pai. É por isso que o odeio.

— Não, filha, tu não me odeias. Tu amas-me. Porque eu sou a dor. Sou o espinho. Sou a única forma de prazer que tu alguma vez conhecerás.

A rapariga ficou silenciosa durante muito tempo. Parecia ponderar o que o pai lhe dissera. Não lhe chegou a responder, e o pai também não voltou a falar. Quando decidiu sair, era quase manhã. O sol incendiava os crucifixos de prata que se erguiam do mármore, um prado de cruzes e braços abertos. Encheu o caixote com terra da campa do pai, que colocaria sob a cama para o chamar com mais facilidade. Depois, dirigiu-se ao portão, à espera que abrisse, enquanto alisava e sacudia a poeira da roupa. O guarda havia de olhá-la com curiosidade, mas uma nota de agradecimento idêntica à que lhe fornecera na noite passada haveria de satisfazê-lo e deixá-lo a pensar que era apenas mais uma maluca por cemitérios.

5.

Joana jazia quieta na cama. As próprias mãos haviam-se cansado, e tinham desistido de incomodar o corpo dela. As feridas que lhe expunham o interior pareciam ter sido feitas por uma besta dominada por um ódio impossível de descrever; ou uma fome. Agora parecia saciada, mas a rapariga sabia que apenas a superfície não continha ondulações; as correntes que agitavam o mar por debaixo não podiam ainda ser percebidas. Mas depois começaram a irromper. O início: um leve tremor dos dedos. Um tremor independente, calculado, feito de propósito. A conquista do movimento. Como uma doença, subiu-lhe pelos braços e começou a percorrer o tronco. A cabeça agitou-se uma vez, arqueando o pescoço. As entranhas dançavam como gelatina. E a rapariga apanhou debaixo da cama uma garrafa, que escondeu nas costas.

Com um salto, Joana ficou sentada na cama. Um jorro, mais fraco que anteriormente, caiu-lhe da garganta, seguido por bocados do corpo que tinham deixado de estar seguros pelos músculos. A massa amorfa de carne abateu-se como uma avalanche, sobre o colo, produzindo um ruído molhado. Joana revirava os olhos e a cabeça, e mexia os braços, como se extasiada pela própria acção. Deteve-se Precisamente ao encarar a rapariga. Esta reconheceu-lhe o olhar. Não era mais o da mulher que a procurava no escuro da noite, entre lençóis de seda e o cheiro a desejo. Não era mais a ternura e a admiração.

Era um olhar demoníaco e malévolo.

— Tu sabes mesmo escolhê-las! — disse, embora a boca de Joana se mantivesse na postura rígida de um sorriso morto. Não era a voz dela sequer. — Esta é *boa*!

Gulosamente, espremeu o peito nas próprias mãos, esmagando-o contra as costelas martirizadas.

— Ela resistiu, mas não por muito tempo. O suficiente para se tornar agradável. Ela sabia bem. Espírito forte, decidido. Mas vulnerável no íntimo. Tão vulnerável que se deixava convencer, ia na corrente onde os outros a lançavam. E boas memórias, também. Deliciosas. Memórias de amor... — olhou maliciosamente para a filha. — Aaaah! Já não me sentia tão bem há tanto tempo! Estou como um puto que rouba os biscoitos da caixa, empoleirado na cadeira.

A rapariga aproximou-se do lado da cama, agarrando a garrafa firmemente.

— Gosta de mim, filhinha? Gostas? Deste corpo belo, desfeito em sangue e merda. Alguma vez estive mais bonito? Mais exuberante? Mais digno de ser amado? Aproxima-te. Quero dar-te um presente. — Projectou a língua para fora e começou a movê-la para cima e para baixo, muito depressa. As pupilas ardiam. Lançou o braço para a agarrar pelo quadril, mas a rapariga afastou-se. O corpo ia quase caindo da cama com o

movimento, e teve de lutar com os seus poucos tendões intactos para se manter de pé.

A rapariga percebeu o medo nos olhos da amiga. Se o corpo saísse do campo de acção daquele leito, o pai perderia o controlo sobre ele, e voltaria ao limbo, sem possibilidade de se reagrupar na terra ou materializar-se no seu espírito. Estava preso ao rectângulo do colchão, e no momento, restringido ao instrumento de carne.

Mas aquele era um instrumento com dois gumes, pensou a rapariga. Se se deixava usar, também podia retroceder a acção e tornar-se ele o manipulador.

— Onde vais? — perguntou o pai, um tanto irritado. — Anda cá!

— Não, pai — retorquiu ela, quase se surpreendendo si própria. — Nunca mais!

Destapou a garrafa com violência. O acre do petróleo esbofeteou-lhe o rosto, e durante algum tempo não conseguiu ver nada. O plácido semblante de Joana olhava-a, intrigado.

Continuou surpreso enquanto ela despejava o conteúdo sobre ele e sobre a cama, até os cobrir inteiramente. O quarto foi invadido pelo cheiro, e a rapariga começou a sentir dificuldade em respirar. Mas manteve-se junto ao leito, puxou de uma carteira de fósforos do bolso do roupão, e acendeu um.

Joana devolveu-lhe o medo no olhar.

Ela saboreou-o. Rolou nos dentes do ódio o desespero do rosto dela, dos braços erguidos a implorarem. O seu pai era muito engraçado: sempre disposto a fazer sofrer os outros; mas ele, nunca. Nunca ele.

— Chegou a tua vez — e antes que ele conseguisse abandonar o corpo, lançou o fósforo.

As chamas ergueram-se ávidas, como se irrompessem por uma porta que há muito aguardavam que fosse aberta. Atropelavam-se e caíam, tamanha era a fome. Cobriram num instante a cama e começaram a devorar. Lenta, insidiosamente.

O corpo ergueu-se num grito. Já não se distinguiam os contornos, apenas a silhueta negra iluminada. Levaria tempo até arder completamente. O conteúdo de água de corpo humano é muito elevado, para se consumir com um pedaço de papel.

A rapariga contava com isso. Que levasse tempo. Que doesse. Não podia matar alguém que já estava morto, bem como não se conseguiria jamais libertar dos pesadelos que a perseguiriam até ao final da sua vida. Era inútil tentar, sequer. Nós somos o resultado da soma de decisões que tomámos; tal como escolhemos o caminho que queremos seguir, e o adaptamos ao nosso carácter, também ele nos molda, também ele devolve uma parte de si, que se entranha em nós. O passado é fixo, e o futuro dela não continha muitas alternativas.

Ela não podia alterar o que era; mas podia fazer sofrer o responsável, o mais responsável de todos; podia criar-lhe um inferno só seu, para sempre. Agora, seria ele o perseguido, seria ele o atormentado. E não teria descanso, nem que a matasse.

As chamas ergueram-se, cobriam o tecto, deitaram-se nas cortinas, escureceram os tapetes. Estava quente e sufocante, o quarto, mas não se importava; nem notava a invasão do fogo — só tinha olhos para o desespero do pai.

— Tinhas razão! — gritou ela sobre a discussão do fogo, imprimindo um tom sardónico à voz. — Sinto-me feliz, como nunca antes me senti; nem quando me fornicavas! Devia ter-te dado ouvidos há anos! Porque tu, realmente, és a única forma de prazer que alguma vez conheci.

O JOGO DO GATO E DO RATO

O beco sufocava. Nuvens quentíssimas de vapor erguiam-se das grelhas de arrefecimento que faziam a exaustão da enorme cozinha do hotel ao lado. Dispostas em fila, rente ao solo, o seu bafo prendia-se à roupa e ao pêlo, tornando-os pegajosos e incomodativos, como uma cobertura de caramelo derretido. A noite estava contra ele, desta vez; as únicas luzes, de janelas mal fechadas, que cortavam a densidade do ar negro, fecharam-se quando penetrou no beco, muito de mansinho, os cascos a formarem o mínimo de ruído sobre o cascalho e as poças de lama. Por cima, nem a bênção de uma estrela; apenas mais nuvens, mais vapor condensado em gotículas de ira que ameaçavam rebentar a qualquer instante. Formavam um tecto cinzento que mal se destacava das silhuetas dos prédios, de modo que ele se sentia envolvido por um manto, pela presença in-nsível de uma luz negra com substância e corpo. A noite e o medo andavam de mãos entrelaçadas; mas o detective segurou arrna com firmeza e não recuou. Muito dependia dele.

De súbito, vindo do fundo do beco, um ruído. Um pisar de restolho. A respiração do detective susteve-se. Encostou o maciço à parede, amaldiçoando silenciosamente aquele vapor irritante. Não conseguia ver nada. Ergueu mais o braço que empunhava a pistola.

Outro som. E outro. A criatura parecia amedrontada, insegura. Que bom seria se assim o fosse! Tinha-a perseguido desde a cena do massacre, durante dois quarteirões. O estômago ainda se revoltava contra a memória do quarto e do sangue derramado, formando uma poça, que atravessava o tecto e ia pingar em jeito de chuva sobre a palha da sala. As patas decepadas, os ventres com enormes golpes, que revelavam uma massa de vísceras húmidas e malcheirosas escorregando numa lentidão maldita de dentro do corpo, os olhos esbugalhados... a criatura tinha de ser detida antes que provocasse mais mortes. Nem que tivesse de ser à custa da sua própria vida.

Impaciente, e porque o calor o começava a incomodar, decidiu fazer o primeiro ataque. Disparou contra as trevas, na direcção do sítio de onde

providera o último ruído. Houve um grito. Tinha-lhe acertado.

Mas ela não morrera. Num ímpeto, a forma escondida avançou. Tentou disparar contra ela, mas acertou somente na tampa metálica da lata de lixo que ela carregava em jeito de escudo. Não ia atacá-lo, percebeu; queria fugir. Era agora ou nunca.

Avançou para o meio do beco. Pretendia esmagá-la contra a parede, mas o que viu surgir das sombras fê-lo desorientar-se, e ficar tão surpreso que se esqueceu por momentos do seu intento.

A criatura era bípede! Só se servia de duas pernas para correr! Tinha dois outros membros, mas eram de manuseamento, idênticos aos que também ele tinha. Então, era por isso que ninguém percebera como...

Mas a criatura, apercebendo-se da distração do oponente, iludiu-o. Passou por debaixo do seu dorso, agachada, e correu para fará do beco.

Quando a dor o atingiu em plena força, soube de imediato que não teria salvação. Não precisou olhar para conhecer a causa; o pingar insistente que escorria da sua barriga denunciava com uma clareza demasiada a extensão do golpe que a criatura lhe havia feito. Mas teve tempo ainda de se virar e disparar, antes de cair. Tempo ainda para ver a cabeça dela a desintegrar-se ante o impacte, e cair, como ele, sobre o chão frio e indiferente...

— Corta!

As luzes acenderam-se e o vapor parou. O detective ergueu a mão para proteger a vista do foco do projector. A figura que se destacou avançava para ele, e não parecia muito contente.

— Mas que raio pensas tu que estás a fazer? — gritou-lhe o realizador. — Tu és um polícia. Vens enfrentar sozinho um extraterrestre que matou dezenas de pessoas. Tens de estar inseguro, receoso, enervado; não gostas, mas é um trabalho que sabes que tens de fazer. E não de pareceres calmo e confiante! Quero ver temor, medo nos teus olhos! E nada de te apoiares quando caíres. O chão é estorado; descansa que não te magoas.

— Mas é tãooooo frio! — queixou-se o actor, levantando-se. — Fico tão incomodado.

— Merda para ti — respondeu-lhe o outro. — Fazes o papel de um macho, não de uma égua histérica!

— Não me fales assim — o actor estava quase à beira das lágrimas. — Olha que posso ficar nervoso, que...

Mas o realizador já se tinha afastado, acenando com a mão para indicar que não o incomodassem. *Raios, peço um actor e dão-me a Bela Adormecida. Se não fosse pelo contrato...* Dirigiu-se para o sítio mais calmo do estúdio, a entrada do «beco», onde jazia a massa inerte da criatura alienígena.

Mesmo após tanto tempo, o realizador ainda conseguia ficar

fascinado pelo seu aspecto. Era tão pequena, tão frágil! Duas, somente duas!, pernas minúsculas, que, não obstante o reduzido número, conseguiam manter o corpo em equilíbrio; os extremos não eram protegidos, precisavam de solas artificiais para não se magoarem. E o sangue. O vermelho do sangue. Havia uma evocação sublime naquela cor, quando brotava da pele alva (como a madrugada) e a manchava com cambiantes de carmim e luz. Vermelho era o Sol Grande ao crepúsculo, quando descia sob as falésias que ladeavam o lar privado do realizador, e que tantas saudades lhe provocavam. Era o tom natural do Sol Frio, aquele que estava distante e quase não iluminava. A cor dos processos celestiais, que criavam e despedaçavam constelações de acordo com um processo divino e inescrutável. Anunciava a vinda das valquírias aladas no dia da Última Cavalgada, na mitologia ascendeense. «E o céu envermelhar-se-á de raiva; e as *t'ruma* cavalgarão da boca do Sol...» Devia-se à presença de ferro no sangue das criaturas, que era usado para o transporte do oxigénio, dos bolbos de respiração até às células. *Muito diferente do nosso organismo, que utiliza enxofre*, pensou, mais uma vez maravilhado pela forma como a evolução, seguindo por dois caminhos distintos, produzia um resultado final que conduzia à vida, à sua proliferação nas mais diversas aparências, e à vitória última sobre a morte. Queria mostrar isso no seu filme; a evocação, a beleza inerente. Talvez devesse ter utilizado sangue vermelho falso, para não ser obrigado a destruir sempre as criaturas. Mas queria realismo, queria impacto, e não havia tinta que conseguisse imitar aquele brilho sublime...

Era chamado. Voltou à terra com prontidão, e apressou-se a dar ordens. Não dispunham de muito tempo.

— Lorne, Grene, limpem aquela porcaria. Derna, vai-me buscar outro, e prepara-o. Maquilhagem...

Derna era sua colaboradora mais fiel. Tornara-a responsável pelos alienígenas porque sabia o quanto lhe agradaria a tarefa. Alimentava o sonho antigo de ter sido uma exobióloga, décadas após o sonho ter ficado inviabilizado para sempre. Uma doença impediu-a de prosseguir, fechou-lhe a passagem ao estudo e ao contacto dos estranhos seres nos seus igualmente exóticos *habitats*. Teve de ficar em terra, ocupada em tarefas ridículas e mesquinhas, e ver outros, não tão dotados, a serem lançados ao céu em direcção à fama. O realizador, apesar de ter pena dela, não conseguia encontrar muito desgosto no seu coração, pois tinha sido a própria doença que possibilitara que se encontrassem. Derna era a sua fêmea actual, e, porque carregava já um filho dele no ventre, também o seria nas Próximas Estações.

Mas essa era a convicção do companheiro de Derna, não a dela. Os seus planos eram bastantes distintos. Atingida pela febre que imperava sobre as fêmeas modernas, uma onda de libertação que se iniciara com a

descoberta do planeta das criaturinhas erectas e do estudo do seu modo de vida, em que o elemento feminino parecia desempenhar um papel na sobrevivência da espécie tão activo quanto o do macho, Derna unia a sua voz às que proclamavam a independência e a não-subjugação após o parto a que o tradicionalismo obrigava. Desde o início da Cultura que o casal dos pais se mantinha unido durante os primeiros ciclos de vida do bebé, permitindo-lhe crescer adaptado a uma matriz de orientação e segurança psicológica. Segundo a nova voga, acreditava-se que essa era precisamente a razão por que o hábito não mudava, e que nenhum mal adviria às crias se fossem educadas somente por um dos elementos paternais. Os companheiros protestavam, naturalmente; queixavam-se que a sua disruptura desordeira provocaria o surgimento de uma sub-raça de embriões não perfeitamente adaptados à sociedade; e argumentavam que só éguas históricas se iriam apoiar no exemplo de uma espécie animal.

Derna ainda não resolvera que causa apoiar em definitivo. Sabia que, qualquer que fosse a sua decisão, a sua primeira filha, já iniciada na fertilidade e que seguia pelo caminho que a mãe não pudera tomar, seria o seu apoio e conforto, nos momentos difíceis. Conhecia-lhe a paixão pela descoberta, pela novidade: era idêntica à sua — se bem que, globalmente, a filha não constituísse o retrato da sua pessoa quando nova. Convidara-a a acompanhá-la ao estúdio, naquele dia, para que pudesse observar de um Su Corro. E, tendo surgido a ocasião, fez-lhe sinal para que viesse atrás de si.

— Ainda não compreendi uma coisa — começou a dizer à mãe, enquanto prosseguia a seu lado pelo labirinto intrincado de paredes falsas, e montanhas de cabos que inundavam os bastidores. — Porque lhes chamam Su Corro?

— Bem, segundo a história que me contaram, eles são animais que, em geral, não falam. Têm, contudo, a capacidade de articular alguns conceitos, particularmente quando submetidos a uma situação de perigo. É um mecanismo de sobrevivência curioso, e que indica a grande possibilidade de a espécie se poder tornar inteligente no próximo passo evolutivo.

Atingiram um canto remoto do edifício. Na sua frente, uma porta ostentava o dístico da segurança, encimado pela expressão habitual «PROIBIDA A ENTRADA». Derna retirou um cartão magnético da bolsa da cintura e inseriu-o na ranhura apropriada. A porta abriu-se.

— Pelos relatórios dos primeiros caçadores — continuou, quando já estavam dentro do dispensário —, sempre que um deles era capturado, a sua mente enchia-se com um grito «Su Corro! Su Corro!». Só paravam quando eram metidos numa jaula com outros da sua espécie. O grito é provavelmente uma forma de alerta contra a presença de um perigo, mas o título é tão atraente, que ficou. Aqui estão eles.

Panae ajoelhou-se nas patas da frente para observar melhor. Estavam

cinco dentro da jaula. Da cintura para cima poderiam ser confundidos com um humano, apesar de os lábios serem muito curtos, os olhos demasiado juntos e não possuírem seios proeminentes. Contudo, da cintura para baixo, não havia semelhança possível. A miúda esbugalhou os olhos ante a imagem do par de membros sobre os quais se sustentavam.

— São tão... grandes! — foi o único comentário que se escapou pela boca. A mãe sorriu.

— Pelo contrário, estes são crias. Os Su Corro adultos dão-nos pelo peito — e ela própria levantou a mão para demonstrar.

— Incrível! — disse a miúda. — São os maiores animais que conhecemos!

— Nós já tivemos esse tamanho, há uns dez milhões de ciclos, quando éramos apenas pequenos potros aos coices na planície. Todos possuímos o nosso padrão de desenvolvimento, e estes seres certamente que começaram há muito pouco tempo. — Aproximou-se da jaula. — Queres ver uma coisa?

Panae seguiu-a, espicaçada. A mãe meteu uma mão pelas grades e agarrou numa das crias.

— Não gritam Su Corro — comentou a miúda.

— Porque já estão habituados a nós. É por essa razão que eu penso que se trate de um grito de alerta para os outros companheiros, e não uma exclamação de puro medo. — Puxando-lhe a cabeça para trás, expôs-lhe a garganta. — Estás a ver isto? Esta base alta que serve de ligação do tronco com a cabeça?

— Sim. Faz-me recordar a dos ascendeenses; só que a deles não é tão alta.

— No interior desta base encontra-se um mecanismo de geração de sons muito complicado. Nós também possuímos um semelhante; quando em ocorrência de perigo, de grave insatisfação, ou de denúncia, é que o utilizamos. A grande novidade centra-se no facto de o mecanismo su orro conseguir gerar (e controlar!, nota bem) sons prolongados numa grande amplitude de frequências. E aqui — virou bruscamente a cabeça da criatura para lhe expor os ouvidos — está um outro mecanismo: um osso muito sensível que consegue vibrar de acordo com a amplitude de ruídos do meio ambiente, distinguindo as suas alterações, e em seguida traduzindo a vibração num conjunto de impulsos que envia directamente ao cérebro. Estás a ver este membro? — com um dedo, traçou a orelha da criatura. — Está em perfeita concordância com as leis da acústica para permitir à criatura captar o máximo de sinal transmitido, ao mesmo tempo que bloqueia um dos lados para lhe permitir determinar a direcção da fonte do som. As leis evolutivas em acção.

— Engenhoso. Mas não possuímos nós algo semelhante?

— Não propriamente. O nosso é um sistema de reconhecimento

binário. Ou seja — apressou-se a acrescentar, ao ver a perplexidade na expressão da filha —, indica-nos apenas uma informação: ou há sons, ou não há. Não faz uma distinção perfeita entre as diversas frequências. E quanto ao modo de localização, é dos mais básicos, nada tão complicado como o deste animal. — Sorrindo, olhou para Panae e perguntou-lhe: — O que te sugerem estes dois sistemas em conjunto? A emissão de sons e a recepção dos mesmos?

Panae pensou por uns momentos, enquanto observava enternamente o Su Corro aprisionado pela sua mãe. O animal fitou-a de volta, fixamente. Perturbou-a. Nunca vira nenhum animal comportar-se assim...

— Comunicação? — decidiu arriscar.

— Muito bem! — sentiu orgulho por Panae. A miúda iria longe. — É evidente que a escolha do processo de selecção natural foi pelo desenvolvimento de um meio sonoro de comunicação. Os Su Corro viviam em comunidades, e nestas já se encontram papéis sociais e complexas relações interindivíduos. Para tal, uma forma de comunicar faz-se necessária, para haver um mínimo de organização. Imagino que deveria existir um som para indicar a chefia, talvez um grunhido para exprimir a fome, um guincho para indicar raiva ou descontentamento... sentimentos primitivos e básicos, sobretudo. Naturalmente não seriam trocados conceitos ou ideias abstractas, nem tomaria lugar a formulação de pensamentos. Como se poderiam utilizar meros sons para esse fim? Contudo, apesar de absurda, a ideia é tentadora, se considerarmos qual seria o desenvolvimento futuro...

Enquanto a mãe prosseguia indefinidamente, Panae, incapaz de a seguir, pensou se ela não estaria verdadeiramente a falar para uma vasta audiência imaginária de biólogos e sociólogos, dispostos em filas arranjadas, que tomavam notas breves e abanavam a cabeça e erguiam o rabo segundo a sua concordância, ou não, das conclusões apresentadas pela oradora. A audiência que nunca teve.

Ela deve ser muito infeliz, pensou a miúda.

Foi como se a mãe lhe tivesse captado o pensamento, apesar de Panae não o ter transmitido para ela, porque se deteve e disse:

— Estamos a atrasar-nos. Ele está à espera do Su Corro filmar.

Ajudada pela filha, Derna conseguiu retirar totalmente a cria da jaula sem as outras se escaparem. O rosto dela avermelhara-se, e água escorria dos seus olhos em abundância. Estava a produzir barulho, através da boca aberta. Ela observou a reacção das criaturas: pareciam ter sido invadidas pelo pânico; os seus olhos dardejavam de um local para o outro, sem orientação, e estavam, quase todas, extremamente agitadas. Dizia quase todas, porque uma delas não se movia. Destacava-se das restantes pela sua completa imobilidade, pela sua postura, e pelo modo como devolia o olhar a Derna, com uma pureza de ódio e frieza tão intensa que a crina da fêmea

se eriçou, e questionou-se vivamente se não estariam os especialistas errados e fossem aquelas criaturas realmente inteligentes.

De volta ao estúdio de filmagem, a sensação passara-lhe. Trazia o animal sobre o lombo, dentro de um saco (um bocado desconfortavelmente, pois a criatura não parava de se agitar, ameaçando constantemente tombar da montada) porque, como explicou à filha por meias palavras, o conjunto tinha sido adquirido por debaixo das patas de certas pessoas. E tinha custado os pêlos da crina. O Conselho Dictatorial não liberara ainda, por completo, a acessibilidade aos recursos do planeta recém-descoberto. como havia tantas criaturas, uma ou seis a menos não fariam diferença de monta...

— Vou contar-te uma notícia que ouvi pelos meus amigos. Não a repitas a ninguém; não foi oficializada, e parece que o Conselho não desejava divulgá-la.

O tom de segredo excitou a miúda, que se aproximou mais da mãe. Passaram inconscientemente de um trote lento para o passo, como duas conspiradoras em acção.

— Foram descobertos artefactos por entre as ruínas do planeta. — continuou Derna. — Com certeza já conheces a história das expedições, de como eles encontraram a superfície: toda queimada, vazia, coberta de cinza radioactiva, e com vastas construções derrubadas. A evidência de que ocorrera um cataclismo de alguma ordem; ninguém sabe do que se tratava, como ou quando ocorrera, apesar de alguns investigadores independentes julgarem que resultou de um falhanço da Prova de Fissão, e que constitui mais um apoio à teoria de que todas as espécies passam necessariamente por um período durante o qual detêm o poder de aniquilar não só o planeta onde vivem, como elas próprias. E que nem todas aguentam a responsabilidade.

«Os Su Corro viviam por entre as ruínas, juntamente com outras (não muitas) espécies animais. Do povo que construiu as cidades e que trouxe o desastre ao planeta, não restavam evidências. Nem uma única imagem. Existiam somente representações pictóricas visuais dos Su Corro, no que suspeitamos serem elementos de análises científicas feitas ao comportamento destes animais. Há indícios que apontam para a preparação de um provável salto evolutivo forçado e controlado, e que haveria até uma comunidade pseudo-inteligente já em funcionamento. Pictóricos dos Su Corro com roupas, com veículos mecanizados de locomoção, e envolvidos em práticas sociais complexas são muito comuns. Mas se tal comunidade existiu, sabem os Sóis onde estará; juntamente com a raça inteligente do planeta, é o que penso.

— Mãe! — queixou-se Panæ. — Eu já sei isso tudo. Qual é o segredo?

— Paciência, querida, paciência. Há momentos e lugares próprios para cada assunto.

Estavam a chegar ao estúdio de filmagem, onde certas conversas não eram aconselháveis. Em especial porque, além da extensa multidão, havia muitas aparelhagens de perscrutação de mentes para se gravarem as experiências pessoais dos actores enquanto trabalhavam — na essência, o processo de construção de um drama-sensorial. Bastava a Derna a ilegalidade de ser apanhada com um alienígena não-autorizado no dorso — não queria ficar com a acusação de possuir segredos do Conselho.

— Já não era sem tempo. O que estiveram a fazer lá em baixo? A polir os cascos?

Derna teve vontade de responder à altura, mas escândalos públicos não lhe agradavam. Mais tarde, quando estivessem a sós, ele receberia o troco... Limitou-se a entregar o saco ao realizador, que o despachou para a secção de maquilhagem, onde colocariam uma máscara sobre o seu corpo. Planeavam espalhar que o ser de duas pernas que aparecia no filme tinha sido uma criação genial do departamento de efeitos visuais, um boneco robotizado inspirado na presumível aparência dos Su Corro. Mas Derna duvidava que o Conselho fosse na cantiga, e que o realizador conseguisse escapar duma séria acusação. Estava perfeitamente consciente que eles não eram nada parvos.

Ao menos, ela seria poupada: encontrava-se no estado de gestação. *Machos!*, pensou. *Machos e as suas questiúnculas ridículas.*

— O que têm os machos, mãe?

Apanhou-a de surpresa.

— O quê?!

— Tu disseste...

— Não importa o que eu disse. Estava a pensar para mim própria. Vamos antes procurar um canto para podermos falar.

O Su Corro voltara já da maquilhagem e estava a ser colocado no cenário. As câmaras ergueram-se no ar para gravarem em três dimensões, e o equipamento de perscrutação prontificou-se. O ambiente era de expectativa.

— Acção — ecoou no estúdio.

Derna aproveitou um painel de isolamento para se proteger. Nenhum perscrutador penetraria nele.

— O segredo é o seguinte — disse à filha, que escutava com toda a sua alma. — Foram encontrados pictóricos de humanos entre as ruínas.

— Humanos?! Mas...

— Eu sei que nos registos não se encontra o relato de nenhuma expedição anterior à que se efectuou dois ciclos atrás. Poderia ser um grupo de renegados, ou uma viagem de qualquer das colónias e que não tivesse sido comunicada, mas a questão não é essa. Os pictóricos encontrados originam-se de uma camada histórica extremamente antiga, muito antes de termos descoberto o voo MRL. Antes, até, de colonizarmos os planetas

exteriores ao segundo Anel!

Panae não conseguia absorver a informação.

— Mas isso foi há mais de três mil ciclos!...

— Claro que foi. Percebes agora porque o Conselho não quer a história divulgada? — *E porque é tão perigoso sabê-la? Mas eu tinha de te contar, filha. Para tua própria protecção.*

— Se não fomos nós... — começou a miúda.

— Se não fomos nós, foram outros. Que se parecem connosco, ou... ou que nos deram origem. Há muitos espaços em branco na nossa história. Regal, o escritor maldito, dizia que as «evidências» da evolução tinham sido plantadas por extraterrestres, e que nós derivávamos, de facto, de uma experiência que aqueles haviam conduzido no nosso planeta.

— Regal era um idiota e mereceu a morte — disse Panae, com uma frieza que chocou a mãe. Não era a primeira vez que via na filha os traços latentes de um Pacificador, a polícia secreta do Conselho. Felizmente, educara-a para não se deixar capturar pela ideologia de lavagem ao cérebro que este incutia nos jovens. Senão... estremeceu ao recordar as histórias horrendas que lhe contavam às escondidas, das crias que tinham denunciado (com, ou sem, razão) os progenitores. Talvez tivesse feito mal em contar-lhe o segredo...

Mas agora não importava. Era tarde de mais. Continuou:

— Mas supõe que ele tivesse razão. Nem que seja apenas uma bocadinha. A hipótese não deixa de ser plausível.

— Não. A nossa raça é deste planeta. Isso está decidido — disse a miúda, peremptoriamente.

Fecido por quem?, interrogou-se a mãe. Afinal, Panae não daria uma investigadora tão boa quanto ela supusera a princípio...

— Corta! — ouviu-se através do painel, um grito de raiva e frustração que ecoou por todo o estúdio, e, sem dúvida, pelos pisos adjacentes. — Bando de aselhas!

— É melhor sairmos daqui antes que dêem pela nossa falta. E tu — voltou-se friamente para a mãe — era melhor que não espalhasses a notícia por mais ninguém. Nunca se sabe em que mentes cairia.

Sim, tinha sido um erro contar-lhe. Parecia-se em demasia com um dos malditos Pacificadores. *Quem diria? A minha própria filha.*

Saíram do recanto para depararem com um enxame de confusão, que tinha por centro o realizador. Dois braços possantes agitavam-se no ar, enquanto tentava espezinhar o actor com as patas de frente. Este fugira para detrás do cenário e protegia-se com o tripé de um foco projector, gritando histericamente por ajuda. Vários assistentes tentavam acalmar o atacante.

Derna começava a ficar farta dos períodos de crise do seu companheiro. Que ele era um grande artista, não havia dúvida. Mas se o preço consistia num temperamento inconstante e dado a mudanças bruscas

de humor, para muito sofrimento dos que com ele trabalhavam, Derna não tinha tanta certeza de que a troca fosse justa. Felizmente, em termos da sua relação pessoal, as queixas eram mínimas — no entanto, existiam, e começavam a acumular-se. De facto, tinha de ter uma conversa séria com ele. Não conseguira admitir a si própria, durante muito tempo, o que realmente a desconfortava quando se encontrava na presença dele. Mas agora sabia: era temor. Receava-o; a mente dele era quimicamente assimétrica. Descobrira (ilegalmente, com a ajuda de um amigo) que o índice de sanidade constante dos registos oficiais secretos se aproximava perigosamente do mínimo permitido, e só por um grande acaso não fora o realizador condenado à exterminação quando criança. O Conselho por vezes sentia que a raça precisava de mudanças para não estagnar, e tornava-se um pouco mais benevolente em relação aos desvios genéticos aprovados. No caso de Panae, não tinham existido problemas: encontrava-se bem dentro do intervalo que fazia dela uma cidadã normal. Mas no caso do filho em gestação, descendente de uma quase-Aberração... Derna rezava para que ele passasse. Precisava tanto de um filho para a apoiar!

— O que lhes irá acontecer, agora?

Panae olhava desanimada para o monte de fluido vermelho e carne queimada que atravessava o estúdio num caixote, em direcção ao lixo.

— Teremos de ir buscar outro — *Defectos!, a produção está a tornar-se cara.*

— Não me referia a...

— Eu sei, eu sei. Ouvi comentar que os querem «elevantar» para um estádio evolutivo inteligente. Como tu própria notaste, eles são muito parecidos connosco. Falta-lhes apenas o corpo inferior apropriado — o «cavalo». Estão, portanto, a pensar em fornecer-lhes genes modificativos, e modo a que se pareçam connosco por completo.

— Será que eles vão gostar?

— Não sei porquê essa pergunta — comentou Derna, um pouco surpreendida. — São apenas animais. E, se lhes vamos fornecer inteligência, bem... têm mesmo de nos agradecer! Ou não concordas?

O monstro na sua frente barrava-lhe o caminho. Quim desejava regressar, mas não podia, uma barreira invisível que lhe provocava uma dor agonizante nas costas obrigava-o a prosseguir. Podia adivinhar o que lhe iria acontecer, mas, para surpresa sua, não sentia medo. Estava desperto, alerta, e com vontade de lutar. Como lhe dissera o pai, mesmo antes de o levarem: «O que conta é que tu és, e sempre serás, um humano. Nunca te esqueças disso.»

Olhou para trás. A máscara era quente e abafada, e não lhe permitia uma visão ampla, mas discerniu com nitidez a fila de monstros que

observavam atentamente a cena. Estavam silenciosos, como sempre. Uma manada de burros mudos.

Um dia, vocês verão do que somos feitos. Quando voltarmos a ter poder, haveremos de nos vingar. E nesse dia... O olhar endureceu. O rosto de pedra assumiu as mesmas linhas que tinham abalado Derna, anteriormente na jaula. Se ao menos o deixassem viver...

Era chegada a hora. A barreira atingia-o com picadas fortes. Voltou-se uma última vez, levou dois dedos esticados às orelhas, e começou a roncar como um burro; a audiência não se perturbou, mas podia notar-se a perplexidade estampada nos rostos.

Quim soltou uma gargalhada e correu com toda a força. Erguia na mão uma faca — não a falsa, com a lâmina removível, que lhe tinham entregue, mas a do seu pai, que guardara com todo o carinho nas calças. Passando por baixo do monstro, rasgou-lhe o ventre a todo o comprimento. Sentiu-o cair.

Depois, houve um zumbido, um estalido, e o cheiro a carne queimada.

— COOORTAAA! — gritou, irado, o realizador.

SÉRIE CONVERGENTE

Série: (*Mat*) Expressão da soma dos números de uma determinada sucessão, formalmente definida como o limite para o qual tende a sucessão de somas parciais $s_1=a_1$, $s_2=a_1+a_2$, ...

Um milhão de pedaços de madeira, tijolo e argamassa voaram pelo ar em direcção ao quadrado de terreno, no qual o nevoeiro de fumo negro retrocedia, para se iluminar e transformar em chamas ardentes de um vermelho-vivo. Os pedaços encontraram com naturalidade os seus correspondentes, aos quais se colaram, enquanto o fogo era sugado para o interior como se inspirado pelos pulmões de um dragão. O *puzzle* ganhou velocidade, tomou uma forma e uma cor. Erguiam-se paredes, bocado a bocado, e quando ficaram completas foram encimadas pelo conjunto de telhas e barro que acompanhara o voo dos tijolos. Deteve-se o processo, quando por fim, a Vivenda Gonçalves, caiada num branco pouco imaginativo rodeada de faixas cheias de arabescos tipificados, se erguia por entre os vales extensos do Baixo Alentejo, despidos de temas e vegetação, e formava o equivalente de um oásis visual no deserto da pintura.

Minutos antes, Jorge Gonçalves saíra do seu *Alfa Romeo* e entrara em casa. Trazia a pasta negra sob o braço, e durante o caminho que levava à porta foi olhando para os lados, muito nervoso e amedrontado.

No início da madrugada, o *Renault* despenhava-se da Arrábida numa confusão de chamas e moitas. António Silveira ia no lugar do motorista, mas não o guiava: estava morto; a nuca fora despedaçada, e o sangue, misturado com bocados de miolos e de ossinhos do crânio, escorraa-lhe pelas costas abaixo, e formava já uma mancha visível no soalho quando o veículo derrubou a vedação da estrada. Meia hora depois, uma Carla arrancada a custo das profundezas do sono era informada que o assunto havia sido resolvido. Não demorou muito tempo a voltar a dormir.

Era a segunda vez que, naquela noite, o telefone tocava na casa de Carla. Da primeira tinha sido António, a avisar que acabara de se decidir, e que preferia viver na prisão, mas aliviado, que livre e numa angústia eterna. «Vou de partida», disse ele. «Quis avisar-te somente pela memória do que houve entre nós. Para ti, não deve significar muito; mas tu já me conheces: tenho de ser fiel aos meus sentimentos, senão não me sentirei em paz.

Adeus. Está nas Suas mãos.» Jorge ouviu tudo pela outra extensão; vestiu-se à pressa e disse-lhe a ela que mais tarde daria notícias. Não lhe deu um beijo. Era a sua derradeira oportunidade. Dez horas depois, não passava de um monte de cinzas dispersas na atmosfera.

Enquanto António atafalhava a pasta com os *dossiers* que secretamente compilara ao longo de meses para sua própria protecção, tocava na rádio o trecho instrumental do *Hotel Califórnia*, dos Eagles. O programa pertencia ao género saudosista que andava em voga naqueles tempos, e que glorificava a música das décadas passadas; António trautearia mentalmente a melodia, numa tentativa forçada de não pensar de mais no que se propunha fazer, quando a barra de ferro atingisse a sua nuca. A carta estivera sempre defronte dos seus olhos, enquanto preparava a pasta. Abrira-a com mãos trémulas, receoso de encontrar a confirmação das suas suspeitas; tivera de reler várias vezes, mas sem ver as palavras, nem as frases, apenas o desenho curvilíneo das letras, que denunciavam claramente que tinha sido escrita por ela — e depois pusera-se a chorar. Chorava porque a iria perder para sempre; chorava porque nunca a tivera, tinha sido apenas uma ilusão sua. Chorava porque se via obrigado a desferir o golpe impensável, aquele que também o mataria, juntando-o às duas figuras traidoras que imaginava enrodilhadas dentro dos lençóis, devorando-se mutuamente numa orgia de líquidos e línguas e gargalhadas insuportáveis. Depois de fazer o telefonema, não reparara que a carta não se encontrava mais sobre a cama; os seus olhos ainda a viam, e continuariam a vê-la, até ao momento em que, trauteando o *Hotel Califórnia*, o mundo se tornaria num poço de breu.

Na estrada para Setúbal havia, perto da intersecção para Sesimbra, um pequeno café de berma, onde os automobilistas costumavam parar para um descanso. Era servido igualmente por uma bomba de gasolina. Numa noite de Janeiro, um casal, estafado da longa viagem desde o Baixo Alentejo, decidira fazer uma pausa. Estava frio, e o ambiente familiar, acolhedor, adicionava uma ponta de prazer ao encontro. Encomendaram *donuts* e dois cafés. Na rádio, uma música suave fazia a sua incursão por entre o marulhar das outras conversas, oh!, tão distantes... tinham escolhido uma mesa ao canto, defronte da vidraça e podiam observar os mosquitos dos faróis que zumbiam pela estrada. Os olhos dela brilhavam tanto!... António colocou a mão na nuca da Carla e puxou-a para si. Roçou os lábios nos dela, experimentalmente. Carla correspondeu. Era o primeiro beijo entre os dois.

Sete meses mais tarde, Jorge passaria pelo café, na mecha, com António ao lado, a nuca transformada em papa. Sentia-se eufórico, louco. Fizera pela primeira vez algo verdadeiramente proibido. Carla iria passar a respeitá-lo, pensava. Iria engolir todos os nomes que lhe chamara, de mole, estúpido, até impotente. O peito ardia-lhe de exaltação e triunfo.

Finalmente, teria poder sobre ela. Não só o poder que exercia na cama, quando a forçava a ser penetrada, segurando-lhe com força os pulsos e mantendo-lhe as pernas bem abertas — mas até aí se sentia manobrado, um brinquedo de que ela se servia para os seus próprios prazeres masoquistas. Este poder seria diferente; ela teria de ficar com ele, sempre; seria obrigada a tal. Ao contrário de Carla, ele não se importava de ir ao fundo. Não sentiria qualquer pejo em entregar os documentos à polícia. Claro que não era uma ideia que lhe agradasse, mas tornava-a numa arma. Uma arma certa e mortífera. Como se sentira leve ao ouvir o telefonema de António; libertado, até. Do mesmo modo que se sentira quando a vira escrever a carta, metodicamente, no início da tarde, e a entregara a um mensageiro; do mesmo modo que, nos poucos minutos que antecederam o telefonema, estava a sentir-se dentro corpo dela, despejando a semente secular numa tentativa vã de demarcação de propriedade. Morreria em poucas horas, através do mesmo processo de erupção e esmagamento. Não sentiria nada; a explosão decorreria em menos tempo que o necessário para que as suas sinapses, intercomunicando-se, percebessem o que se estava a passar — em menos tempo, até, que leva o esperma a viajar pela uretra.

A primeira vez que tinha feito amor com ela tinha sido no escritório, pela meia-noite, no fim de um dia de trabalho esgotante. António estava de viagem, em negócios, a fazer uma combinação com um qualquer fornecedor. Não havia mais ninguém no andar. O perfume dela preenchia a atmosfera, exalava de todos os cantos que ela houvesse tocado. Jorge acreditou por muito tempo que tivesse sido ela a entregar-se desvairadamente à tentação, tamanha fora a sofreguidão do desejo com que se colara ao seu corpo; tarde de mais percebeu que ele é que fora tentado — mas nessa altura, o esquema já estava em funcionamento, e ele completamente imerso na corrente.

Um mês depois, sentava-se António defronte do terminal, com dois cúmplices ansiosos apoiados nos seus ombros. O ar estava denso do tabaco, e os nervos emergiam a superfície da pele, enrugando-a, provocando-lhe tempestades. Os corpos, agitados, moviam-se em rumos caóticos de movimentos brownianos à escala humana. Era António quem mais tenso se encontrava, porque nas suas detinha o culminar imediato dos seus futuros. A sonda avançava lenta mas metodicamente pelo sistema da corporação invadida, descobrindo segredos e fazendo trocas de dados. Dinheiro, que jamais sairia do seu lugar, estava a ser deslocado quase à velocidade da luz. Um aviso soou no terminal; António recostou-se, sacudiu os ombros para reanimá-los, e anunciou com voz calma que haviam conseguido. Valeu-lhe um forte aperto de mão, e da Carla um beijo. Era meia-noite; um mês atrás no mesmo escritório, eram outros os lábios que os dela tocavam. Em Junho um António desconfiado andaria no escuro a remexer era papéis e a atafulhá-los num saco desportivo; levá-lo-ia muito casualmente pelo ombro

até ao carro, e daí para casa.

O saco ficaria guardado por detrás do sofá, na sala, onde se esperava que, naturalmente, contivesse roupas e outro equipamento desportivo. Estivera ali, embora com um conteúdo diferente, quando os três se tinham reunido para discutirem a ideia louca que António concebera — qualquer coisa ligada com computadores e redes e transferência de valores. Passaria por ele muito mais tarde, e nem sequer o veria, porque só iria ter olhos para a carta e concentração para o *Hotel Califórnia*. Seria quase meia-noite.

20.25: o mensageiro batia à porta da casa de António.

15.30: Carla telefonava a Jorge a dizer que queria conversar com ele.

22.32: o ferro batia pesadamente na nuca de Silveira, quando este se aproximava do carro.

22.15: enquanto António telefonava à sua amada, pelo aparelho da sala, uma figura saía do quarto de hóspedes, onde o dono raramente entrava, e se detinha junto à cama. Ficaria a olhar por uns instantes a carta aberta, o rosto coberto de uma sombra negra. Eram idênticos os olhos tristes aos do homem da divisão contígua, cuja confissão se fazia ouvir pela porta aberta; eram idênticos os ouvidos, a boca, o queixo. Era o mesmo rosto. O rosto de António. Trazia na mão uma pasta negra, em tudo semelhante à que repousava fechada sobre a mesa, e pela qual a trocou. A nova pasta permaneceria intocada; só seria aberta uma vez, mais tarde. Dobrando-se, pegou na carta, leu-a. Por uns breves momentos, assumiu a expressão de um condenado perante o lugar de execução. Mas ao lado o telefone era decididamente desligado, pelo que se apressou a regressar ao outro quarto, guardando a carta na algibeira.

19.52: Carla fechava a porta ao mensageiro.

09.30: António acordava ao som insistente do alarme do terminal, que o informava da tentativa que alguém fizera durante a noite para vasculhar os seus ficheiros secretos. Suspeitou imediatamente, em virtude do aspecto cuidado com que tinha sido feito, que havia ali mão da polícia.

21. 47: Jorge penetrava Carla com força, levando-a a gritar.

22.15: o telefone tocava pela primeira vez na casa da mulher.

08.32 *do outro dia*: Jorge chegava ao pátio fronteiro da sua vivenda, no Baixo Alentejo.

6 de Janeiro: no canto quentinho dum snack-bar de auto-estrada, duas bocas se encontravam.

03.05 *do outro dia*: o *Renault* estava no ar sobre a Arrábida, a dez metros do solo.

15 de Fevereiro: de mansinho, pela manhã, enquanto estavam ainda deitados, Carla começava a infiltrar na cabeça de António certas ideias sobre a vulnerabilidade da corporação para a qual trabalhavam, ligada com o desprezo que votavam a alguém com as capacidades dele. Mas a proposta final, bem como a insistência, acabaria sendo de António. Ela não se

pronunciaria.

22.02: num longínquo estúdio de rádio, uma agulha era baixada sobre um antigo disco de vinilo.

05.25: o Sol nascia de novo sobre a restante metade da Terra. Por muitas voltas que desse, parecia faltar sempre um pedaço que continuava no escuro, desprotegido, parecia haver mais uma trilha para prosseguir. Quando nascia, o Sol era sempre novo.

08.50 *do outro dia*: num lugar que não conseguia ver, uma bola de fogo subia aos céus. Rivalizaria com o próprio astro-rei durante breves milissegundos, para logo se reduzir, extinguindo a chama de uma luz que nunca viria a dar. António procuraria a marca no horizonte, mas o acontecimento estava para lá do seu alcance. Marcando os dígitos do telefone, ouviria a voz feminina informá-lo que o número pretendido havia sido bruscamente cortado. Ele iria agradecer e desligar. Os seus olhos notariam então um corpo sobre o qual se sentava.

Carla estava bela. Mais bela do que ele jamais a vira. O olhar malicioso e desconfiado fora suavizado pelo medo e pela confusão dos últimos momentos, e tinha dado lugar a uma candura sem limites. O que esses olhos viam não se situava mais ao alcance dos mortais, nem ficava limitado pelas paredes do quarto. António não se atreveu a cerrá-los por respeito ao que ficava além da sua compreensão. Desceu a mão aos seios nus, que tocou pela primeira e última vez. As lágrimas brotavam em abundância, rebeldes, como se possuíssem uma vontade própria. Via a trama desfilar sob si, um livro aberto. Com cuidado, depositou a carta sobre a garganta dela. As mãos tremiam-lhe, como iriam tremer quando a abrisse, muito mais tarde no dia anterior. E não se devia somente à emoção. Era tempo de regressar, e o corpo sabia. Não pertencia àquele lugar, estava como um clandestino, sem barco e sem rumo; no entanto, não navegava à deriva. Tinham-lhe sido emprestadas aquelas breves horas, aquele rápido relance do desfecho, como um leitor ansioso de saber o fim à história. Faltava pouco para o milagre terminar; e então, ele voltaria à manhã daquele frio dia de Janeiro, cujas seis e meia da tarde o iriam encontrar no barzinho da estrada, inclinado sobre ela, os seus lábios ainda não tocando os outros, ainda indecisos do movimento e cheiinhos de medo de serem rejeitados, enquanto o batuque ansioso do coração marcava o ritmo do marulhar suave das conversas alheias — aquele que seria o dia mais feliz da sua vida.

TAMBÉM HÁ NATAL EM GANÍMEDES

O Andarilho cinzento baixou a cabeçorra ao nível do solo, e num gesto irrompeu sobre um monte de gelo, envolvendo-o na enorme boca em forma de túnel; quando a fechou, os molares fortalecidos seccionaram a água petrificada, separando o monte da superfície do glaciar. Os mesmos molares começaram, então, a triturar o gelo em pedaços pequenos, de mais fácil ingestão. A cabeça voltou acima, ao topo do longo pescoço. No fim do movimento, os músculos da garganta alargaram-se para deixar passar o gelo, e iniciaram a queda até ao corpo do animal. Apesar de ligeiros, podiam notar-se os sinais, na superfície da pele, da progressão dos pedaços mastigados. O processo era monótono, e demorava vários minutos, contudo era cativante, quase hipnótico. Havia um quê de reverente no magnífico portento que era um Andarilho. Basicamente, tratava-se duma montanha andante, e havia quem se lhes referisse desse modo. Mas era uma montanha viva, feita de carne e ossos, que respirava e se movia, e que tinha uma consciência própria — apesar de não ser inteligente. Contudo, o que maior respeito transmitia era o conhecimento empírico que a besta de cinquenta toneladas e trinta metros de altura, que se entretinha a mastigar um monte de gelo, provinha das mãos e da mente humanas, e que tinha sido concebida em laboratório através da engenharia genética.

O Andarilho era também o presente de Natal de Eduardo para os seus filhos.

— O que pensam dele? — perguntou-lhes, através do rádio. Todos vestiam os seus respectivos fatos de saída, pelo que Eduardo não conseguia discernir os rostos deles através dos capacetes; mas, se aquilo que trespassava nos auscultadores, misturado com a estática, era de facto suspiros de admiração, o pai imaginava, com alegria, que tipo de expressões teriam.

— É tão grande! — disse a pequenina, montada no ombro do pai.

— É claro que é, minha parva! Querias que fosse do teu tamanho? — retorquiu-lhe o José, que a seguir a ela era o mais novo.

— Cuidado com a língua, José. Ela é tua irmã — admoestou de

imediatamente Eduardo, antes que eles pudessem considerar no seu silêncio uma aprovação pelo seu comportamento. Não que fossem parar de se tratarem como cães e gatos, mas, ao menos, sempre se moderavam. — Ele tem de ser grande. Não se esqueçam que é, essencialmente, um processador de atmosfera. Separa a água gelada nos seus dois componentes, oxigénio e hidrogénio, e lança o primeiro para o ar. Um dia, graças a estes animais, Ganimedes terá uma atmosfera respirável, e ninguém mais precisará de usar estes fatos.

— Não sei se gostaria disso — comentou José. — Estaria sempre com medo que a atmosfera fugisse para o espaço.

— Pensas assim porque estás habituado a viver dentro duma colónia, com um tecto, e isolada para evitar fugas de ar. Consideras aberturas como um perigo. São-no, nas nossas presentes condições. Mas, aqui, a atmosfera nunca escaparia para o espaço: a gravidade, combinada com o grande distanciamento do Sol, é suficiente para a prender. Contudo, pai, o que previstes não está correcto. Ainda serão necessários fatos de protecção para as partículas carregadas; senão fritamos.

Eduardo olhou com orgulho a figura do mais velho, o Douglas. De todos, era o que mais prometia, e o que mais tinha já alcançado. Revelava uma capacidade intelectual avançada para a idade, e mostrava grande aptidão no campo da física — a tal modo, que ocasionalmente ajudava a mãe em alguns dos seus trabalhos de pesquisa.

Doug referia-se à faixa de partículas carregadas que cercava o espaço local de Júpiter e tornavam este num enorme dínamo. Tão perigosas eram as partículas para o tecido biológico que os fatos de vácuo, além de conservarem uma atmosfera respirável à pressão normal terrestre, criavam um campo magnético em redor de si próprios, suficientemente forte para repelir os prótons velozes que investissem contra eles. O único modo de se efectuar isso era com a utilização de supercondutores, que cobriam o corpo todo e nos quais viajava incessantemente uma corrente eléctrica. Segundo as leis da magnetostática, os instrumentos do interior não eram afectados. Eduardo explicou então que o filho tinha razão, mas que ele estava a pensar num futuro distante, quando a própria camada da atmosfera pudesse quebrar um pouco a chuva de partículas, ou quando se conseguisse criar um campo magnético no próprio Ganimedes, através da movimentação do plasma do núcleo — apesar de se assemelhar mais a um sonho louco, que a uma previsão científica, esta última.

— Olhem — cortou a pequenita, obviamente enfadada pela conversa. — Vem aí outro.

E assim era. Quase na linha do horizonte, recortava-se, um pouco obscurecida, a silhueta de outro Andarilho, avançando pacificamente pelo mar de gelo. Na sua esteira, quedavam-se duas filas paralelas de buracos, deixados pelas patas. O animal movia-se com dignidade e soberania, de

cabeça erguida sobre o corpo, e podia dizer-se que, até, com um pouco de letargia, como se tivesse feito o mesmo percurso centenas de vezes e se sentisse demasiado experiente — o que não era verdade, pois eles só tinham sido postos a funcionar na semana anterior.

Que estranho, pensou Eduardo. Aquela não é a zona dele. O que andará a fazer por aqui?

Cada Andarilho pertencia a uma zona especificada da superfície. Tinham sido programados para não a ultrapassarem, e para a cobrirem segundo um padrão mais ou menos fixo, porque desse modo o controlo resultava mais eficaz. O facto de um deles transgredir a regra significava que alguém tinha feito um erro, algures na programação. Significava, ainda, que Eduardo teria de passar, como director do Centro de Exploração de Biomecanismos, o próximo turno à procura do erro. E logo no Natal.

Uma vibração no solo fê-lo vir a si. As crianças gritaram de entusiasmo. Era o Andarilho que estava próximo deles (próximo em termos relativos; jamais Eduardo exporia as crianças a um risco em demasia), e que começava a mover-se. Deu dois passos, incertos, e estacou de novo.

Eduardo percebeu logo.

— Olhem para o cimo da cabeça dele — avisou os putos.

Ajustaram automaticamente os ampliadores, até ficarem com a imagem da cabeça do animal a encher-lhes o capacete. Nada parecia acontecer. Os olhos arregalados, e imensamente brancos, devolviam um olhar contemplativo e desinteressado. A pele, suave e uniforme, não apresentava deformidades, excepto pelos sinalizadores vermelhos intermitentes, montados na nuca. Não tinham ouvidos — não precisavam do que não poderiam usar.

De súbito, uma membrana ergueu-se. Por ela escapou um jacto de vapor branco, irrompendo com grande violência, e desaparecendo no ar. Manteve-se firme durante alguns segundos, e depois parou. O bicho recomeçou a andar.

— Parte do que ele expeliu era vapor de água; daí a cor branca — começou a explicar. — A libertação dos gases é fixa, obedece a um padrão de tempo específico, de mais ou menos seis horas. Ou seja, a água que ele acabou de ingerir só será expelida na próxima exaustão; durante as horas seguintes, procede-se à separação do oxigénio, deste bloco que comeu, e dos que ainda possa engolir.

— Sabem o que me faz lembrar? — perguntou o Douglas; notava-se na sua voz um encantamento especial próprio de quem acabara de ser apresentado ao que se tornaria no grande amor da sua vida. — As baleias terrestres. Os animais aquáticos que expeliam jactos de água quando se erguiam à superfície para respirar.

Dos três, só a miúda nunca tinha ouvido falar de baleias, pelo que coube ao pai, após ter sido bombardeado com perguntas insistentes,

explicar-lhe como elas eram, onde viviam, o que faziam, e porquê a comparação. Não que ele próprio tivesse alguma vez visto o mencionado espécime ao vivo — ninguém via, há mais de cinco gerações, excepto estudiosos, biólogos marinhos e os afortunados que trabalhavam nas reservas especiais, fortemente protegidas, onde tinham colocado os últimos exemplares, salvando-os a tempo das garras dos baleeiros gananciosos. Como os seus filhos, Eduardo deleitara-se com as imagens digitais nos ecrãs de cristal líquido, nos grandes projectores envolventes de sala inteira, e até (no que constituía uma das mais belas experiências da sua infância) em três dimensões, antes de a sua inviabilidade financeira ter encerrado os teatros holográficos. Desde a Pré-História, desde os tempos do *Tyranosaurus rex* que não existia animal maior no planeta, nenhum a quem se devesse, com toda a justiça, entregar a coroa da realeza. Tinha sido destronado pelos Andarilhos, mas só a nível do Sistema Solar, porque, muito naturalmente, a Terra não necessitava dos seus serviços (utilizava de facto mecanismos de processamento do ar, para reparar os estragos provocados pela poluição, e pela epidemia que dizimara um décimo do plâncton, mas tratava-se de organismos minúsculos, bactérias e protozoários geneticamente modificados). Contudo, os Andarilhos eram animais feios e brutos; a evolução não actuara durante milhares de anos sobre as suas formas para lhes conferir um aspecto hidro-dinâmico que lhes permitisse deslocar-se melhor na água — se comparados com as baleias; não lhes dera um apurado ouvido para o canto, ou sequer uma voz. Não podiam comunicar com outros da mesma espécie. Eram criaturas práticas, funcionais: bestas. Sem a aparente efemeridade dos adornos de beleza.

Por esta altura, já Eduardo recolhera o grupo e o conduzia de volta ao tractor. Acima deles, o Sol punha-se sob uma unha de laranja-vivo e irrequieto, e um círculo de estrelas desaparecia por detrás da enorme massa que ocupava quase todo o céu de Ganimedes. O corpo de Júpiter tornava-se mais opressivo no lado da noite: era uma mancha negra, gigantesca e medonha, implantada directamente sobre o satélite. No espaço, onde o tamanho se mede em termos relativos, e nunca se tem a percepção verdadeira de quão grande pode ser um planeta, Júpiter desafiava as convenções; ele era o rei, e sabia-o. Mais: queria que todos reconhecessem e se impressionassem com a sua majestade. Quem por ele passava, não ficava insensível — excepto se se encerrasse amedrontado dentro do caixilho metálico da naveta onde viajava —, não deixaria de se sentir como um grão de poeira minúsculo num universo de montanhas. Muitas eram as vezes que os colonos, oprimidos, desejavam que no céu nascessem nuvens, Para deles ocultarem o olho negro do planeta. Um dia, mais tarde, quando existisse atmosfera, talvez o sonho fosse concretizado.

Por ora, tinham de se limitar a viver em ambientes pressurizados e estanques, como a cabina do tractor, onde aproveitaram para imediatamente

retirar os capacetes. Os olhos de cada um convergiram, inconscientemente, para os rostos dos companheiros, saudosos do calor humano, e fartos de estarem a sós consigo próprios.

Eduardo ligou o motor e começou a dirigir-se de volta à colónia mais próxima, seguindo o farol visual (uma luz intermitente no cimo de um poste com cem metros de altura), mas confiando mais no radar electrónico, que recebia o sinal-guia do Centro de Comunicações. A meio do caminho, José perguntou-lhe:

— Pai, estive a pensar. Aqueles Andarilhos tão grandes não poderão enganar-se e tropeçar numa das colónias? Parecem ser suficientemente fortes para as conseguirem derrubar.

— Impossível, filhote. Além do sinalizador que nos avisa constantemente da sua localização, possuem um inibidor electrónico que os impede de se aproximarem demasiado das colónias... emitindo um espasmo de dor como aviso, quando tal acontece. É semelhante ao que possui o teu cão, para que não se aventure além das zonas que lhe são permitidas. Não corremos perigo algum.

Seguiram tranquilos para casa, o rumorar das conversas a desvanecer-se no fim de um dia cansativo. O Andarilho, muito atrás deles, deixara de se ver, oculto por algufl dos montes de gelo que permeavam a planície. O pai cumprira o que prometera, levou-os a ver o animal recém-chegado dos laboratórios do Sistema Interior. Agora, já podiam contar aos seus amigos, desfrutando do prazer de lhes terem antecipado a experimentar a novidade.

Ao fundo, um pontinho sem significância, perdido no meio de outros tantos semelhantes, marcava a presença do local de onde toda a raça era originária. O calhau chamado Terra passeava indolentemente no seu curso elíptico. Era o denominador comum da raça, o elo, além da consciência pelo próximo, que unia os colonos e os exploradores por todo o sistema. Pertencendo ainda à primeira fornada, a geração que nascera no planeta azul e que dele se expatriara para conquistar novos mundos, como todos os emigrantes, sentiam saudades. Saudades que, em certas ocasiões, lhes crispavam a pele e lhes enchiam o rosto de rios de lágrimas — saudades que os filhos deles não compreendiam, nem sentiriam. Uma dessas ocasiões era o Natal, uma das relíquias inúteis que tinha viajado nas bagagens metálicas e cuidadosamente seleccionadas dos emigrantes.

Desde as reservas de Marte, os subterrâneos de Luna, as plataformas livres circunsolares, às gastas e cansadas cidades da velha Terra, os adultos festejavam o Natal. Fingiam que o celebravam para os seus filhos — mas era deles que a magia transbordava, aquele imenso encantamento que toca o coração do vizinho; eram seus os peitos que pareciam querer explodir, os olhos que se encontravam a brilhar na escuridão (olhos que, por vezes, estavam a contemplar uma paisagem diferente, mais verde, mais cheirosa, e

que não tinha tantos painéis cinzentos e luzes de segurança) e as mãos que, crispando-se de ansiedade, voltavam a sentir a textura dos brinquedos que um dia haviam segurado.

E as crianças, as crianças de idade, olharam espantadas para o comportamento dos seus educadores, encolheram os ombros, e deixaram-se invadir pela magia. Para elas, o Natal assumia outro significado: era o dia de descanso na colônia, um período de relaxamento na constante vigília contra o perigo de um ambiente hostil. Recebiam presentes, coisinhas inúteis esculpidas pelas mãos dos pais, ou dos amigos que tivessem jeito, mas não eram essas as suas prendas, eram apenas símbolos, rituais de união. As verdadeiras prendas, como descobriam os mais novos nos seus primeiros Natais, era verem desaparecer, mesmo por breves instantes, as rugas de tensão nos rostos dos pais, e serem substituídas pelo traço largo de um sorriso genuíno.

E até os mais novos percebiam, sem saberem como, que é esse o único e legítimo espírito de Natal.

A ÚLTIMA TARDE

Poderia viver mil anos e jamais veria outra tarde como esta, pensei enquanto me reclinava no parapeito, jogando uma partida de estou-aqui-mas-não-me-apanhas com o rosto basáltico do chão, lá no fundo, que me dizia Vem cá, muito suavemente; mas eu, não o ouvindo, continuava a presenciar a paisagem sem horizonte de árvores sobre a relva e casas sobre colinas, entre as árvores, gigantescas vagas de pedra sólida, reais ao toque, fatais à queda, e no entanto, consideradas no conjunto, dispostas na mão do Criador, nada mais que um grão de areia, uma partícula indiscernível, pó. E pensando Jamais o mundo será tão perfeito, a luz tão límpida, o ar tão transparente, jamais se verão as coisas com tanta nitidez, que se lhe podem adivinhar as linhas da superfície, sentir a sua textura, trespassar o material com olhos conhecedores e abarcá-lo num todo, até o que as sombras revelam. Se algo perturba esta tarde serão talvez os ruídos, colunas de fumo brotando espontaneamente de uma fogueira cuja lenha encarcerasse as vozes acumuladas dos mortos, no solo, ao longo dos séculos, e que estariam agora a ser libertados, bocado a bocado, à medida que avançava a boca voraz do fogo.

Os ruídos... e a fatalidade que se avizinhava.

Que irrisório ser esta a tarde mais bela de todas, quando é a última! Que grande partida do Mestre Realizador dos Céus, terminar o seu filme com uma cavalgada pacífica em direcção ao pôr do Sol, enquanto o ecrã embranquece gradualmente, até ficar da cor a partir da qual todas as cores são feitas, e tão sólido quanto a sua luz.

Era inútil. Não conseguia ter pensamentos construtivos esta tarde. Melhor nem os ter, limitar-me à observação, à recolha passiva de imagens a três dimensões, como um gravador estupidificado. Ser um espectador típico, ingerir sem tomar o paladar, e ficar à espera que os sentidos adormecessem. Não sentir.

Fiz um esforço enorme para embrulhar o meu cepticismo em desespero e lançá-los ambos pela janela, para a tarde perfeita e para a boca insaciável da besta chamada gravidade, que nome melhor não podia ter.

Mas hoje, eu era impulsionado por outra força, mais potente que as chamadas naturais, mas não menos artificial que as mesmas. Tinha muitos nomes, muitos rostos. Mas hoje eu só via o mais simples de todos: a minha amada, adormecida entre as cobertas de tecido branco, puro, inocente.

Eu era o culpado.

Amanhã estarei longe de ti, mais longe do que alguém já esteve de outra pessoa em toda a História da nossa raça. Serei o primeiro. Não, serei um dos primeiros; outros também farão o sacrifício supremo, tornarmo-nos *hruka* voluntariamente, os apartados, os marginais

(os mortos)

sim, os mortos. Quem é o homem que consegue viver sern a sua família, subsistir numa ecologia que não tem qualquer necessidade dele, fútil, supérfluo, um apêndice embaraçador?

Espera... eis que acorda! Remexe-se no sono, a luz do Sol que penetra pela janela incidindo-lhe em cheio no pêlo loiro e brilhante, revelando as matizes do seu corpo, os diferentes cambiantes do amarelo e dourado que tanto me agradavam, e que nenhuma fotografia conseguiria retratar na perfeição. Como és bela. Como és humildemente bela, qual palavra quente sussurrada ao ouvido durante a noite, como um carinho com asas. Uma presença. Uma imagem que *estava*; e era minha... ou tinha sido.

Não, não me merecias. Não merecias o destino a que te fadava, a morte, *mea culpa*. Sim, podias continuar a viver, mas o que era a perda dessa tua beleza senão falecimento, em que me tornava eu senão num assassino? É hipócrita dizer-te isto, mas por ti faço tudo, ponho a máscara, como agora, finjo.

Acordou. Procurou-se nas súbitas trevas do reconhecimento que sucedem o despertar, e encontrou-me. À sua espera, os braços eternamente abertos.

Chamei-a em silêncio. Chamei-a pelo meu amor e pela minha necessidade, um pouco egoísta, mas também por nós, pelo nosso passado, pelo último elo que hoje se formava. E ela respondeu ao meu grito. Aproximou-se felinamente, atravessando leito e quarto, derrubando muros e muralhas e a máscara que eu envergara, até ficar com o rosto nas suas mãos, olhando para dentro de mim, as suas gavinhas roçando de leve nas minhas, menos corno um beijo, mais como um sinal de que compreendia e me perdoava. E a dor era tanta que eu não aguentava, queria abraçá-la e chorar no seu colo, queria bater-me pela minha estupidez, queria erguer-me no parapeito, gritar de cimo do monte improvisado, não a Salvação, mas o Desespero, o meu, o único, o verdadeiro. Maldito!

— Não sejas tão duro contigo — cliquou ela, a seu jeito adivinhando o que eu pensava. Estávamos juntos como sempre estávamos, fisicamente, pêlo roçando pêlo, pélvis tocando pélvis, pernas entrelaçadas com a facilidade nascida de ciclos e ciclos de prática, desde que tínhamos sido

crianças e corrêramos à solta. Era como magia, os nossos corpos reconheciam-se mutuamente mal se tocavam, procurando unir-se por sua própria vontade, falando numa língua que nenhum outro conhecia. Minha doce irmã, o que eu te farei... acaricias-me com a tua mão, entreláça-la nos meus pêlos curvos, penteando-os, fazes esquecer-me no teu cheiro... raios, é inútil! Eu *sou* o culpado.

— Sei como é duro — continuou. — Mas é a tua vida. É o que te faz existir. Tens de ir.

— Amada minha, a única obrigação que um homem tem é com a sua família. Perseguir sonhos é para os jovens, que não têm responsabilidades nem laços, nem entraram ainda no período fértil. E mesmo esses nunca iriam tão longe como eu irei. Continuo a pensar que devia desistir.

— Não — e o tom dela era forte e decisivo; poucos o conheciam, mas sabiam avaliar a capacidade que continha, quando o ouviam; viam um relance da mulher se escondia atrás daqueles olhos meigos. — Agora, não; é tarde de mais. O tempo em que podias ter desistido já passou, irmão. E tu não desististe.

— Mas devia. — Recostei a cabeça no chão, e ao fazê-lo, um milhão de ciclos de peso saíram de mim, de súbito, deixando-me mole e dorido. Estava *cansado*, tenso! Talvez fosse demasiado para a minha pessoa, estas preocupações todas, esta amargura... Já passara o tempo da juventude, para quê iludir-me?

— Não devias! — ela quase gritava, agora. — Sabes o que aconteceria se o principal dinamizador desse por findo todo o projecto? Iria tudo abaixo. Nem viagens, nem explorações, nem indústrias em órbita, nem plataformas circunterrestres, nada. Não teremos nada acobardando-nos, ficando cá em baixo, quando era *lá* — apontava para o tecto, para além dele — que devíamos estar; não ganharemos nada permanecendo quietos quando a grande voz do progresso gritar Saltem! Tem de ser feito, para o bem de todos, para o avanço da nossa cultura. O momento é Agora; ou não será nunca.

— Sim, só que eu nunca acreditei na propaganda — respondi com um pouco de amargura em demasia, mas sem poder controlá-la — de que «há que responder às necessidades da raça quando ultrapassam as da família».

Oh, raios, *agora* é que a tinha atingido mesmo a sério, no âmago: os seus olhos faiscaram quando caíram sobre os meus, e tinham uma potência tal que me teria afastado por instinto, se não continuasse ainda preso a ela (deliciosamente preso ao seu corpo nos momentos que nos restam) pelo abraço mútuo das nossas pernas.

— Nunca pensei ouvir tanto engano e tanta manipulação vindos de ti, meu irmão. A raça? O que tens tu a dever à raça? Não estás a fazer isso por ela! Eu via-te, quando te erguias do leito, de noite, julgando que todos

dormiam, e que poderias sonhar acordado sem ninguém te perturbar. Acordava com falta da tua presença, e, de todas as vezes que procurei, ia encontrar-te sempre no mesmo sítio, no terraço, com os vidros abertos a olhar para cima, para as estrelas. Em particular, para a *tal* estrela, o pontinho mais brilhante de todos. Sim, para a nave, ainda em construção. Podia ver o teu rosto: estava iluminado por dentro. Sabes o que continha? Não era medo, não era dúvida. Era *orgulho*. Aquela era a tua nave, o teu projecto, o teu sonho. Sabias disso, e adoravas; oh, como adoravas. E eu adorava contigo, nesses momentos, porque via o teu íntimo, porque me tocavas com essa alma que manténs trancada no teu peito com correntes e portões de ferro; via o irmão que eu amava, como ele realmente era: um sonhador, um explorador. Aquele que salta sobre o abismo que os outros julgam impossível de atravessar. Portanto, não me venhas com histórias de raças e patriotismos. Estás a fazê-lo por *ti*... e por mais ninguém.

Fiquei calado, sem saber como reagir, ainda a recuperar do choque. Havia um ligeiro cântico no ar, mas tão leve que era como se não fosse mais que um desejo perdido, o retornar às coisas simples e imediatas, criado a partir do nada, e de nada sendo feito. Concentrei-me nele, na sua mensagem, na sua forma directa e óbvia. Não queria pensar em coisas importantes, era melhor deixar as preocupações a cargo do subconsciente; aí, as pedradas não provocariam ondas, se bem que pudessem provocar danos maiores.

Surpreso, descobri que o cântico provinha da rede que cobria uma das janelas abertas, um pequeno e eficiente milagre da tecnologia com a função de transformar o vento que a atravessava em sons variáveis e melódicos. Não me deixava em paz, o Progresso, sempre com a sua gavinha em alguma coisa...

— Tens razão. É por mim que o faço. Obrigado por me lembrares. — Agarrando-a pela nuca fui eu que a beijei, desta vez, lançando um choque intenso ao longo do apêndice, fazendo-o vibrar com uma intensidade que roçava o limite da dor. Ela apanhou a frequência e devolveu-a com prontidão, conhecedora das minhas reacções. Aguentámos durante muito tempo, o beijo viajando entre os dois num *feedback* contínuo e infinito, sabendo nós intimamente o quão breve dura uma eternidade, que qualquer longo intervalo em que estivéssemos juntos seria curto e frustrante, pois haveria um fim, uma separação, uma inevitabilidade; esse fim chegaria com a alvorada. Nenhum dos dois queria ainda encarar esse facto; era por enquanto só uma ameaça, uma nuvem negra a prometer chuva, a sombra de uma lâmina erguida sobre o pescoço. As lágrimas viriam depois. Agora... agora era o presente, as mãos unidas, as pernas entrelaçadas, as gavinhas em êxtase, agora era o desespero, e com ele o mais intenso e derradeiro dos amores.

Separámo-nos por fim — mas não de todo, ainda não; só as gavinhas

— e recostámo-nos para observarmos o rosto do outro, do parceiro, penetrarmos nos seus olhos e rirmos o sorriso cúmplice, o sorriso das pálpebras, de dois amantes.

— Algum dia teremos o voo mais rápido que a luz — disse, mais pelo desejo de falar que pela vontade de comunicar. — Não importa o que os cientistas dizem, não importa o que revela a Natureza. Não acredito que Ela seja cruel a ponto de separar, para sempre, as pessoas que se amam.

Nas trevas ligeiras da tarde moribunda, vi os seus olhos relampejarem de sonho e esperança.

— Não seria justo que fôssemos castigados... apenas por sermos humanos.

Ela baixou os olhos.

— Não, não seria justo. — Mas não estava a responder à minha deixa.

E nesse momento o terror engolfou-me. Vi. Vi o futuro no seu semblante, como sabia que ela devia estar também a encarar. Vi as transformações que ocorreriam no seu corpo, até que deixasse de ser aquela que eu amava, até se tornar em algo completamente diferente, e no entanto fisiologicamente mais próxima de mim do que agora. Imaginei a Mudança operando lentamente o seu corpo ao longo da época de procriação, quando as fêmeas entrassem no cio e não tivessem macho para responder. Vi as suas formas curvas desaparecerem sob a força planificadora das hormonas, dando lugar a músculos fortes e desenvolvidos, rijos como aço. O pêlo perderia a cor do Sol, tornando-se baço e acinzentado, como o meu. O próprio cheiro mudaria, passando a exalar desejo e fome durante o cio, ácido, agreste e dominador; jamais voltaria ao odor do consentimento, da doçura inebriante da expectativa, como fizera comigo. E montaria, em meu lugar; despejaria a semente nas nossas irmãs, de modo a assegurar o nascimento de ninhadas férteis que garantissem a continuação da família. Outra passaria a ser a irmã primogénita, e esta, Mudada, amá-la-ia, como o macho da família sempre ama a Mais Velha, a escolhe para confidente e a consulta quando tem de efectuar decisões que afectem a família. Amá-la-ia como eu te amo agora, aqui, irmã, Primogénita, vida da minha vida. Vou perder-te, vou matar-me como nem a própria morte o poderia fazer. Mas... oh, se pudesse não te arrastar comigo para o fundo do poço, para a Água a que todos retornaremos, se pudesse libertar-te, soltar as tuas patas, ver-te voar como os raínouxos que soltámos de manhã, o símbolo de um fim, mas, ao mesmo tempo, de um novo começo, se pudesse... garantir o teu amor, mesmo Mudada, que me importaria eu com a tua forma, o, teu cheiro, a cor do teu pêlo, o que amo está para além disso, das meras limitações carnaís, está nos teus olhos, dentro deles, lá no fundo, escondido, está em *ti*! Mas tu não poderás, a natureza do teu ser não te deixará. O corpo é mais forte que o espírito. Encontrar-te-ia a regressar à que será, então, a tua irmã Mais

Velha (nossa irmã), comandada pelos imperativos da Natureza, precisamente quando me sentir mais abandonado e ter de recordar que antes, antigamente, era comigo que vinhas ter, constituíamos juntos o pilar que sustentava a família, o símbolo do amor. Por tudo isso, minha irmã, o meu regresso não será necessário a ninguém, muito menos a mim. Muito provavelmente, esse regresso não se efectuará. Desculpa-me, é melhor assim. E perdoa-me por não te dizer adeus, *aholka*, a despedida dos que nunca estarão separados, e limitar-me a cair nos teus braços, perdido em ti, como se existisse uma próxima vez.

A nave ergueu-se pelo céu, penetrando no imenso azul da manhã. Cuspia com força e decisividade quatro jactos de vapor branco, longas caudas que a levavam era direcção à sua mãe, no alto, na qual todas as atenções estavam concentradas. Parecia uma bestazinha alada, acabada de soltar, um pássaro bebé irrequieto dando voltas no ar, maravilhado com a nova e recém-descoberta capacidade, a de dizer ao solo que se afastasse. Passara os milénios de encarceramento olhando para cima e suspirando, enquanto imaginava o dia em que finalmente apareceria alguém que, ao olhar na mesma direcção, não se limitasse a admirar a grande distância, mas se interrogasse Porque não pode ser esta distância conquistada, e depois Porque não há ninguém que conquiste esta distância e, por fim, Porque não conquisto *eu* esta distância? E nesse sonho, as lágrimas não estariam presentes, nem os possíveis fracassos, nem a raiva de não conseguir, que levaria ao desespero; não haveria mãos a acenar ao pássaro que subia, sabendo que poderiam não tornar a ver os entes amados, sabendo que eles próprios não as poderiam ver a acenar naquele pássaro sem janelas. Não. O sonho seria como qualquer outro sonho: seria belo e cor-de-rosa, seria perfumado, iluminado; seria inocente, formoso, sedutor. Seria, acima de tudo, falso.

Mas como poderíamos, nas nossas horas de maior dúvida, sequer pensar em desobedecer-lhe?

CRIANÇA ENTRE AS RUÍNAS

Mãe, onde estás?
Mãe, porque te foste embora?
Não te vejo, está escuro. Para onde foi o teu sorriso, mãe,
para onde foi o calor dos teus braços?

Tenho frio.

Estou sentada num cantinho, como sei que gostarias. Sempre disseste que devia ser obediente e bem-educada. Mas eu não fui; fugi de ti para acompanhar os meus amigos. Deixei-te sozinha; pensei que não fazia mal. Mas já não estavas quando eu voltei.

Regressa, mãezinha. Prometo que não farei mais maldades.

Como daquela vez (lembras-te?) que me pus a gritar as palavras que tu guardavas com tantos cuidados debaixo dos montes nos armários. Eu já sabia ler, já sabia juntar as letras e formar sons. R-E-P-R-E-S-S-Ã-O: *repereção*. A-G-I-T-A-R: *a-gui* (não, não, a profe tinha dito que *g* e *i* dá *ji*)... *a-ji-tar*. Sim, assim é que era. O que queriam dizer aquelas palavras, mãe? E porque tinham as folhas aquelas fotografias tão feias dos meninos magrinhos e com barrigas inchadas? Aqueles meninos existiam de verdade? Porque nunca falaste neles, nem dos senhores que tu trazias a casa e levavas para o quarto, e que tanto te faziam rir?

Bateste-me quando eu gritei as palavras. Só te queria mostrar que já sabia ler. Mas tu estavas assustada e até olhavas para o quarto, onde estava o tal senhor que nunca me apresentaste. Ele ia ser o meu novo papá? Ou seria algum dos outros teus amigos? Eu não gosto deles, são feios e maus, e cheiram mal. Mas têm fardas tão bonitas... o papá também tinha uma? Quando te perguntava, dizias que ele era alto e moreno, e que todas as raparigas da sala se voltavam quando ele entrava e começavam a falar muito baixinho umas com as outras. Dizias que ele parecia um príncipe.

Eu imaginava-o rodeado de luz. Olhos bondosos e escuros como o chocolate. Mãos quentes (como as tuas), muito peludas (como o pai da Rita, a quem eu achava tanta graça). A voz seria meiga e profunda, mas não tanto quanto a do director da escola. Mais suave, mais carinhosa. Diria

«Vim buscar-te, minha filha». Os braços abertos estariam à minha espera. E eu correria; correria como o vento, mais veloz que uma gazela, gritando «Papá! Papá!». E sem dar por isso estaria nos seus braços, protegida e acarinhada como nunca fui.

Mas ele não seria como os papás das outras meninas. Esses tratam mal as filhas, e até lhes batem quando estão com a pinga. O meu papá seria como os das meninas do colégio que está do outro lado do Muro, que as vêm buscar nuns carros muito compridos e muito brilhantes, com motorista fardado; ao verem-nos, elas não correm como eu correria, mas andam depressa, direitinhas e embonecadas, para não sujarem os lindos vestidos. E os papás dão-lhes um beijo no rosto, *chuac!*, que quase se ouve através do muro. Gostava tanto de os ver chegar; mas depois eles taparam o buraco e eu já não pude ver mais nada. E tu disseste-me para não ir para o outro lado, para o portão, porque estavam lá pessoas muito más e que não gostavam de mim. Explica-me, mãe, como podem não gostar de mim se não me conhecem?

E explica-me porque te calavas, e por vezes choravas, quando te perguntava onde estava o papá.

Tenho medo, mãe. Há coisas aqui, coisas que andam durante a noite. Vejo sombras entre as sombras, pequenas figuras de recorte, como aquelas que moldavas com a tesoura nas folhas de jornal. Figuras com cabeça e cauda, andando sobre quatro pernas. Pensava que fossem cães, mas já não penso assim. Os cães não rosnam daquela maneira curta e compassada; não fazem restolhar o ar, à maneira do primeiro vestido de chita que me compraste (lembras-te?), aquele com os sóis vermelhos sobre um céu branco, e os folhos a beijarem-me no pescoço (que bem que sabiam, a correr desenfreada pelas ruas, criando o meu próprio vento). E cheiram mal, cheiram como os homens que levavas para o quarto e te faziam rir. Eu percebia que rias para não sentir o cheiro. Mãezinha, porque te foste embora?

Os cantos são frios. Estou numa casinha derrubada, da cor da sombra do Muro. Estou junto à chaminé, dentro da lareira, porque há lá um recanto que me acolhe mesmo à continha. Quando sinto o mau cheiro, é para aí que fujo logo. Parece o quarto onde me fechavas para nenhum daqueles homens me ver. Mas o quarto era diferente: deixava entrar o sol, convidava o calor e o canto dos pássaros. Quando espreitava pela janela, via as árvores a darem flor no início da Primavera, e voltava a ouvir a tua voz a contar-me como aquelas flores murchariam, mas para formarem lindos e saborosos frutos, e como alguns dos frutos caíam à terra, para se entranharem as sementes no solo húmido e quente. De cada semente, cresceriam as raízes, num extremo; no outro, nasceria o vestígio do tronco, a braçada das ramagens, e a coroa de folhas. A Primavera era o renascimento. Iríamos à praia, iríamos ao campo, ou iríamos apenas dar um passeio; desde que

fosse longe do quarto e a muita distância da casa e dos homens e do cheiro mau. Mas isso foi apenas nos velhos tempos. Não foi mais tarde, quando mudámos para aquele bairro sujo e barulhento. Eu queixava-me, mãe, dizia que queria voltar ao passado; tu gozavas, porque eu era muito nova para ter um passado. Mas eu lembrava-me como era, mãezinha, o que perdemos, e isso doía-me muito. Mudaste, tu própria, desde que começaste a levar o tal grupo de gente nervosa para a sala e trancavas a porta (trancavas sempre a porta, porquê?, porquê?), e se punham depois a falar baixinho, apesar de às vezes ouvir um grito ou dois. Não havia risos, não havia alegria. Eu tinha medo de quando voltavas a sair, pois a tua cara vinha dura e amarga, como quando pensavas demasiado na vida. Tentava espreitar, mas não via nada. Tentava escutar, mas pouco percebia, eram resmungos e pequenos rosnidos, como os não-cães que rondam a chaminé. E lá estavam as palavras das folhas dos meninos magrinhos: *repereção*, *ajitar*. A resma aumentava depois das reuniões, fazendo engordar o armário.

Partiste e levaste o Sol contigo. Já não se levanta, agora. Já não marca as estações, nem conduz as sombras das árvores na sua progressão horária, nem ilumina a partitura das aves. É sempre noite. Sempre carvão de desenhar. E tanto frio...

A barriga dói-me. Onde estás tu, para cozinhares aqueles docinhos gulosos, que deitavam um cheiro tão bom do fogão? Os pãezinhos estaladiços pela manhã, que ias buscar directamente na padaria da Sr.^a Rosa. Os chocolates com o feitio de bonecos, embrulhados em papel de prata com os tons do arco-íris, que apareciam maravilhosamente sobre a mesa, na manhã de Natal.

Mãezinha, não acordaste quando te abanei. Dormias no chão de pedra, coberta pelas cinzas. Havia tanta paz no teu rosto. Era a paz que nele encontrava ao espreitar-te de mansinho à noite, porque sabia que sonhavas com o papá. Tinha esperança que ele aparecesse durante esses sonhos, vindo do mundo das ilusões e das fadas, com um ramo de gladiolos numa mão e outra escondida nas costas, a ocultar uma boneca. Queria entrar nos teus sonhos, só para o ver.

Que relâmpago súbito foi aquele, mãe, que fez estremecer a terra inteira e o tecto cair do seu ninho? E o trovão gigantesco que se seguiu, medonho, o rugido de uma besta esfomeada? Corri pelas passagens, pelas portas abertas e corredores vazios, de volta ao salão onde me tinhas levado com o teu novo amigo pelo braço. Ele era simpático e muito divertido, mas era tão velho... demasiado velho para ti. Tinha vergonha de estar contigo, dos olhares que os meus novos amigos vos deitavam. Foi por isso que fugi, que quis que morresses, que os segui para os corredores vazios e tentei fazê-los esquecer (e esquecer-me) do velho que a minha mãe levava pelo braço, e que tão vergonhosamente a fazia rir.

Mãezinha, perdoa-me. Não farei mais maldades. Regressa, por favor.

Queres que eu te conte a novidade? Ontem, um dos cães avançou e falou comigo. Disse que era o meu novo papá.

Estava a ter um pesadelo quando a sirena buzinou e as luzes da manhã se acenderam para nos acordar, pelo que não podia afirmar que a minha situação tivesse piorado. Contudo, não foi alívio que senti, quando os faróis da cabeceira incidiram em cheio sobre os meus olhos, num constante massacre. Lutei para cobri-los com as mãos e depois com a almofada, mas aí ficava sem membros de sobra para tapar os ouvidos. Assalto em duas frentes, como dizia o instrutor, dispersar a concentração do inimigo para se garantirem melhores possibilidades de vitória.

Os outros colegas do dormitório começavam já a movimentar-se pelo quarto, colocando os seus sacos de despejo individuais. Exemplos de bons soldados, prontos a combater. Bem, *prontos* não seria realmente o termo que nos aplicaria nesta manhã; *abatidos pela ressaca* talvez fosse mais apropriado. Jonah tinha descoberto um meio de fermentar álcool a partir de batatas, e havia construído uma pequena destilaria dentro de um painel de ventilação que se encontrava solto. Ontem à noite anunciara a completitude do processo. Foi assim que fiquei a descobrir que nada se compara a álcool de batata para nos sacudir pelos fundilhos.

... E que não há ressaca pior. Lutei para me levantar, para enfiar o saco de despejo entre as pernas e deixá-lo efectuar a sua função de limpeza. Os outros formavam fila para o banho; eu seria o último. Chegaria atrasado, e não pela primeira vez. Porra. De todas as manhãs para aguentar um sermão, esta era a menos indicada.

Foi fraco o alívio dos vapores que me cobriram o corpo nu, quando atingi finalmente a minha vez. Eram eficazes em abrir-me os poros e libertar o sebo e o pó acumulados, mas que saudades tinha dum bom banho com água e sabão! Era impossível sentir-me completamente limpo com vapores. Apenas uma questão psicológica, bem o sabia; na prática, o novo método, segundo os especialistas, era mais eficiente. E, como dizia o capitão, há melhores usos para a água que lavar o rabo.

Amaldiçoei os H'roar pela estafadésima vez. Se eles não tivessem aparecido, tudo teria sido diferente. Não estaria numa nave, a deambular sobre o meu país em ruínas. Não estaria com uma monumental dor de cabeça, e uma amargura de espírito pior que a que me preenchia a garganta. Não estaria a sentir-me sujo, emporcalhado, cobarde.

Ao regressar ao quarto, o olhar pousou inevitavelmente sobre a fotografia. O Pedrinho agarrava-se ao pescoço da mãe, atemorizado com alguma coisa para além das margens da película. Vestia a camisola de xadrez que comprei em Luna e lhe enviei pelos anos, não sabendo que

jamais o tornaria a segurar nos braços. Estava mais alto e mais pesado do que me lembrava. Mas, afinal, tinham-se passado dois anos, e as crianças têm fama de crescer depressa. A mãe, não. Continuava a mesma. Jovem como a primeira vez que eu a vira. O mesmo corpo esbelto, intocado pelos martírios da gravidez. Ainda uma garotinha.

Se eles não tivessem vindo, não estaria neste lugar, agora, com o coração apertado de saudades.

Peguei na fotografia. Estavam num parque; o parque estava cheio de vida. Ávida das imagens imóveis. Acaricie o rosto do sorriso eterno, o sorriso de pedra.

Ana, que magia é esta que nos faz unir a outro ser, que nos faz pensar nele, tocá-lo à distância, acariciar a marca doce que a sua existência deixou em nós...

Pousei a fotografia.

... e que depois nos separa?

Fazia-se tarde. Escorreguei pelos corredores em direcção ao meu posto de trabalho. O oficial de comunicações franziu o sobrolho quando entrei, mas não se pronunciou. Agarrei numa sanduíche do dispensário e forcei-me a engoli-la, apesar de a fome que tinha ser mais nula que o algarismo zero. Pietr, do turno da noite, ficou encantado por me ver. Enormes sacos tremiam, dependurados de cada um dos seus olhos. Fruto de muitos dias sem dormir. Aquele, pensei, não iria durar muito mais tempo.

— Novidades? — perguntei, sentando-me a seu lado.

O ecrã mostrava uma paisagem deserta, pintada da cor do sangue.

— Nem imaginas. Ora, presta atenção — tocando em alguns comandos, a imagem mudou para mostrar um ângulo do mesmo cenário. Percebi que se tratava de uma gravação efectuada durante o turno dele. As horas piscavam, persistentes, no canto superior esquerdo, sobre uma faixa que continha também o número do *rover* e a identificação geográfica da sua localização. O robô avançava por um corredor formado de paredes caídas, varrendo com o seu sensor o campo em passagens contínuas de 180 graus. O resultado visual aparecia em escarlate porque a pesquisa se conduzia no intervalo dos infravermelhos. Desde a invasão, pouca fora a luz que caíra sobre aquela porção da Terra. O Sol era uma memória de dias passados, e, segundo os climatéricos, permaneceria um sonho durante ainda muito tempo.

Prestei a atenção pedida, sentindo os olhos começarem a ficar cansados, devido à má nitidez e à monotonia da imagem. No meu turno, eu tinha sempre o cuidado de programar o visor para, a intervalos regulares, ir modificando artificialmente o colorido — apenas para quebrar a rotina. Segundo constava, Pietr mantinha o vermelho desde que se sentava até que saía.

Então, algo se moveu ao longo de uma esquina.

— Viste? Viste? — perguntou logo o meu colega, com um entusiasmo expansivo.

Pisquei os olhos, enquanto me deixava engolir pelo choque da revelação. Eu tinha visto alguma coisa mover-se entre as ruínas.

— Era outro *rover*?

— Claro que não! Ou julgas que não investiguei? Não meu rapaz. O que ali apareceu não era nosso.

— Passa isso de novo.

— Estava só à espera que pedisses... — com mais alguns comandos, Pietr fez a gravação retroceder, e começar de novo, mas mais lentamente. No canto esquerdo, os segundos passavam artificialmente devagar. Chegado à parte que nos interessava, Pietr abrandou a velocidade, e as imagens sucederam-se uma a uma. No preciso instante que o varredor de visão do robô captava o beiral de uma casa que fazia esquina, ao fundo, qualquer coisa quase irreconhecível se recolhia apressadamente na parede. Pietr retrocedeu e passou mais uma vez a gravação. Quando a coisa ficou à mostra, parou de imediato o ecrã e ampliou-o. A mancha brilhante cresceu, até preencher por completo o pequeno rectângulo. Era apenas isso: uma mancha, sem contornos. Praticamente irreconhecível. E no entanto, se desse voz àquela sensação na nuca, nascida de anos e anos gastos em frente a um visor de infravermelhos...

— Bem, o que julgas que seja? — inquiriu o meu colega.

— Uma cabeça? — arrisquei.

— Foi o que também pensei. E eles — apontou indiscriminadamente para a multidão dos outros técnicos, sentados, como nós, defronte das suas únicas janelas para o mundo. — Pode nem ser. Mas uma coisa é certa: para emitir tanto calor, aquilo tem de estar vivo.

— Mas o que poderia sobreviver ao inferno de lá de baixo?

— Eis a questão, meu caro. Eis a questão. — Fez avançar muito rapidamente a imagem. — Logo que notei o movimento, ordenei ao *rov* que iniciasse a perseguição. No entanto, ao dobrar a esquina, o que encontrou foi isto... — Deteve a gravação. Via-se uma viela semiobscurecida, cujo pavimento estava coberto de marcas com a forma de pegadas, que convergiam para o horizonte, e se detinham junto a um buraco na parede lateral.

— Então sabemos que é humano.

— E que não é nada vagaroso. Examinámos as pegadas sob a acção de luz visível, e chegámos à conclusão que o sujeito deve medir pouco mais que um metro e trinta, e pesar trinte e três quilogramas. Muito pequeno, muito ágil. Como uma enguia.

— Um metro e trinta? — ponderei. — Será um anão?

— Ou uma criança.

A ideia atingiu-me como uma bofetada. Recordei uma criança, um

peso nos braços, o conforto de uma voz pequena que nos sussurra de leve ao ouvido antes de adormecer. Uma criança numa fotografia. Vermelha, uma fotografia vermelha. Sangue. Não te voltarei a segurar nos braços, meu filho.

Será?

— Hei! Passa-se alguma coisa?

— Não, não... — recompus-me a custo. *Não fiques com esperanças! Ainda não têm a certeza!* — Conseguiram descobrir mais alguma coisa?

— Se tivéssemos, dir-te-ia. É tudo o que temos até ao momento. O sujeito desvaneceu-se.

Houve uma comoção simultânea por toda a sala.

A entrada do oficial de dia que vinha substituir o seu colega marcava o final do turno nocturno. Os técnicos aproveitavam para se despedir dos colegas e ir ocupar os seus aposentos, que seriam porventura os mesmos que aqueles que agora entravam em serviço haviam habitado nas passadas horas. Despedi-me de Pietr, com o conselho amigo de que fosse descansar, e sentei-me à consola. O rov estava parado, aguardando os meus comandos. Efectuei uma rápida leitura pelo *status*: os sistemas estavam prontos, desde o de alimentação ao mais pequeno refrigerador de processadores. A bateria estava a ficar gasta, mas continha ainda muitas horas de utilidade antes de atingir o mínimo de segurança. Só necessitava das ordens do dia. Geralmente, costumavam ser entregues em envelopes ou direccionadas pessoalmente pelo oficial. Hoje, contudo, pela postura do tenente, e pelo modo como enfaticamente clareava a garganta, havia a indicação que iria ser transmitido um comunicado. Começou o tenente:

— Senhores — (éramos civis, engenheiros de comunicações, pelo que não merecíamos ser tratados como homens de armas; no entanto, o rigor da disciplina não se fazia excluir da voz do orador) —, suponho que já tenham sido informados pelos vossos colegas do turno anterior da descoberta peculiar que efectuaram. Não sabemos do que se trata. Pode ser uma pessoa, um homem sobrevivente ao holocausto... uma hipótese a ponderar, se bem que pouco plausível, atendendo às condições da superfície. Pode ser também um ardil. Um ardil dos H'roar. Lembrem-se que não conhecemos o aspecto deles, nem as suas intenções. Só sabemos do que são capazes... infelizmente.

«Não quero, portanto, que alimentem esperanças ou saudosismos fúteis. Muitos de vós tinham aqui as vossas famílias. É lamentável, tanto mais que não há nada que pudéssemos ter feito, se tivéssemos adivinhado as suas intenções. Não quero que pensem, não quero que formem ideias preconcebidas sobre poderem os vossos familiares estar vivos, lá em baixo. Pensem antes na forma de existência que teriam, se estivessem. Pode surgir uma necessidade de intervenção a todo o momento. Nessa altura, conto com a vossa total e imediata colaboração.

Ergueu um comunicado:

— A decisão do Alto Comando é a de concentrarmos os esforços num raio de dois quilómetros a partir do local do primeiro contacto. Vamos formar grupos de dois ou três, e distribuí-los de forma a cobrir o máximo de terreno possível. Jason, Borowitz, secção 35 A. Loneman, Halbate, secção 27 C...

Introduzi a coordenada de destino no *rover* e deixei-o avançar em automático, mas não podia parar de pensar que, se o sujeito era realmente uma criança, nunca esta se exporia no meio das ruas gratuitamente. Antes, haveria de avançar por túneis e passagens, e canos de esgoto. Pelos buracos onde as criaturas pequenas se escondem.

A questão era: como penetrar nesse labirinto? Os *rovers* estavam fora de questão: eram muito pesados e descomunais. Apesar de extremamente capazes para espionagem ao ar livre, tornavam-se completamente inúteis em interiores. Precisávamos de uma arma veloz e insinuada, que fosse capaz de se enfiar nos mais escondidos recônditos, uma serpente mecânica transportando uma câmara simples e uma lanterna para iluminação. Surgia-me à mente a sua forma esquemática. De súbito, uma imagem definida, ganhou um nome, e um local onde a encontrar.

Chamava-se, muito apropriadamente, *lagarta marciana*. Era um tubo maleável que avançava sobre uma dúzia de rodas, e que era controlado por uma inteligência artificial reduzida, capaz de contornar obstáculos e decidir qual o melhor rumo a seguir. Tinha sido utilizada para a exploração à distância dos terrenos de Marte, e com óptimos resultados. À cabeça, situava-se a câmara necessária. Só faltava a lanterna, mas a adaptação não seria difícil. O que tornava a ideia tão atraente era o facto de se encontrar uma dessas lagartas na nave, algures no armazém. Lembrava-me de ter visto a sua designação na lista de carga.

Ainda não estamos mortos, H'roar! Ainda voltaremos para nos vingar!

Chamei o oficial de dia.

O Olho estava à espera dela quando se enfiou no túnel.

Não o vira, a princípio. Julgara que se tratava de mais um despojo, igual aos montes de lixo que ali se formavam, cobertos por uma camada de poeira branca. Estava mais preocupada com o seu estômago vazio, e com os protestos que ele frequentemente lançava. Mas não tinha tido sorte: apesar de vasculhar o armazém de cima a baixo, não encontrou nada comestível. A não ser ratos, que teve de afastar aos pontapés dos restos putrefactos de carne. Receava o dia em que o desespero fosse tal que a levasse a contemplá-los como um manjar sem preço.

Então, uma luz acendera-se nas suas costas, projectando sombras

agressivas contra a parede.

Não se virara. Lançou-se de imediato sobre a cobertura de um monte próximo, e tornou-se tão despercebida quanto podia. Já aprendera que, em caso de dúvida, ninguém deve ser pressuposto amigo.

Caiu um silêncio de trevas. Cortavam-nas, apenas, a lâmina de luz branca que atingia o chão, a seu lado; e também (como conseguiu perceber, apurando o ouvido), o tremer suave da maquinaria a funcionar.

Arriscou uma espreitadela. O Olho continuava no sítio, apontado na sua direcção. Interrogou-se de onde teria surgido. E o que seria. Provavelmente, algo derivado dos cães. As coisas tinham mudado desde que tinham aparecido.

A trovada súbita de metal fê-la dar um salto. O Olho movera-se, e fizera derrubar um pilha de latas. Apurando a vista contra o brilho insistente, conseguiu distinguir a forma da besta: uma longa serpente que se apoiava sobre rodas. E que avançava para si.

A miúda saltou do esconderijo e correu para o fundo do túnel. Havia, junto à parede, uma abertura que conduzia a um esgoto, através do qual poderia aceder ao seu canto privativo. Olhou para trás, para saber do paradeiro do Olho, descobrindo, com alarme, que continuava a persegui-la, e a uma velocidade incrível.

Enfiou-se pelo buraco, mal o viu, indo cair numa poça malcheirosa. O eco ressoou por toda a extensão do esgoto, até ao infinito. Qualquer tentativa de passar despercebida pelo máximo tempo possível tinha sido completamente gorada. Se continuasse assim, recriminou-se a si própria, em pouco tempo teria todos os cães do mundo à sua procura. Apressou-se a levantar-se e correr, na direcção que tão bem conhecia. Um *splash* semelhante ao seu indicou-lhe que o perseguidor continuava no seu encalço.

Esquerda, direita, esquerda, esquerda... indicava o seu cérebro quando atingia as intersecções. Fora obrigada a decorar o caminho, na eventualidade de surgir uma situação como a presente. Normalmente, guiar-se-ia pelos entalhes que fizera nas pedras, e que tinha de apalpar para os decodificar. A luz era escassa; escorria pelo tecto como farrapos mortos de massa vegetal, mas em número tão reduzido que não proporcionavam mais que um ligeiro alívio ao esforço dos olhos. Ela guiava-se pelo eco e pela experiência, principalmente. Se não pudesse confiar em si própria, em quem confiaria?

Atingiu finalmente o objectivo: uma grelha na parede, que fazia a conexão com o sistema de aquecimento do edifício superior. Estava presa pelos ganchos, como sempre a deixava. Abriu-os, pousando a grelha no chão, olhou demoradamente para ambos os lados, apurando o ouvido à escuta do ruído suave de maquinaria e de rodas a triturarem a água; como se não escutasse nada, passou para dentro e trancou a grelha atrás de si. Pronto, pensou. Agora não poderá seguir-me.

Contudo, não se afastou imediatamente. Queria ter a certeza que o Olho não encontraria a grelha, nem desconfiaria que ela estava do outro lado. Não havia mais nenhuma barricada que fosse tão forte quanto aquela, nem outra saída tão disponível. Se fosse apanhada no seu canto privado, não teria para onde fugir. Era mais seguro estar alerta...

Os segundos passaram, anunciados pelo pingar ferrugento de lágrimas em metal. Acumularam-se, como as gotas se tornaram na poça, e formaram minutos. Nada. Nem o mínimo ruído, nem o mínimo sinal de luz. Tinha-o eludido. Provavelmente, tomara a direcção errada em alguma das intersecções anteriores, e estaria agora a centenas de metros de distância, separados pelas grossas paredes de túneis. Ela não pretendia utilizar aquela saída nos tempos mais próximos. A criatura (ou fosse lá o que fosse) haveria de se cansar e perseguir outra vítima.

Os últimos metros foram conquistados com lassidão. Sentia-se exausta e esfomeada. O estômago protestava a cada passo, incomodando-a e enfraquecendo a sua resolução um pouco mais, a cada instante. Era um círculo vicioso: tinha de se mover para encontrar comida; quanto mais se mexia, mais fraca ficava, e mais vontade tinha de se enroscar numa pequena bola e adormecer.

O estuque derrubado mordeu-lhe de novo os joelhos. Parou para os esfregar com um bocado de cuspo. Ardiam-lhe. Tinha as pernas cobertas de chagas; já tentara enrolar tiras de pano em torno delas, mas não duraram. Se não era o roçar pelo chão áspero que as danificava, era ela própria que, notando que elas se emporcalhavam de poeira e lama, as arrancava, temendo que infectassem as feridas. Estava tão absorvida com a contemplação das suas pernas que só notou o Olho quando estava quase sobre ela.

Foi um movimento mais apressado que o denunciou. A miúda precipitou o olhar directamente na sua direcção — e foi recebida com um clarão intenso, que a atingiu em cheio no rosto. Momentaneamente cega, projectou-se para trás, voltando a enfiar-se no buraco por onde passara, enquanto dava pontapés no ar, com toda a força de que ainda dispunha — acto que só lhe valeu mais arranhões e nódoas negras, pois a criatura manteve-se a uma distância segura.

Como a descobrira? Interrogava-se incessantemente, enquanto escapulia de volta ao compartimento da grade. Mas da sua cabeça nenhuma resposta surgia; só a concepção grotesca de uma força demoníaca e onnisciente que estaria por detrás de tudo o que recentemente acontecera, e à qual jamais conseguiria fugir.

Atirou-se de encontro à grade, ávida da protectora escuridão que se multiplicava no outro lado. Sentiu a mordidela de ferro nas mãos pequenas, abrindo caminho por entre a derme e a epiderme, à procura de sangue. Era mais difícil abrir os ganchos por dentro, e o pânico não ajudava. Com a

mão já coberta de sangue, conseguiu finalmente soltar um. No preciso momento em que fazia mover o segundo, o Olho saltou para o compartimento.

Ela correu e refugiou-se no canto mais afastado, nunca desviando o olhar da criatura. Esta não se moveu. Parecia esperar que o ataque da miúda terminasse, que os pontapés no cascalho e os gritos dessem lugar a uma imobilidade de estátua, e no lugar dos olhos crescessem dois globos de vidro negro, que a manteriam presa e entorpecida. A miúda começou a hiperventilar, levada pelo terror. Situava-se na berma da inconsciência, quando a criatura desligou o farol.

— Não tenhas medo. Sou amigo.

Ela falara! A criatura falara consigo. A voz era rouca e pouco audível, entrecortada por estalidos e restolhares. Como... um rádio mal sintonizado?

— Não tenhas medo. É apenas um robô. Eu sou humano. Estou a controlá-lo à distância, de uma nave espacial que está parada sobre este local. — Aproximou-se. A miúda encolheu as pernas. — Chamo-me Artur. E tu, como te chamas?

Falara num tom mais brando, agora. Contudo, não pareceu surtir qualquer efeito junto dela.

— Onde está a tua mãe? E o teu pai? Estás sozinha, aqui? Deves sentir-te muito solitária. Mas não te preocupes. Agora, está tudo bem. Nós vamos aí buscar-te.

Com as últimas palavras, ela animou-se um bocado, mas recolheu-se no momento seguinte — como se quisesse acreditar, e no entanto tivesse receio de ser enganada. Não era para admirar, pensou Artur, nos comandos. Perguntou-lhe:

— Posso acender a luz, para te poder ver?

Abanou violentamente a cabeça.

— Está bem — concedeu ele. Era o primeiro sinal de comunicação. — Posso...

— Vai-te embora! — gritou subitamente a rapariga, revelando uma voz enfraquecida e desabituada pela falta do uso. Foi-se fortalecendo à medida que gritava: —Vai-te embora! Vai-te embora!

Artur ainda quis lançar qualquer palavra de conforto, mas considerou ser melhor dar meia volta e abandonar o compartimento em silêncio.

— O que sabemos dela, afinal? — perguntou, de trás da sua secretária, o capitão da nave, Jim Yung. Folheava distraidamente as fotografias da rapariga que a câmara havia tirado no complexo de esgotos. O seu aspecto era desafogado e calmo, como se estivesse num campo de férias. O compartimento dele parecia, de facto, um desses campos, notei

com inveja. O ar apresentava-se limpo e fresco, em muito diferindo daquele que suportávamos nas nossas camaratas, que cheirava sempre a suor e a peúgas sujas, por muito que se intensificasse o trabalho do ar condicionado. A um canto, fervilhava uma chaleira com café de onde provinha o aroma suave que se espalhava pela atmosfera. As próprias cadeiras eram estofadas: sentarmo-nos nelas era como cairmos num ninho de nuvens. Eram ainda melhores que as do centro de comunicações, e nessas passávamos dezoito horas dos nossos dias, a olhar fixamente, como doidos, um painel electrónico. Que trabalho esgotante executaria o capitão, para merecer tamanho conforto, com o adicional de possuir um leito reclinável, num segundo aposento mais privado (podia distingui-lo pelo canto do olho), para poder descansar quando as coisas se tornassem difíceis? Apostava que, se analisasse de perto, poderia notar a marca de graxa de botas no bordo da secretária...

Charles pigarreou; a cabeça, como de costume, mantinha-se baixa.

— Na verdade, não sabemos nada. Apenas o que podemos deduzir pelas fotografias. E pelo encontro. Sabemos que ela é da região: respondeu-nos na mesma língua. O sotaque, e o modo de falar, revelou-nos que pertencia à parcela pobre (exterior ao Muro, portanto) da capital, que deve ser a razão por que a miúda conhece tão bem o sistema de esgotos...

O homem devia ser idiota!, pensei. Não se tornava imediatamente evidente que tinha sido o desespero a remetê-la àquela existência, e não a sua educação? Contudo, mantive-me calado. Charles era, afinal, o meu chefe.

— Não é com isso que me preocupo — cortou Jim. — Como é que ela sobreviveu? O que a tornou imune às radiações?

— Mas, meu capitão, ela não é imune às radiações. Se examinar com cuidado, pode verificar que a miúda não possui já uma porção de cabelo, e que o restante se encontra bastante fraco. As suas gengivas estão a inchar. Sinais claros da avitaminose e algum envenenamento por radiação. Se não se tornou mais intenso, foi devido à forma como os H'roar atacaram: doses concentradas, e pouca dispersão posterior. Mostra também indícios de não se alimentar há tempo significativo, pelo que também não foi muito vantajada a ingestão de alimentos contaminados.

— Muito bem: ela não é imune às radiações. Mas sobreviveu até agora, e foi a única. Porquê?

Foi neste preciso momento que, contrariando todas as recomendações para uma boa saúde profissional, passei à frente do meu chefe.

— Capitão, se me permite, a única resposta possível parece ser que a miúda estaria protegida em algum local, bem longe do centro de devastação, ou mais provavelmente num subterrâneo, pelo que não teria sido apanhada pelas primeiras ondas de choque. Por outro lado, não podemos afirmar com

segurança que ela seja, ou tenha sido, a única sobrevivente. A sua descoberta foi meramente accidental... deveu-se a um erro da parte dela. Por sua própria iniciativa, jamais se teria apresentado aos nossos *rovers*. E porque deveria? São máquinas de exploração, comunicando em um sentido apenas: da superfície para nós. Partimos do pressuposto que não teriam ficado sobreviventes e agimos nesse sentido. Se (e era um grande «se» há algum tempo atrás) estes existem, de facto, pode imaginar quais serão os seus sentimentos... ou talvez não possa. Talvez nenhum de nós o possa realmente imaginar. A última coisa que farão será tentar aproximar-se das nossas máquinas.

Charles lançou-me um olhar que só consegui classificar como indescritível; pela primeira vez na vida, senti-me como se sente um alvo, nos segundos que antecedem o disparo da pistola apontada em sua direcção. Engoli em seco, incomodado.

Jim foi mais ameno. Não era para espantar: eu não estava em posição que o pudesse ameaçar, e mais, dava-lhe as respostas que ele queria, directa e prontamente, sem rodeios.

— Está, portanto, a dizer que fizemos tudo errado?

— Claro que não! Na contingência do momento, a solução foi a mais acertada. Mas agora as condições mudaram. Temos consciência de que pode haver sobreviventes. Precisamos de enviar homens para a superfície, para investigarem a sua própria iniciativa.

— Homens? Você quer mandar pessoas para aquele inferno? — quase gritou o meu chefe.

— Acalme-se, Charles. Diga-me, Artur: quem é que você mandaria para a superfície? Quem quereria ir? É um local desolado, sujeito a mudanças bruscas de radiação, conforme os ventos soprem; está possivelmente coberto por um manto de germes criados pelos H'roar, e sabe-se lá que outros horrores. E temos protecções tão fracas... Você iria?

O olhar de Charles assumiu outra atitude felina: o predador presenciava a caça presa entre as garras, e a sua fome de vingança era tal que nem se importava que as garras fossem as de outro.

— Sim, capitão. Eu iria — e no momento em que abri a boca, percebi a força da minha determinação. — Eu, e todos aqueles cuja vida pertencia ao país debaixo dos nossos pés, que nele tinham as suas famílias, os entes amados, um passado. E que perderam tudo. São esses os homens que irão.

A luz, viu-a quando esta atravessou o túnel a correr, num relâmpago apressado que mal se apercebia. Gradualmente, foi aumentando de intensidade. Os relâmpagos tornaram-se mais demorados, até se fixarem num único e contínuo brilho, que crescia ao fundo do corredor, vindo de

uma fonte desconhecida, mas em aproximação.

Ela conhecia o objectivo da luz. Sabia de onde vinha, e porquê. Não tinha quaisquer dúvidas que a encontraria no seu pequeno espaço, debaixo da chaminé negra. Pensou em fugir, mas não o fez. Algo nela lhe dizia para esperar. Algo a fazia desejar o encontro, com uma potência escondida diferente de tudo o que experimentara na curta vicia. Mas não conseguia parar de tremer de medo; não se conseguia controlar.

O Olho encontrou-a após algum tempo de errância; não lhe disse nada. Limitou-se a penetrar pela abertura seguido pela longa cauda suportada por rodas. Houve um largo momento de silêncio.

— Olá — cortou, por fim, a máquina. — Estou de volta. Já me aguardavas.

Não tinha sido uma pergunta, mas ela respondeu que sim.

— Sei como te sentes. Mas não tenhas medo. Sou teu amigo. Somos todos amigos, a bordo desta nave. Um dia, tens de vir conhecer-nos.

— Quando? — lançou ela, numa vozinha desabituada, mal audível.

— Em breve. Mas antes temos de saber certas coisas sobre ti e o que te aconteceu. Para sabermos como te poderemos ajudar melhor. Podias começar por nos dizer o teu nome.

Da garganta dela veio a custo um conjunto de sons. Só após duas repetições, Artur conseguiu perceber: Liliana. Ela parecia relutante em confidenciar-lhe o nome, como se, ao revelá-lo, estivesse a entregar algo de muito íntimo.

— Liliana? — retorquiu ele. — É um nome muito bonito.

— Foi o meu papá que mo deu — respondeu ela, de abrupto.

— E onde está o teu pai, agora?

— O meu pai — anunciou ela, orgulhosamente, levantando o queixo em sinal de orgulho — vem a caminho para me buscar. Por isso, não vou poder demorar-me muito na vossa nave. Para que não pense que não esperei por ele.

— O teu pai vem-te buscar? — o tom era de incredulidade. — Como? Quando? E quem é ele?

— Vem de um lugar maravilhoso e bonito. Talvez a bordo de uma nave, como a tua. Diz-me: não estará ele aí dentro?

— Não sei. Como se chama?

A miúda fez uma expressão de tristeza.

— Não sei. A mãezinha nunca me chegou a dizer. Chamava-lhe sempre papá. Nunca teve outro nome.

— E a tua mãe, onde está?

— Foi-se embora, abandonou-me. A culpa foi minha. Desobedecei-lhe.

— Não, Liliana. A culpa não foi tua. Nem de ninguém da Terra. Foram extraterrestres que provocaram o cataclismo.

Os olhos da miúda arregalaram-se.

— ETs? A sério?

— Sim, Liliana. Apareceram de boa-fé, mas pelas costas atacaram o nosso planeta. Mais tarde, conto-te a história. Quero, agora, que vás até à parte traseira deste robô e retires com muito cuidado a caixa que aí se encontra presa. Eu aguardo... já está? Ótimo. Agora, abre-a. Como podes ver, está cheia de comida fresca... espera! Sei que deves estar esfomeada, mas deixa-me terminar. Escuta: ao lado, estão alguns remédios e vitaminas. Não franzas o nariz, não é bonito para uma menina bem-comportada como tu. Vou ensinar-te como e quando se tomam. No fundo, tens vários garraões de água limpa, e um relógio, para saberes as horas em que deves tomar os remédios...

— E o meu papá? Está na tua nave?

— Não sei, Liliana. Mas fica descansada que eu vou perguntar pessoalmente a toda a gente se deixou aí uma rapariguinha como tu. Vou mostrar-lhes uma fotografia tua, que vou tirar agora. Mas antes tens de te limpar. Tens de mostrar o teu rosto bonito. Se visses como estás... pareces um daqueles gatinhos quando se rebolam na lama. Abre um dos garraões e começa a...

— Portanto, a miúda é filha de revolucionários? — Jim trincou a ponta de um charuto, e acendeu-o. — Pobre rapariga. Não se pode dizer que tenha tido uma infância calma.

— De facto — concordei. — Pelo que me contou, a mãe era forçada a prostituir-se para alimentar a família, tendo-lhe sido recusada licença para trabalhar como cidadã normal. Aparentemente, o marido pertencia à classe militar, e quando desapareceu, os direitos dela foram automaticamente retirados. Na minha opinião, se tal aconteceu e baseando-me na relativa experiência que tenho desses assuntos, deveu-se possivelmente a que o homem tenha caído em desgraça. Talvez pertencesse à facção antifascista que há menos de uma década foi sigilosamente «varrida» dos meios militares. Quando algo de semelhante acontece... acontecia a um tropa, a família mais próxima, excepto se possuísse meios e um certo *status*, caso em que o escândalo seria discretamente abafado, era punida socialmente durante vários anos. Retiravam-lhes o certificado de trabalho (necessário para se obterem empregos legítimos e reconhecidos pelo ministério competente), o cartão de cidadão, o direito de efectuar compras em centros comunitários, o direito de frequentar clubes e associações, e até cinemas... chamavam-lhes exilados. Na minha terra, reuniram-se todos num bairro próprio e quase nunca apareciam no centro da cidade. À noite, a malta dirigia-se para lá, para ir às putas, ou partir as casas deles. A polícia não os prendia porque, legalmente, aquelas pessoas não existiam.

— Como os «fantasmas» — exalou Jim por entre uma baforada de tabaco tão doce que provocava náuseas.

— Não propriamente. Os «fantasmas» eram aqueles que nunca tinham existido.

— Por obra e graça do Departamento de Assuntos Internos — comentou Charles, meio sussurrando pelo canto da boca. Desde que me encarregara do projecto Liliana que as nossas relações se tinham degradado minuto a minuto.

— Não fui eu que inventei o sistema. Apenas estou a dizer como funcionava — respondi; tinha ficado magoado. Um hábito comum dos meus colegas (e tripulantes da nave, em geral) consistia em olhar os provenientes do país sobre o qual pairávamos como os únicos e verdadeiros culpados da catástrofe que acontecera. Não bastava o estigma de termos nascido sob a alçada dum regime fascista e autocrático...

— Nós sabemos, Artur. Não se exalte — pelo canto do olho, lançou um aviso mudo a Charles, que prontamente recolheu o corpo pesado na cadeira. Por mais que o observasse, não deixava de ficar surpreendido com a disparidade que existia entre a figura encorpada e forte do meu chefe e a sua subserviente personalidade. Era apenas um problema de hierarquias, bem o sabia eu: os subordinados, não sabia controlar; e os oficiais superiores, não sabia dar-lhes a volta. — Dizia que a mãe dela era revolucionária?

— Sim, provavelmente do grupo de Solange, que se preocupava essencialmente com as colónias e com os povos do interior assolados pela fome. De todos, foram os que melhor se comportaram, e os que tinham uma doutrina mais altruísta. Tudo o que o grupo de LaForge fazia era colocar bombas.

Charles ia fazer outro dos seus comentários despropositados, mas conteve-se a tempo.

— Então, poderia ser que algum deles se tivesse escapado? Pelo que sabia, eles tinham esconderijos em subterrâneos.

Ajeitei-me, desconfortado, na cadeira.

— Talvez. Nunca tive nenhum contacto pessoal com algum desses grupos. Não sei. É possível.

— Claro, claro. E sobre o pai dela? Poderá estar aqui na nave?

— Com certeza que não, meu capitão. Do nosso país, para o espaço, só saíam patriotas convictos e com folhas de serviço tão brancas que parecessem ter sido lavadas com lixívia. A maioria deles pertencendo à Milícia do Estado. — Senti a desaprovação de Charles a queimar-me as costas como um ferro em brasa. — Mas não precisam de se preocupar. Não pertencço a nenhum dos grupos. E mesmo se pertencesse... bem, agora já não importa nada...

Caiu o silêncio. O silêncio que sucede ao encerramento de uma peça,

e que dura o tempo que os espectadores demoram a aperceber-se que tinham acabado de assistir ao final. Fiquei surpreendido. Ainda não tínhamos resolvido nada em concreto.

— E agora? — perguntei, antes que pudesse ser dispensado. — O que fazemos?

Jim pareceu surpreendido.

— Mantemos o plano. Continuamos a enviar mantimentos frescos para a Liliana, e a confortá-la, enquanto procuramos mais sobreviventes. O teu colega, Pietr, tem um método de cobertura do terreno...

— E não fazemos mais nada? Julguei que fôssemos transportar a miúda para bordo!

Charles não perderia uma oportunidade para me corrigir. Com ar condescendente, deu-me umas palmadinhas no braço e informou:

— Mas nós não tínhamos decidido esse transporte. Não podemos. Liliana viveu durante muito tempo numa zona radioactiva. Ela própria deve estar contaminada. Se a trouxéssemos para bordo, poderia dar-se o risco de contaminar o pessoal.

— Não, se a colocássemos de quarentena!

— Por outro lado — continuou Charles —, não sabemos até que ponto foram concentrados os ataques dos H'roar. Se, por exemplo, não despejaram também organismos nocivos latentes na atmosfera que nos sejam fatais. Descendo na superfície, poderia, sei lá!, despoletar alguma armadilha e soltar os vírus... é certo que eles não nos proibiram expressamente de voltarmos a colocar os pés naquela terra, mas também não afirmaram o contrário.

— Volto a colocar a solução da quarentena. Resolve ambos os problemas. Vocês não compreendem que temos de a ir buscar? Não leram os relatórios médicos? A Liliana tem um cancro. Está a desenvolver-se rapidamente; no entanto, possuímos o equipamento adequado para a curar, enquanto há tempo. Meu Deus, ela está a morrer, e nós aqui com esta discussão inútil.

— Liliana já está morta — cortou a voz dura, e fria como hélio líquido, de Jim. Sob a sua máscara de severidade, o charuto contribuía com um toque de respeito, um toque que, sem dúvida, utilizava para mais efeito atribuir às palavras. — Estes relatórios médicos — atirou com um maço de papéis para o meu canto da secretária — são relatórios mais exactos e pormenorizados de que os que tu leste. Num deles, na secção cardíaca, há uma menção a sublinhado sobre um conjunto de evidências que apontam para um desarranjo no coração da rapariga. A única e verdadeira razão por que a não autorizo a ser transportada para bordo — concluiu, a expressão tendo empedernido —, é porque Liliana não sobreviveria à viagem.

* * *

O Olho voltou à cave muitas outras vezes. A cada visita, o seu dorso vinha carregado com alimentos e aparelhómetros de análise, dos quais Liliana se queixava, tendo Artur de a persuadir a usá-los, para saberem como a poderiam curar. Não que lhe tivesse contado alguma coisa sobre a doença — como desculpa, utilizava somente os factos que ela própria notava, os que tinham uma explicação simples e uma solução directa, como a fraqueza e o cansaço. A miúda começou a utilizar quimioterapia sem o saber, e a demonstrar melhoras, apesar de, por seu lado, os medicamentos, de tão fortes que eram, lhe retirarem uma parte da sua vivacidade, e enfraquecerem mais o cabelo que ainda lhe restava.

Na verdade, o carregamento era apenas um pretexto de que Artur se aproveitava. Passando progressivamente mais horas defronte ao terminal, atento a cada movimento — tão intensamente absorto que o próprio Pietr ficou preocupado —, controlando o mínimo pormenor de cada expedição, a rapariga trouxe uma mudança drástica à vida do homem. Ele, que perdera a família, perdera o povo, perdera a cultura com que — bem ou mal — se identificava e na qual se sentia em casa, começou a utilizar a parca figura de metro e meio, de pele esticada sobre os ossos descalcificados, como um portão para uma esperança que persistia em fugir. Perguntou-lhe uma vez se conhecia um rapazinho de nome Pedro, com os olhos castanhos e pele muito branca. Morava no lado de dentro do Muro. Ela disse que não, e ele não voltou a perguntar.

Durante as visitas, falavam. Falavam durante horas, contando histórias um ao outro, até ao momento em que ela dizia que precisava de dormir, ou subitamente sobressaltado por uma mão no ombro, ouvia a voz de Charles, vinda de trás de uma cortina de fumo que Artur não conseguia penetrar, a avisá-lo que precisavam do terminal (e ao contrário do que se esperaria, a voz carregava um veio de compreensão e respeito, pois até Charles ficava impressionado com a dedicação extraordinária do seu subordinado). As histórias variavam de temas, e por vezes não eram sequer verdadeiras, eram feitas de frases de contos e tecidos de enredos, a multiplicidade de bicharocos que os escritores têm prazer em dar à luz. Artur ia encontrá-las na biblioteca electrónica da nave, e Liliana recitava de cor as que a mãe lhe ensinara. Quando as histórias se quedavam, esgotadas da correria, cediam o lugar às perguntas e às dúvidas. A miúda nessas ocasiões aproveitava para saciar a curiosidade inesgotável, e o homem enchia-lhe o copo. Perguntou ela como a tinha o Olho perseguido tão bem naquela tarde, após a sua rápida fuga e labiríntico rumo; ao que ele respondeu que, enquanto Liliana se passeava à procura das virtualhas do dia, tinha o complexo de esgotos sido parcialmente explorado, com a ajuda dos mapas da cidade que possuíam. Ficaram a conhecer as saídas e as passagens, e descobriram marcas de permanência de alguém, aqui e acolá. Montaram guarda e esperaram, com muita paciência. E quando ela

apareceu, foi fácil segui-la, porque a lagarta possuía incorporado um microfone muito sensível que a ouviria a quilómetros de distância. De fora, para quem não conhecesse o processo, parecia magia.

Então, ela fez-lhe a pergunta que Artur estava à espera há bastante tempo. O que tinha acontecido, quem eram os ETs, porque tinham provocado a catástrofe. E ele contou-lhe o que sabia. Que meses atrás, um objecto claramente artificial tinha penetrado no sistema solar, a despejar sinais de rádio em feixes laser concentrados. Dirigidos precisamente ao proverbial terceiro planeta, o azulibranco. Não que informassem muito — apenas que (por outras palavras) estendêssemos o tapete vermelho, que estava a chegar uma comissão para estudar as nossas culturas. Pediam informações, mas não concederam nenhuma. Até este dia, não se sabia qual o aspecto dos H'roar, o nome que eles próprios se impuseram e que, supostamente, era apenas um acrónimo simplificado da sua verdadeira definição da raça. E informação tinha sido dada, mas não muita, que os humanos não são de dar sem receber. Enviámos o equivalente a um folheto de turismo. Se ficaram impressionados com as nossas cidades, se encontravam semelhanças entre o nosso planeta e o deles, se respiravam oxigénio e tinham evoluído em oceanos de água líquida, se era a mesma a cor do céu, jamais o saberemos. Ao engolir a informação, portaram-se como um buraco negro: nada de lá saiu. Um dia, porém, notámos que eles se preparavam para entrar na órbita da Terra. Mais comunicados, mais boas-vindas formais foram lançados. Continuou a não se registar resposta. O objecto esférico estava mais mudo que um calhau. A força militar foi então posta de sobreaviso, mas sem muita pompa e circunstância, pois o inimigo era um desconhecido, e não se sabia a extensão da sua força. Como mais tarde se percebeu, tinham tido razão em acautelar-se.

Finalmente (após o que devem ter sido semanas de prolongada análise das nossas emissões de tv e rádio), lançaram o seguinte comunicado, sem pré-aviso: «A vossa raça, apesar de existir há um reduzido período de tempo, demonstrou ser capaz de evoluir das tendências primitivas e conquistar os obstáculos que se deparam à formação de uma consciência social. Por este mero facto, têm a nossa autorização para poderem prosseguir com a exploração espacial, e para a qual vos desejamos sorte. Porém, como espécie moral, continuam primitivos, insensíveis e animalescos. A vossa progressão nesta área revelou-se ser mais lenta. Após longa deliberação, decidimos intervir, aniquilando os centros de maior concentração amoral do planeta, e que constituem sérios empecilhos ao vosso desenvolvimento. O resto é com vocês.»

Minutos depois, objectos cilíndricos eram lançados da nave em direcção à superfície. Um deles atingiu a África Austral, outro uma região do Médio Oriente, três outros foram distribuídos por várias regiões da Terra, incluindo o nosso país [continuava ele]. O país onde Liliana estava,

enfiada num recanto qualquer, longe da mãe. Não percebemos logo o que havia acontecido, em especial eu, que me mantinha enfiado ainda em Luna. Só quando as comunicações cessaram, e os satélites denunciaram os enormes lençóis negros que se elevavam das regiões atingidas, se compreendeu a verdadeira extensão do problema. Mas aí era tarde de mais. Os H'roar partiram, mal a missão tinha ficado cumprida. Nós não tínhamos meios para os seguir — e se tivéssemos, como iríamos retaliar? Coube depois às organizações mundiais conduzirem expedições a cada um dos pontos atingidos. Por sorte, Artur fora destacado para seguir na da sua terra natal; compatriotas seus tiveram de seguir para terras que não conheciam, para contar os mortos que outros choravam.

No fim da narrativa, a miúda estava em lágrimas.

Contavam histórias mais mundanas, também. Histórias de lares e da vida ordinária. Ela queria saber como se passavam as coisas do lado de dentro do Muro, por alguém que pertencera à elite dos papás das limusinas prateadas. E ele, por sua vez, tinha curiosidade em saber sobre o lado de fora, que nunca vira nem conhecera, excepto pelos rumores que corriam. Eles eram os filhos do país dividido; a separação estava-lhes no sangue, na matriz perceptual que filtrava o mundo antes de o mundo penetrar nos seus sentidos. O Muro era outro, agora: a distância física que os separava, a catástrofe. Um Muro informe, mas presente; subjectivo, mas intransponível.

E de vez em quando ela perguntava pelo pai, cujas notícias continuava a aguardar. E Artur, muito circunspecto, respondia-lhe que ninguém ainda havia acusado o apelo da rapariguinha morena e ladina, de nome Liliana, mas que a tripulação era muito grande, e continuavam a tentar.

Foi no dia em que ela desmaiou duas vezes que Artur ignorou os obstáculos da disciplina e irrompeu pelo gabinete de Jim, enquanto decorria uma reunião do Alto Comando.

— Mas o que significa... — principiava um dos generais, tomando a si a voz do ultraje geral. Artur concedeu-lhe a atenção idêntica a uma peça do mobiliário. Só tinha olhos para Jim.

— Veja isto! — atirou com fotografias e gráficos para a secretária do capitão. — Liliana está a morrer.

Jim analisou muito brevemente a resma. O seu rosto ardia de fúria.

— Isso não é novidade. Retire-se.

— Não me refiro à sua condição. Ela está a morrer agora! Se não fizermos nada imediatamente, não se irá salvar.

— A minha decisão já foi tomada. Retire-se, ou mandarei chamar os guardas.

— Não — a sua resposta foi tão peremptória e dedidida que surpreendeu o próprio Artur. Não se tinha apercebido ainda dos extremos a que estava disposto a ir para defender o seu pedido. — Enquanto não ouvir uma permissão da sua boca não me retiro.

— Seja como quiser — Jim preparou-se para executar a ameaça.

Uma mão forte agarrou-lhe o pulso antes de Jim pode ligar o intercomunicador.

— Um momento, Jim — a voz calma e profunda provinha de um dos generais, um homem grisalho e cansado, cujos modos faziam transparecer que a sua vida tinha sido forjada a partir de experiências desagradáveis e decisões muito graves. Apesar de, teoricamente, ele não ser mais importante que qualquer dos outros participantes na reunião, era fácil adivinhar que a autoridade real lhe pertencia. Bastava notar-se a maneira como os outros se calavam para o ouvir e atentavam nas suas palavras. Até Artur se acalmou, analisando, perplexo, a nova variável desconhecida entrada na discussão. O general acercou-se dele. — Quer contar-nos do que se trata?

Artur, ansioso, contou-lhe, quase a tremer, em poucas palavras, o cerne dos seus pedidos nas últimas semanas, e das respostas de Jim. Falou-lhe sobre a miúda e sobre a saúde precária dela, que tinha desmaiado por várias vezes naquele dia, e que não estava a conseguir levantar-se. O general ouviu atentamente o resumo; no fim voltou-se para Jim, e disse-lhe, traindo a intensidade da sua comoção pela dicção incerta, e pelo início de uma maré alta de lágrimas nos seus olhos saturados

— E você teve a ousadia de nos ocultar a situação, todo este tempo? Uma criança morria naquela terra desolada, e você sem fazer nada?

- Com todo o respeito, meu general, o incidente com os H'roar ceifou milhões de vidas; todos nós perdemos de uma forma ou de outra, algo ou alguém. Se formos parar por cada pessoa que...

— E porque não pararmos? E porque não? Não era esse o nosso objectivo principal? Salvar vidas. Eu, que combati em muitas guerras, e vi muitas mortes, algumas horríveis e asquerosas, sei por experiência que não se pode salvar ninguém. Esse é o trabalho dos padres e da Igreja. Mas, se pudermos ajudar uma que seja, uma das mais pequenas almas, o mais minúsculo ser, então teremos cumprido a nossa tarefa, com tanta glória e honra como a que se adquire no campo de batalha. — Pousou uma manápula no ombro de Artur. — Quando pode partir?

— Imediatamente, senhor. Mal esteja pronto o equipamento de que necessito.

— Forneçam-lhe tudo quanto ele precisar. Devia haver mais gente como você — confidenciou-lhe o general dos olhos cansados.

* * *

Não eram as ruas da minha infância. Por elas, ninguém fizera soar os seus passos, nenhum carro as atravessara, buzinando furiosamente ao transeunte mais distraído, e contornara as esquinas à pressa, aborrecido com as irregularidades do piso. Fantasmas, talvez; ecos da memória, de ruas gémeas, mas diferentes. Vieras do passado com as cordas da roupa a pingarem lágrimas no chão de há vinte anos. O espírito da morte sobrevoara-as de longe, e tinha-se afastado, temendo o que nelas se escondia.

E o que nelas se escondia era a ausência. A alma ficava cheia de um vazio enorme, invejoso, que acotovelava a luz para os cantos, para se sentar, saciado, com a sua panca acabada de inchar, no meio dos anos mais viçosos. Recordações de beijos, a lembrança de uma pele, da silhueta de dois corpos traçados num só, sobreposta a canivete sobre a cal da parede, que, em outro local, sob outra luz) adoçavam o espírito com o mel da saudade, perdiam aqui todo o vigor ds suas canções. Murchavam, como se estivessem sob a acção de um sol negro impiedoso.

Mas essas não eram sequer as minhas recordações. Eram as de Liliana. As minhas quedavam-se além do Muro, que se mantivera de pé, sobrevivendo à catástrofe, como o último monumento à fatal teimosia do Homem. Memórias de escadarias de mármore, de bibliotecas enormes de tapetes nas paredes e televisões a cores em quase todos os quartos. Adultos em vestimentas garridas e de fino corte, ditando as suas maneiras através do filtro incomodativo das regras sociais. A memória de mim próprio a ser talhado com cinzel de prata, e escalpelo com banho de ouro. O aspecto do meu cérebro, onde se inscreviam as ditas regras, uma por uma, apondo-lhes o regime de precedências. No fundo do horizonte, que não era assim tão longe, havia um Muro e nele um portão. E nunca tive a coragem de ligar um com o outro, e perceber que o último era uma passagem. Que havia algo do outro lado. Gente. Modos diferentes. Pobreza. A ameaça da polícia. A incompreensão da política. Mantive os olhos fechados e a boca calada, e nem notei o muro das minhas pálpebras, porque não sabia o que era ver.

Liliana sabia. Era apenas uma criança, e sabia. E agora estava a morrer.

A passagem era muito pequena. Quando se tratava de uma miúda com oito anos, nada mais se lhe exigia; mas eu tinha quase quarenta, era alto e encorpado, e vestia um fato-robô que me duplicava as dimensões. Arranquei a arade dos gonzos, e depois tentei escavar na parede. Os tijolos saíram com facilidade, quase com iniciativa própria, como se alegres por alguém lhes ter dispensado finalmente uma mãozinha. Mas o que sucedia à câmara inicial era um túnel de pedra. Muito sólida até para os mecanismos do fato. Colocar bombas era demasiado perigoso: podia fazer ruir todo o complexo, e até enterrar a miúda. Não tinha tempo para efectuar uma análise detalhada da estrutura.

Voltei a subir até ao nível da rua. Cercavam-me uma dúzia de *rovers*, aguardando para me ajudarem. Assinalei-lhes o meu ok; estava grato por todos os outros técnicos se terem voluntariado espontaneamente. Havia um espírito de camaradagem, que nem o mais obtuso dos capitães conseguiria quebrar; Jim bem o tentara, no que devia, provavelmente, mais a um arrufo de teimosia em fazer prevalecer os seus propósitos que a um sentimento de maldade inato. Mas tinha encontrado forte resistência; principalmente de Charles. Charles!, de todas as pessoas, a que fiquei mais surpreendido de ver ao meu lado. Que magia estranha, Ana, é esta que nos faz unir, uns aos outros, solidários, quando estamos de rastos?

Sob a iluminação conjunta dos focos dos *rovers*, a atmosfera parecia diferente, mais depressiva. Caía sobre nós um manto de cinzas cinzento, que lentamente nos ia enterrando numa falsa ilusão de neve. À nuvem de onde provinha estacionara por cima de nós, devido a uma mudança nos ventos. Era enorme. Dirigi o foco para lá, mas só consegui atingir um feixe de chuva psicadélica, tombando sobre nós a um ritmo vagaroso e calado. Pelo ecrã de infravermelhos ainda menos via, os rastos fugazes de uns quantos corpos celestes em convulsões de magma. Um cenário tão desolado quanto a paisagem em meu redor.

— O que me aconselham? — perguntei pelo rádio.

Um bocado de estática; depois:

— ... perimenta ir pela abertura Norte. O paredão é menos espesso nesse sítio.

Chamei ao visor da placa facial do capacete o mapa automático, formado por uma sucessão de fotografias que me mostrava o caminho a seguir. Assinalei o fim da transmissão e segui em frente, acompanhado pelos colegas.

O paredão referido era na verdade menos espesso, mas não significava que fosse fácil de penetrar. Poucas aberturas havia, o que nos obrigou a derrubar, em conjunto, uma boa parte. Foi coberto de cinza e poeira, e pedaços de argila e tijolos, que finalmente passei para o interior da casa. O telhado tinha caído; por onde eu pisava, ouvia os estalidos suaves das telhas sob o meus pés, como pequenos insectos a morrerem esmagados. Receava, acima de tudo, o piso frágil. O fato era resistente, mas não ficaria muito saudável após uma queda inesperada de vários metros sobre rocha ou cimento. Avançava cuidadosamente, e lia a cada etapa a estabilidade das pernas do robô.

Cheguei a um novo paredão.

— Más notícias, rapazes. Parece que temos de fazer uma nova escavação.

— Não! Primeiro, olha em redor. Preciso de ver uma coisa.

Fiz girar o capacete, que continha uma câmara em contínua transmissão para a nave.

— Ali! Estás a ver? A parede do lado sustenta-se por se apoiar na da frente. Para piorar, o telhado ainda não ruiu. Se lhe tocas, vão todos abaixo. E podem soterrar a miúda.

— Sim. Ela está no piso inferior. Mas como chegar até lá?

— Ela diz que se esconde perto de uma chaminé, não? Talvez consigas encontrar uma abertura.

Encontrei a construção de tijoleira no outro lado da casa. Não foi difícil; o longo dedo negro ainda apontava para o céu, intacto. Como um aviso; ou uma ordem. A base estava aberta, dando passagem para o piso de baixo. Chamei os *rovers*, e com a ajuda deles conseguimos elaborar um complicado meio de me segurarem e me baixarem, até estar suficientemente próximo do chão para saltar. Eles não me puderam seguir; teria de continuar sozinho, pelos meus próprios meios. Pensei na rapariga que aguentou durante meses entre estas ruínas; sem protecção, sem alguém que a ajudasse, tendo começado a temer, após certa altura, que, de facto, alguém aparecesse, porque esse certamente não seria um amigo. O pensamento confortou-me; se ela conseguira...

Liliana estava a menos de cem metros de distância; ao lado, o Olho (como ela lhe chamava) permanecia de vigília, emitindo um *bip* intermitente para me guiar. Liliana continuava deitada no cascalho, como da última vez que a vira; aparentemente, não se movera. Comecei a apressar-me. Não queria pensar que a miúda estava morta. Que não a conseguira salvar.

Felizmente, ainda respirava, apesar do seu sopro ser tão fraco que se tornava quase inaudível. Não se movia; só os olhos tremiam, viajando de um ponto para outro, incertos do que viam. Mal me notou, quando me aproximei. Delirava. A boca tremia, lançando sons incoerentes e palavras inacabadas. E estava assustadoramente gelada e pálida.

Estendi ao lado o saco-maca que a iria transportar. A viagem planeava ser mais dura que eu pensava, e não tinha sequer apercebido correctamente o obstáculo da falta de passagem, mas eu tinha de conseguir. Tinha. Ou a miúda não iria viver.

Peguei no seu corpo fraco com todo o cuidado, segurando ternamente a cabeça careca na minha manápula de plástico. Quão fria deveria estar a senti-la, contra a sua nuca! Nem sequer lhe era permitido o calor do contacto humano. Estava suja, coberta de rasgões e nódoas. Descrevê-la era como descrever um trapo velho que anda aos pontapés. Só notei a lágrima quando encheu de sal a minha boca.

— Artur, não faças isso! Lembra-te do coração dela! Não vai sobreviver.

— Cala-te, Jim — o projector incidia em cheio nos olhos dela; levantou uma mão para os proteger, muito debilmente. Apressei-me a afastá-lo.

Uma vozinha veio do mundo.

— Artur! Eu responsabi..

— Cala-te. Ela está a falar. — Cortei-o bruscamente a meio, abri o canal áudio ao máximo, e aponte para ela. Mal se distinguia o tremor das palavras do tremor do frio, mas a custo percebi a palavra de duas sílabas que ela murmurava sem parar.

Papá.

— Estou aqui — gritei-lhe, abraçando-a com força contra o meu peito. — Estou contigo, vou estar contigo para sempre. Não chores, querida. Não chores.

Mas não era ela quem realmente chorava.

Deixou de me notar, ainda antes de entrarmos no transbordador. Ao amarrá-la ao sofá de aceleração, olhei profundamente nos seus olhos e percebi que já nada via, excepto a escuridão do seu futuro iminente. Concentrava-se na própria respiração, embrenhada numa luta muito íntima, onde cada inalação era mais uma vitória sobre a morte. Uma vitória, mas não a definitiva. Não passava de um adiamento. Eu sabia, por isso a trouxe. Não queria vê-la morrer numa terra que não lhe pertencia mais.

Não sobreviveu à viagem. Algures ao longo da subida, a respiração apressada deu lugar a uma inalação suave e compassada, por breves instantes, e na boca o traço de um sorriso formou-se. Depois, ficou imóvel. Apenas isso. Um véu passara por ela, e ao passar, o corpo, que era apenas corpo, obrigado pelas contingências terrestres, ficara para trás, abandonado, como ficam as lembranças; mas a alma elevava-se, seguia o véu nas suas asas de linho, e era como, se atentássemos com perseverança, conseguíssemos ver a ponta de uma pequena perna etérea desaparecer pela fuselagem.

A cerimónia decorreu com pompa e circunstância, mas para um reduzido número de presentes. Ninguém queria torná-la um evento de propaganda. Liliana não merecia. Teve o que sempre desejara, dezenas de homens que choraram por ela, num estado quase infantil. Dezenas de papás, que, ao olharem para o seu rosto macio, viam as também minúsculas criaturas das suas saudades. Mas eu não. Era a ti que eu via, Liliana. Não o Pedrinho. Não a Ana. Não a figura sem forma de criança com C abstracto, vítima desta loucura. *Via-te*, Liliana, a minha filha.

Não sei ainda que magia é esta que nos guia. Talvez nunca saiba. É uma tarefa para psicólogos ou poetas, e quem me conhece sabe que não sou nenhum. Mas eu tenho uma hipótese, um sentimento que se destaca de todos os restantes: a esperança. O desejo de que venham dias melhores, com a certeza de que serão, verdadeiramente, melhores. Fomos atingidos, mas não morremos. É nosso dever prosperar, sobreviver, fortalecer-nos.

Ganhar consciência da nossa espécie como única em todo o universo, e deixarmo-nos de questiúnculas planetárias ridículas, que só servem para nos lançar de volta à selvajaria e ao primitivismo. Há mais de trezentos milhares de anos que dissemos que não queríamos mais ser macacos; chegou a altura de assumir a escolha.

E um clía, talvez um dia, possamos voltar a encarar os H'roar em pé de igualdade. E, ao invés de exercer sobre eles a tão merecida vingança que, actualmente, impele os nossos corações para as estrelas, possamos olhá-los nos olhos e perdoá-los pelo mal que nos fizeram.

Esse, será o primeiro dia da verdadeira Humanidade.

ALA ANIMA

para sempre e a Terra

Vagabundear para sempre e a Terra... Quem é o dono da Terra? Queremos a Terra? Devemos vagabundear sobre ela? Quem precisa da Terra deve ter a Terra, estará sobre ela, ficará ali dentro de um pequeno espaço, viverá dentro de um pequeno quarto para sempre...

(Thomas Wolfe)

libertação

peso
dois mil anos abatem-se sobre mim
instante inseguro
teste final ao desenvolvimento de todas as sociedades
tão breve o momento, tão importante o momento
ruge
rugem os motores nas minhas costas
cuspindo tempestades de H₂-O₂ líquidos
monto no trovão dos céus
rasgo
penetro
o infinito
com passos que não são meus
ultrapasso a barreira

levo uma criança no ventre
chama-se Humanidade
e eu sou o seu sonho

«... a confirmação chega até nós neste preciso momento; o transbordador atingiu incólume a órbita circunterrestre. Os astronavegadores informam-nos que em meia hora entrará em contacto com a *Kuan-yin* para desembarcar a última remessa de colonos e matrizes, podendo partir em...»

os viajantes

Matrizes:

Reduziram-me ao tamanho de uma pastilha
minha alma entre muros confinada;
deixei na Terra, abandonada,
a minha carne. Filha
de mãe pobre e pai desconhecido
à nascença minha sorte me fadaram:
dois filhos, cozinha e marido.
Mas eram outros os meus sonhos, e me levaram
para o horizonte distante, tão querido.

Colonos:

Vida nova outro começo, dizia a publicidade
Acreditei: deixei-me ser criogenado
Não me critiquem, só procurava felicidade
Espero encontrá-la nesse lado

Tripulantes:

mantemos a nave em ordem
pelo voo eterno neste mar;
milhares somos, mas é preciso coragem
durante os anos de viagem,
pois morreremos ao chegar.

Piloto ciberumanoide:

Sou o piloto deste Hipersaltador
Abandonei a humanidade em troca
de contemplar a vida das estrelas

com olhos de adorador.
Não tenho corpo, mas sou mais que matriz;
não tenho alma, mas sou mais que humano.
Porque escolhi? Não sei
mas não posso voltar atrás.
Matrizes criogenados e robôs conduzirei
ao destino estipulado
mas também estou condenado.

fluxo

dois milhões de anos
é um bater de coração
no coração da eternidade

rio de dias, de momentos:
a viagem terminou.
no seu leito, o grande vigilante pode descansar.
diz-lhe
que a andorinha encontrou o seu ninho.

chegada

Não há meta Corremos e corremos
e corremos e não temos lugar
para parar No Planeta desembarcados
logo nos vimos desalojados. Um
Sol que morria com pressa de morrer
Um planeta-neto com raiva de viver
a Sós Fugimos Mil anos de intervalo é
pouco para descansar

E assim progredimos

destino

e agora que temos poder
o nosso inimigo

é outro
é certa

E os átomos
E os fótons
E as leis
E o vácuo
 obedeceram.
Bang outra vez!
Vencemos a entropia.

ala anima

Cosmos
Eternamente perdidos
Na última canção de estrelas

Termos de Disponibilização em formato digital da Presente Obra

Termos conformes com a licença *Creative Commons: Atribuição – Proibição de realização de obras derivadas 2.5*, cujo texto, obtido a partir do endereço online <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/pt/>, se apresenta a seguir:

A CREATIVE COMMONS NÃO É UM ESCRITÓRIO DE ADVOGADOS E NÃO PRESTA SERVIÇOS JURÍDICOS. A DISTRIBUIÇÃO DESTA LICENÇA NÃO LEVA AO SURGIMENTO DE UMA RELAÇÃO CLIENTE-ADVOGADO. A CREATIVE COMMONS PRESTA A PRESENTE INFORMAÇÃO "NO ESTADO EM QUE SE ENCONTRA". A CREATIVE COMMONS NÃO PRESTA QUAISQUER GARANTIAS NO QUE DIZ RESPEITO ÀS INFORMAÇÕES FORNECIDAS E RECUSA QUALQUER RESPONSABILIDADE POR DANOS QUE POSSAM RESULTAR DO SEU USO.

Licença

A OBRA (CONFORME DEFINIDA EM BAIXO) É DISPONIBILIZADA DE ACORDO COM OS TERMOS DESTA LICENÇA PÚBLICA CREATIVE COMMONS ("LPCC" OU "LICENÇA"). A OBRA ESTÁ PROTEGIDA POR DIREITOS DE AUTOR E/OU POR OUTRA LEGISLAÇÃO APLICÁVEL. QUALQUER USO DA OBRA QUE NÃO O AUTORIZADO POR ESTA LICENÇA OU NOS TERMOS ADMITIDOS PELA LEGISLAÇÃO DE DIREITOS DE AUTOR É PROIBIDO.

AO EXERCER QUALQUER UM DOS DIREITOS À OBRA PREVISTOS NA PRESENTE LICENÇA O UTILIZADOR ESTARÁ A CONCORDAR COM OS TERMOS DESTA LICENÇA E A ACEITAR VINCULAR-SE AOS MESMOS. O LICENCIANTE CONCEDE AO UTILIZADOR OS DIREITOS PREVISTOS NESTA LICENÇA, EM CONTRAPARTIDA DA SUA ACEITAÇÃO DOS TERMOS E CONDIÇÕES NELA CONTIDOS.

1. Definições

- a. «Obra Colectiva» significa uma obra, tal como uma publicação periódica, uma antologia ou uma enciclopédia, na qual a Obra na sua totalidade e de forma inalterada, em conjunto com uma série de outras contribuições,

que constituam elas próprias obras autónomas e independentes, são agregadas num conjunto. Uma obra que constitua uma Obra Colectiva não será considerada uma Obra Derivada (conforme definido em baixo) para os efeitos desta licença.

- b. «Obra Derivada» significa uma obra baseada na Obra ou baseada na Obra e em outras obras pré-existentes, tal como uma tradução, um arranjo musical, uma dramatização, uma conversão em romance, uma versão cinematográfica, uma gravação sonora, uma reprodução artística, um resumo, ou qualquer outra forma na qual a Obra possa ser remodelada, transformada ou adaptada, com excepção das obras que sejam consideradas Obras Colectivas, que não serão consideradas Obras Derivadas para os efeitos da presente licença. Para que não restem dúvidas, quando a obra seja uma composição musical ou uma gravação sonora, a sincronização da Obra numa relação temporal com a imagem animada (“sincronização”) será considerada uma Obra Derivada para os efeitos da presente Licença.
- c. «Licenciante» significa o indivíduo ou a entidade que disponibiliza a Obra sob os termos desta Licença.
- d. «Autor Original» significa o indivíduo ou a entidade que criaram a Obra.
- e. «Obra» significa a obra tutelável por direitos de autor disponibilizada sob os termos da presente Licença.
- f. «Utilizador» significa a pessoa ou entidade a quem sejam atribuídos direitos nos termos da presente Licença, que não tenha previamente violado os seus termos no que diz respeito à utilização da Obra ou que tenha recebido permissão expressa do Licenciante para exercer os referidos direitos não obstante ter violado previamente os termos da licença.

2. Uso legítimo. Nada na presente licença se destina a reduzir, limitar ou restringir quaisquer utilizações que derivem de um uso legítimo, esgotamento ou outras limitações aos direitos exclusivos do detentor de direitos de autor nos termos do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos ou outra legislação aplicável.

3. Concessão da Licença. Nos termos e condições da presente licença, o Licenciante concede uma licença de âmbito mundial, gratuita, não-exclusiva, perpétua (de acordo com a duração do direito de autor aplicável), para o exercício dos seguintes direitos sobre a Obra:

- a. reproduzir a Obra, incorporar a Obra numa ou mais Obras Colectivas e reproduzir a Obra quando incorporada em Obras Colectivas;
- b. distribuir cópias ou gravações da Obra, exibí-la publicamente, executá-la publicamente e executá-la publicamente por meio de uma transmissão de áudio digital, inclusive quando incorporada em Obras Colectivas;
- c. Para que não existam dúvidas, quando a Obra seja uma composição musical:
 - i. *Pagamento devido ao abrigo de uma licença genérica para exibição.* O licenciante renuncia ao direito exclusivo de cobrar,

- quer individualmente quer através de uma sociedade de gestão de direitos dos artistas (e.g. GDA), os montantes que lhe sejam devidos na sequência da execução pública ou execução pública por meios digitais da Obra (e.g. transmissão pela internet).
- ii. *Compensação devida pela reprodução ou gravação de obras.* O Licenciante renuncia ao direito exclusivo de cobrar, quer individualmente quer através de uma sociedade de gestão de direitos, uma compensação por qualquer gravação criada a partir da Obra (versão “cover”) e de a distribuir, nos termos das disposições de direito de autor aplicáveis.
 - d. *Direitos de transmissão pela Internet e Compensação legal* – Para que não subsistam dúvidas, quando a Obra seja uma gravação sonora, o Licenciante renuncia ao direito exclusivo de cobrar, quer individualmente quer através de uma sociedade de gestão de direitos, um montante para a execução pública da Obra por meios digitais (e.g. transmissão pela internet) nos termos das disposições de direito de autor aplicáveis.

Os direitos acima referidos podem ser exercidos em todos os meios e formatos, conhecidos ou futuros. Os direitos acima referidos incluem o direito de fazer as modificações que sejam tecnicamente necessárias para exercer os direitos noutros meios e formatos, mas o utilizador não poderá fazer Obras Derivadas. Todos os direitos que não tenham sido expressamente concedidos pelo Licenciante ficam assim reservados.

4. Restrições. A licença concedida na Secção 3 acima está expressamente sujeita e limitada pelas seguintes restrições:

- a. O Utilizador pode distribuir, exibir publicamente, executar publicamente ou executar publicamente por meios digitais a Obra na medida em que tal seja permitido pela presente Licença e deverá incluir uma cópia, ou o Identificador Uniforme de Recursos (Uniform Resource Identifier) para esta Licença, com cada cópia ou gravação da Obra que seja distribuída, exibida publicamente, executada publicamente, ou executada publicamente por meios digitais. O Utilizador não poderá criar ou impor quaisquer condições à Obra que alterem ou restrinjam os termos desta Licença ou o exercício pelos utilizadores dos direitos que por via da licença lhe sejam concedidos. O Utilizador não poderá sub-licenciar a Obra. O Utilizador deverá manter intactas todas as informações relativas à presente Licença e à renúncia à prestação de garantias. O Utilizador não poderá distribuir, exibir publicamente, executar publicamente ou executar publicamente por meios digitais a Obra com recurso a quaisquer medidas de carácter tecnológico que controlem o acesso à Obra ou a sua utilização de modo inconsistente com os termos deste Acordo de Licença. O acima exposto aplica-se à Obra enquanto incorporada numa Obra Colectiva, mas tal não requer que a Obra Colectiva, para além da Obra em si, esteja igualmente sujeita aos termos da presente Licença. Se o Utilizador criar uma Obra Colectiva, mediante notificação de qualquer Licenciante, deverá, na medida do possível, remover da Obra Colectiva

qualquer crédito, realizado nos termos da cláusula 4(b), conforme seja requerido.

- b. Se o Utilizador distribuir, exhibir publicamente, executar publicamente ou executar publicamente por meios digitais a Obra ou qualquer Obra Colectiva, deverá manter intactas todas as informações relativas aos direitos de autor que recaiam sobre a Obra e deverá disponibilizar, em relação aos meios utilizados: i) o nome do Autor Original (ou pseudónimo, se for o caso), se fornecido, e/ou ii) se o Autor Original e/ou o Licenciante designarem uma outra parte ou partes (uma entidade patrocinadora, uma editora, um jornal) para atribuição na informação sobre direitos de autor do Licenciante, termos do serviço ou por outros meios razoáveis, o nome dessa parte ou partes; o título da Obra, se fornecido; na medida do possível, o Identificador Uniforme de Recursos (Uniform Resource Identifier) que o Licenciante especificamente determine que está associado à Obra, excepto se esse IUR não fizer referência à informação sobre direitos de autor ou à informação sobre o licenciamento da Obra. Tal crédito pode ser introduzido por qualquer forma razoável, desde que, no entanto, no caso de Obra Colectiva, este crédito apareça, no mínimo, onde qualquer outro crédito semelhante de autoria apareça e de modo pelo menos tão proeminente quanto este outro crédito de autoria.

5. Declarações, Garantias e Exclusão de Responsabilidade

EXCEPTO QUANDO EXPRESSAMENTE ACORDADO PELAS PARTES POR ESCRITO EM SENTIDO CONTRÁRIO, O LICENCIANTE DISPONIBILIZA A OBRA "NO ESTADO EM QUE SE ENCONTRA", E NÃO FAZ QUAISQUER DECLARAÇÕES OU PRESTA GARANTIAS DE QUALQUER TIPO EM RELAÇÃO À OBRA, SEJAM EXPRESSAS OU IMPLÍCITAS, LEGAIS OU OUTRAS, INCLUINDO, SEM LIMITAÇÃO, QUAISQUER GARANTIAS RELATIVAS À PROPRIEDADE DA OBRA, POTENCIALIDADE COMERCIAL, ADEQUAÇÃO A UM FIM ESPECÍFICO, LEGALIDADE, OU AUSÊNCIA DE DEFEITOS LATENTES OU OUTROS, EXACTIDÃO, OU SOBRE A EXISTÊNCIA OU AUSÊNCIA DE ERROS, QUER POSSAM OU NÃO SER DESCOBERTOS. ALGUMAS JURISDIÇÕES NÃO ADMITEM A EXCLUSÃO DE GARANTIAS IMPLÍCITAS, PELO QUE TAL EXCLUSÃO PODERÁ NÃO SER APLICÁVEL AO UTILIZADOR.

6. Limitação de Responsabilidade.

EXCEPTO NA MEDIDA EM QUE TAL SEJA EXIGIDO PELA LEI APLICÁVEL, O LICENCIANTE NUNCA SERÁ RESPONSÁVEL PERANTE O UTILIZADOR POR QUAISQUER DANOS ESPECIAIS, INCIDENTAIS, CONSEQUENCIAIS, PUNITIVOS OU EXEMPLARES, QUE RESULTEM DA PRESENTE LICENÇA OU DA UTILIZAÇÃO DA OBRA, AINDA QUE O LICENCIANTE TENHA SIDO AVISADO DA POSSIBILIDADE DA OCORRÊNCIA DE TAIS DANOS.

7. Cessação

A presente Licença e os direitos concedidos pela mesma terminarão automaticamente em caso de qualquer violação dos termos desta Licença pelo Utilizador. Os indivíduos ou as entidades que tenham recebido do Utilizador Obras Colectivas sob esta Licença, não verão, no entanto, as suas licenças canceladas desde que tais indivíduos ou entidades não deixem de cumprir os termos destas constantes. As Secções 1, 2, 5, 6, 7 e 8 subsistirão à cessação desta Licença.

Nos termos e condições acima expostos, a licença aqui concedida é perpétua (durante a vigência do direito de autor aplicável à Obra). Não obstante o disposto acima, o Licenciante reserva-se o direito de divulgar a Obra sob diferentes condições de licenciamento ou de deixar de distribuir a Obra a qualquer momento; tal escolha, contudo, só pode ser feita desde que não sirva como meio de fazer cessar esta Licença (ou qualquer outra licença que tenha sido ou que deva ser concedida sob os termos desta Licença), e esta Licença continuará válida e eficaz a não ser que seja terminada de acordo com o disposto acima.

8. Disposições Finais

Cada vez que o Utilizador distribuir ou executar publicamente por meios digitais a Obra, o Licenciante concede ao destinatário uma licença à Obra com os mesmos termos e condições que a licença concedida ao Utilizador sob a presente Licença.

Se qualquer disposição da presente Licença for inválida ou não-executória ao abrigo da lei aplicável, tal não afectará a validade ou a possibilidade de execução dos restantes termos desta Licença e, sem necessidade de qualquer acção adicional das partes neste acordo, tal disposição será alterada apenas na medida necessária para que tal disposição se torne válida e executável.

Nenhum termo ou disposição desta Licença será considerado renunciado e nenhuma violação será considerada consentida, a não ser que tal renúncia ou consentimento seja feito por escrito e assinado pela parte que seja afectada por tal renúncia ou consentimento.

Esta Licença representa o acordo integral entre as partes com respeito à Obra aqui licenciada. Não existem entendimentos, acordos ou declarações relativos à Obra que não estejam aqui especificados. O Licenciante não será obrigado por nenhuma disposição adicional que possa resultar de qualquer comunicação proveniente do Utilizador. Esta Licença não pode ser modificada sem a existência de um acordo mútuo por escrito entre o Licenciante e o Utilizador.

A Creative Commons não é parte nesta Licença e não presta qualquer garantia no que diz respeito à Obra. A Creative Commons não será responsável perante o Utilizador ou perante qualquer outra parte por quaisquer danos, incluindo, sem limitação, danos gerais, especiais, incidentais ou consequentes,

surgindo em conexão com esta licença. Não obstante o disposto nas duas frases anteriores, se a Creative Commons se tiver expressamente identificado como Licenciante, deverá ter todos os direitos e obrigações do Licenciante.

Excepto para o propósito limitado de indicar ao público que a Obra é licenciada sob a LPCC (Licença Pública Creative Commons), nenhuma parte utilizará a marca "Creative Commons" ou qualquer outra marca ou logo relacionado com a Creative Commons sem consentimento prévio e por escrito desta. Qualquer uso permitido deverá estar de acordo com as directrizes de utilização da marca da Creative Commons então válidas, conforme sejam publicadas na sua página na internet ou de outro modo disponibilizadas de tempos em tempos mediante solicitação.

A Creative Commons pode ser contactada pelo endereço <http://creativecommons.org>.

